

CÂMARA CASCUDO, O

JORNALISTA INTEGRALISTA

LUIZ GONZAGA CORTEZ

EDITORA GRD
SÃO PAULO - 2002
SEGUNDA EDIÇÃO

O PROBLEMA SOCIAL NO BRASIL É POLÍTICO

“De princípio, quem toma partido, quem participa, mesmo erroneamente, está mais próximo do que quem se omite, seja por motivos pessoais ou princípios filosóficos”. Ivan Maciel de Andrade (In “Integralismo: pecado sem perdão? “, “Tribuna do Norte”, Natal/Rn, p.13, 29.07.1984)

O escritor Luiz da Câmara Cascudo (1898-1986), monumento maior da cultura potiguar, foi um dos maiores divulgadores da ideologia da Ação Integralista Brasileira, movimento político conservador e nacionalista, liderado pelo escritor paulista Plínio Salgado, entre os anos 1932/1937, época em que as posições políticas eram de direita ou de esquerda, comunista ou anti-comunista, fascista ou anti-fascista.

Intelectual consagrado na sua terra, Natal/RN, Câmara Cascudo, ao se tornar o primeiro chefe da Ação Integralista Brasileira-AIB, na “Província do Rio Grande do Norte”, em 1933, já era um nome conhecido nos meios culturais e políticos do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente entre os grupos conservadores. Dentre os grupos conservadores de direita, a AIB tornou-se o primeiro e maior movimento político de massas no Brasil. A Plínio Salgado, Miguel Reale, Menotti Del Picchia, Tasso da Silveira e Gustavo Barroso, juntou-se Câmara Cascudo, já então consagrado como o intelectual maior do Rio Grande do Norte. Por isso, é comum dizer-se que a AIB reuniu a nata da intelectualidade brasileira dos anos trinta.

A partir daí, a militância política na AIB/RN foi coadjuvada com a militância jornalística na imprensa integralista do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente no semanário “A Ofensiva” (mais tarde, em 1936, passou a circular diariamente), responsável pela divulgação das notícias do movimento “verde-amarelo” de Plínio Salgado e do panorama político internacional com farto noticiário simpático ao movimento fascista mundial.

Apesar de não termos conseguido efetuar um levantamento integral das atividades jornalísticas de Cascudo nas hostes da AIB, pois não tivemos acesso a todos os exemplares de “A Ofensiva”, porta-voz dos camisas verdes, podemos assegurar que Câmara Cascudo publicou dezenas de artigos e crônicas em jornais e revistas integralistas.

São variados os temas que Cascudo abordou quando era um atuante político e jornalista integralista, pois tratam não somente da doutrina pliniana, mas, ainda, do marxismo-leninismo, do comunismo estalinista, educação e moral comunista, filosofia chinesa, cinema, música, história do Brasil, fascismo e nazismo.

Além do jornal “A Ofensiva”, Cascudo publicou artigos nas revistas de divulgação do pensamento integralista, como “Anauê” e “Panorama”, esta criada pelo jovem escritor e pensador Miguel Reale, um dos membros da “Câmara dos Quarenta” e chefe de doutrina da AIB. Estudioso dos problemas políticos e econômicos que afligiam o povo brasileiro, que permanece enfrentando os mesmos problemas e acreditando num salvador da pátria,

Cascudo escreveu um artigo sobre “A Dívida Externa do Rio Grande do Norte”, mostrando como foi feito o primeiro grande empréstimo pelo Governo do Estado potiguar.

Como todo integralista, Cascudo foi um jornalista cristão, anti-burguês, anti-capitalista, nacionalista, anti-liberal, contra o banqueirismo internacional que ainda hoje mantém o Brasil numa situação de dependência e escravização financeira.

Em artigo publicado na página três de “A Ofensiva” (Rio, 31.05.1934) sobre o problema social do Brasil, Cascudo diz que “para a burguesia liberal, governar é arrecadar impostos. Que importa o sofrimento dos homens? Que importa o desenvolvimento constante de classes exploradas ao lado de um pequeno grupo de exploradores? Que importa o acorrentamento da nação ao capitalismo estrangeiro? “.

Depois de lembrar que a questão social sempre existiu em todos os tempos, “na luta da aristocracia e a democracia da Grécia Antiga”, o jornalista Câmara Cascudo asseverava que “a luta dos povos é uma luta social permanente em busca do novo equilíbrio perfeito. Por isso, queremos a transformação do Estado num organismo plástico (uma antevisão da transparência de Gorbachev, na ex-URSS?), revolucionário, capaz de atender as novas exigências da vida em sociedade.

E prossegue: “Não queremos negar a evidência. O Brasil é, por si mesmo, uma vasta questão social. Se outras nações, como a Itália e a Alemanha, reagem contra fatores certos de decadência afim de conservarem o esplendor de suas civilizações, no Brasil a reação é ainda mais necessária e premente. É o progredir ou desaparecer de Euclides da Cunha.

“É o dilema que se apresenta a nova geração. Ou seremos capazes de, num gesto viril de mocidade ativa, romper os preconceitos que atravancam o nosso caminho, formar um espírito novo e criador, organizar o Brasil sobre bases moral e materialmente sólidas, ou sucumbiremos debaixo dos escombros de uma pátria retaliada e miserável. Não é fraseado ôco, não é demagogia. É a realidade que se nos apresenta a um exame sincero. O problema social no Brasil é político por excelência. Carecemos de organização em todos os setores das nossas atividades. A agricultura agoniza escravizada ao banqueirismo e um sistema de tributações que constitui uma extorsão legalizada ao trabalho da maior classe do país.

“As populações rurais reclamam higiene, ensino e salários justos. Os operários urbanos pedem trabalho e dignidade. O comércio aspira a uma estabilidade propícia ao desenvolvimento dos seus negócios. No campo intelectual sofremos a invasão de teorias que serviriam para apressar a nossa escravização aos potentados do capitalismo estrangeiro, seja de Londres, Nova York ou Moscou.

A literatura é afeminada ou destruidora.

Os políticos não se preocupam senão com posições mais à mão. “Aprés nous le deluge”.

Nesse ambiente nasce o Integralismo.

Concepção completa de nacionalismo sadio e universalismo equilibrado. Uma filosofia para o Brasil. Uma literatura a serviço da nação. Libertação mental da inteligência patricia.

Um direito como emanção natural dos nossos costumes e das nossas necessidades.

Disciplina para conter o egoísmo dos interesses individuais. Um mestre genial para que não continue acéfalo o lugar de chefe da Nação Brasileira.

Atitude intransigente contra todas as doutrinas e homens que pretendam confundir a trajetória da nossa terra que há de ser grande entre as maiores.

Numa época de ceticismo somos conduzidos pela fé.
Contra a displicência e a dubiedade, contra a ausência de atitudes másculas, envergamos uma camisa verde, simbólica, como um desafio aos inimigos da pátria.

Sorri-nos a certeza da vitória. Hoje, amanhã ou no decorrer dos anos próximos.

O que importa é a vitória. Ela virá matematicamente certa. Pacífica, se for possível, violenta, com sacrifício do nosso sangue, se a tanto formos levados”.

CONTRA PARTIDOS BURGUESES

Luiz da Câmara Cascudo, Francisco Veras Bezerra e Miguel Seabra Fagundes integraram o triunvirato que dirigiu o movimento integralista no Rio Grande do Norte, de julho de 1933 a meados de 1934, quando, efetivamente, passou a chefiar a AIB/RN. Cascudo foi o primeiro potiguar a comandar a AIB potiguar de forma efetiva e titular, haja vista que o professor e historiador Manoel Rodrigues de Melo assumiu a interinidade da chefia integralista local quando Cascudo viajou ao Rio de Janeiro para entendimentos com Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Olbiano de Melo, os dirigentes nacionais do movimento.

Em maio de 1934, Cascudo integrou uma comitiva oficial do Interventor Mário Câmara que percorreu o interior do Estado. O resultado dessa viagem foi o livro de reportagens “Viajando o Sertão”, publicado pela Imprensa Oficial do Estado, em 1934. (A segunda edição , patrocinada pela Fundação José Augusto, em 1975, tem prefácio de Manoel Rodrigues de Melo que, em certo trecho, transcreve parte do artigo de Cascudo, publicado no jornal “A República”, de Natal/Rn, em 04.09.34, em resposta às acusações do político “decaído” José Augusto Bezerra de Medeiros, o “Zé Promessa”, que questionava o fato de um chefe integralista viajar com o interventor.

Vale a pena transcrever o trecho supracitado para se ter uma idéia de como Cascudo, na época, considerava os políticos conservadores e burgueses: “Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os partidos políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de renovação social. Não pertenço a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão da minha atitude, assumida publicamente a 14 de julho de 1934.

Aos camisas verdes de minha Província não dou explicações, porque eles me conhecem de perto. Aos políticos é desnecessária qualquer justificação em contrário às suas afirmativas, porque “política é isso mesmo”.

“O COMUNISMO SEM VIOLÊNCIA
É CÃO SEM DENTES”

Pecar pelo silêncio quando se devia protestar, transforma homens em covardes. A . Lincoln.

A obra cascudiana, apesar de vasta, talvez seja a menos estudada pelos intelectuais do Rio Grande do Norte e do resto do país. Nada foi pesquisado sobre Cascudo, o político. O profundo e extenso trabalho de pesquisas desenvolvido pela falecida poetisa Zila Mamede (1) não abriu nenhuma vereda nesse campo, pois, à exceção de poucas referências a artigos políticos-ideológicos da lavra de Câmara Cascudo, publicados no jornal natalense “A República”, não faz menção a sua atuação como jornalista, militante, dirigente e intelectual da Ação Integralista Brasileira, nos anos trinta.

Câmara Cascudo foi um combativo jornalista anti-comunista do jornal “A Ofensiva”, do Rio de Janeiro, sob a orientação de Plínio Salgado e dirigido por Madeira de Freitas. O anti-comunismo exarcebado, o nacionalismo xenófobo, o anti-capitalismo internacionalista e o misticismo cristão eram as características da ideologia da AIB, que possuía uma estrutura paramilitar, hierarquizada e disciplinada.

Como intelectual integralista, Cascudo tinha que escrever pró-integralismo e contra o comunismo, cujas ações e atividades clandestinas desenvolvidas contra o governo de Getúlio Vargas eram acobertadas pela Aliança Nacional Libertadora-ANL, criada pelo Partido Comunista do Brasil-PCB e integrada, ainda, por grupos de socialistas, democratas liberais e oposicionistas diversos. Portanto, os artigos e crônicas de Cascuda, na sua maioria, versavam sobre os assuntos da atualidade política nacional e internacional, com forte colorido verde-amarelo e um ojeriza latente ao regime soviético, Lênin, Stálin, o Exército Vermelho, a tudo que cheirasse a marxismo-leninismo.

Na época do Cascudo integralista, o Brasil vivia a dicotomia de comunismo e fascismo. Quem simpatizava com o comunismo se filiava ou colaborava com o PC ou a ANL; quem se atrevia a combater o comunismo, o PCB e a ANL, ingressava na Ação Integralista Brasileira-AIB. A maioria dos intelectuais brasileiros era conservadora e estava na AIB e/ou apoiava a ditadura Vargas, nos anos trinta.

Por isso, não podemos analisar a militância política dos intelectuais brasileiros tomando por base os tempos atuais. Antes de Luiz Carlos Prestes, presidente de honra da ANL, lançar o apelo às armas para derrubar Getúlio Vargas, um gesto considerado precipitado e maluco, pois a ANL e o PCB não tinham o apoio das massas populares e as armas dos quartéis, de forma ampla e integral, o escritor e chefe da AIB, Plínio Salgado, em artigo publicado na primeira página de A Ofensiva, em 1001.1935, dizia: “Fala-se hoje em conspirações, em

preparativos de golpes de Estado, em confabulações de políticos, no sentido de apoderar-se, de surpresa, do poder”(2)

Mais adiante, no mesmo editorial, intitulado “Direito da Revolução”, Salgado proclamava: “... Hoje, no Brasil, só duas correntes têm o direito de pretender transformar o Estado: o integralismo e o comunismo. O Brasil e a Rússia. O integralismo, para fazer a independência econômico-financeira da Pátria, sustentando os direitos do Brasil; o comunismo, para fazer voltar o Brasil aos tempos da Colônia, substituindo Dom João VI por Stálin I”. Pode dar vontade de rir, haja vista que o comunismo não é sinônimo de monarquia, mas esse era o estilo do jornalismo político de direita, na década de 30.

No dia 1 de março de 1936, nas páginas 10 e 12, no órgão porta-voz da AIB, Cascudo publicou o artigo “Violência Bolchevista”, em que procurou mostrar que o comunismo é sinônimo de violência, a própria essência do regime soviético sob a égide de Stálin. Os violentos combates travados no Rio de Janeiro e Recife e, em menor grau, em Natal, durante a insurreição de oficiais, cabos e soldados das guarnições do Exército, entre 23 e 27 de novembro de 1935, para derrubar Getúlio, foram vistos com naturalidade, sem surpresas, pelo jornalista Câmara Cascudo, pois, para ele, “o bolchevismo sem violência é cachorro sem dentes - é inofensivo e barulhento”.

Dezesseis meses antes da revolução comunista de Natal, Cascudo publicou em “A Ofensiva” (01.07.34) outro violento artigo contra o comunismo e a União Soviética, com o título sugestivo: “É Mentira!”. O artigo era curto e grosso.

Leiamos-lo:

“A Rússia é um paraíso onde ninguém entra senão depois de atos de fé partidária. É o único país do mundo inteiro que se conserva fechado dentro dos seus limites e gelos, defendendo-se por negação sistemática.

É um céu aberto onde cada dia morrem dezenas de “felizes” moradores que pretendem abandonar éden vermelho e são fuzilados pelas patrulhas que rondam as fronteiras. Somente na Rumânia vivem três milhões de russos que fugiram das delícias soviéticas.

Quando afirmamos esses fatos a resposta dos bolchevistas é uma só ; -- Mentira! Invenção capitalista! Calúnia burguesa!

E não provam nada em contrário. Continuam cerrando mais e mais as suas portas e matando quem se atreve a querer abandonar as supremas alegrias de um regime incomparável.

Ivan Bunin, prêmio Nobel de Literatura de 1933, diz que a Rússia é o inferno vivo dos homens de inteligência. Bunin é russo e era um revolucionário.

Mentira de Bunin!

Henri Bérard diz que na Rússia o povo não pode escolher ninguém para representá-lo. Bérard é socialista radical.

Mentira de Bérard!

Jorge Popof diz que a Rússia está debaixo de uma organização policial sinistra e sanguinária como nunca se pode imaginar.

Mentira de Popof!

Leon de Poncin demonstra como nunca o capitalismo sem pátria e sem alma dominou selvaticamente uma nação como agora a Rússia.

Mentira de Poncin!

Joseph Douillet, que viveu nove anos na Rússia escreve que a opressão oficial, a tortura declarada, as mortes sem processos, são formas comuns na República Soviética.

Mentira de Douillet!

George Le Fevre que a morte das iniciativas russas ante o “moloch” da G.P.U., toco mecanismo de espionagem e esmagamento, são processos oficiais para manter a população na obediência.

Mentira de Le Fevre!

Sergio Petrovich Melganov, da União Acadêmica Russa disse que o regime comunista é apenas o “terror vermelho”.

Mentira de Melganov!

Nilostonski chama o governo soviético de “embriaguez de sangue dirigida por carrascos chineses”.

Mentira de Nilostonski!

Boris Nolde transcreve as ordens de saques às populações do interior a palavra do governo autorizando a violação de todos os direitos humanos, os horrores de outubro de 1917.

Mentira de Nolde!

Trotski acusa Stalin de estar tornando (desculpem se é pouco) um simples fascista.

Mentira de Trotski!
Que será verdade, Deus meu?

A verdade é que a Rússia Soviética é um paraíso onde todos os anjos querem sair...

NOTAS; 1 - Luiz da Câmara Cascudo - 50 anos de vida intelectual - 1918-1968, Fundação José Augusto, Natal/RN, 1970 - 3 volumes.

2 - “Em meados de 1935, a conspiração andava no ar. Sentia-se, respirava-se a revolução, mas tudo parecia o resultado de um estado insuportável de insatisfação geral”, corrobora Leôncio Basbaum, em História Sincera da República, Editora Edaglit, São Paulo, 1962, p. 91.

O INTEGRALISMO É O FASCISMO BRASILEIRO

“Quer queiramos, quer não, o Movimento Integralista teve o seu caráter reflexo e por isso tinha que imitar o comportamento do fascismo europeu. Era uma ação político-social, não admitia partidos, entendia que a nação era um todo único, indivisível, se propunha a fazer uma força paramilitar inteiramente disposta a reivindicar, não só poder para o partido, como também se opor ao movimento comunista, que era muito forte e, sobretudo, muito assustador, da média e da grande burguesia naquela época”.

Ovídio da Cunha, um dos fundadores da AIB no Rio de Janeiro, em depoimento prestado a revista de Ciência Política, p. 149, Vol. 02, agosto de 1985 - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Em 1933, Câmara Cascudo contava com 34 anos de idade (ele nasceu a 30 de dezembro de 1898) e já era um nome respeitado na sociedade natalense que conhecia seus dotes culturais e inteligência, haja vista que começou a atividade jornalística aos dezesseis anos no periódico “A Imprensa”, de Natal/RN, adquirido pelo seu pai, Francisco Justino de Oliveira Cascudo, “unicamente visando o filho, já admirado pela precocidade nas pesquisas realizadas nos sertões de sua terra”. (1)

A sua entrada na Ação Integralista Brasileira/RN, em 14 de julho de 1933, teria sido influenciada pelo seu vasto círculo de amizade no mundo intelectual e católico do Rio Grande do Norte, onde despontavam nomes como Otto de Brito Guerra, Manoel Rodrigues de Melo, Miguel Seabra Fagundes, Ulisses de Góis, dom Marcolino Esmeraldo Dantas e outros.

Na década de 30, o Rio Grande do Norte também passou a sofrer influência da luta pelo poder que se desenrolava em todo o Brasil, numa conjuntura em que a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora, esta fundada pelo Partido Comunista, disputavam a hegemonia política. E Câmara Cascudo viu muitos acontecimentos importantes dessa luta política do alto do casarão em que residia, na rua Junqueira Ayres, nos limites dos bairros Cidade Alta e Ribeira, em Natal, nas reuniões e comícios integralistas, muitas vezes tumultuados pela presença barulhenta dos comunistas. Num casarão situado na praça 7 de setembro, ao lado do antigo Palácio Potengi, sede do governo

estadual, já demolido, Cascudo e os líderes da AIB/RN realizaram muitas pregações aos jovens que por ali passavam.

Um testemunho da época, o falecido escritor e músico Gumercindo Saraiva, escreveu que o Rio Grande do Norte, politicamente, ficou dividido entre Integralismo e Comunismo., “duas facções da política internacional”. Escreveu ele: “O maestro Waldemar de Almeida, diretor do Instituto de Música, teve a sua vida ameaçada por comunistas ferrenhos, viajando incontinenti ao sul do país, após o pichamento da fachada da sua residência em Natal, onde os comunistas, abertamente, entoavam canções internacionais, entusiasmando os operários e alguns incautos da doutrina vermelha”. Acrescenta Gumercindo que “os comunistas cantavam “A Internacional”, insuflados por “pseudos idealistas”, enquanto os integralistas “cantavam em vozes estridentes, mas brasileiros, o Hino Nacional e as canções patrióticas”.

(3)

Datam de 1934 os primeiros artigos artigos de Luiz da Câmara Cascudo no jornal “A Ofensiva”, de acordo com as pesquisas que efetuamos na coleção incompleta do veículo porta-voz da AIB, em nosso poder e que pertenceu ao meu pai, Manoel Genésio Cortez Gomes, comerciante e ex-agenciador de assinaturas do jornal católico “A Ordem”, de Natal e último chefe integralista no RN.

Em 18 de outubro de 1934, Cascudo publicou o artigo “Integralismo é Cópia?“, no qual procura mostrar, em poucas e percucientes palavras que o integralismo era o fascismo brasileiro. Antes, o professor Francisco Veras também afirmou que o integralismo é a fórmula brasileira do fascismo que, onde anos antes, através da revolução feita por Benito Mussolini, tinha tomado o poder na Itália. Hitler já era Chanceler do III Reich alemão, mas ainda não tinha botado as unhas para fora e não se conhecia o caráter perverso e desumano do nazismo. Nessa época, Cascudo escreveu o seguinte:

O Integralismo é Cópia?

“O integralismo não é uma cópia. É a fórmula brasileira do Fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional onde ela é chamada a operar.

Cópia é o bolchevismo teórico de certos internacionais de pacotilha. Cópia é a elegância dos nossos “almofadas”, eternos “faris” das “marionetes” analfabetas de Hollywood.

Nós somos universalmente interdependentes. É uma fatalidade social e biológica. Não creio na autarquia de nenhum povo porque teremos sempre a impossibilidade de conciliar produção com mercados. Se nós brasileiros usássemos o material exclusivamente nacional, teríamos outra forma de civilização. Portugal nos deu o idioma que negros e índios colaboram. A Europa nos manda tipos de indumentos e de idéias. Devendo atender aos reclamos desses aprioristas, falaríamos Tupy, cercando a cultura com a euduape, a cabeça com a acanquatará e na mão o tacape dos Tuixáuas.

Tudo em nós é uma herança de milênios. Vive no menor dos nossos gestos um memorial de gerações anônimas e colaboradoras. Tradições, culinárias, roupas, costumes, artes, tudo

veio de longe, em vias misteriosas ou naturais. Tudo tem passado por um processo secular de assimilação e de acomodação lectivas.

Perguntem ao crítico, que nos diz copiadores, de onde lhe veio o fumo de seu cigarro, a linha do seu traje, a palha de seu chapéu, o corte de seu sapato, o modelo de seu colarinho? Diga que tudo lhe chegou de fora e de longe, hoje ou ontem, em sementes ou figurinos, amostras ou contrabando. Ele não criou nada. O indumento, o idioma, a culinária, folclore possuem leis de circulação e fusão ambientais. São idéias, formas materiais, universais e que pertencem, pela peculiaridade que assumem, a todos os povos.

Assim o integralismo surgiu brasileiro, para cumprir o seu ciclo heróico, sem deixar de ser um pensamento de todos os povos que se renovam. É uma idéia geral mais instintiva como a legítima defesa. Vive em toda parte, mas adquire cambiantes próprios das regiões onde se levanta, como uma afirmativa de fé, ante a matilha troante dos insultadores da Pátria e da raça.

Nós não copiamos nenhum fascismo. Sir Mosley, o grande camisa-negra inglês, já disse entre aplausos, que a saudação romana era um patriotismo comum aos povos cultos. Antes de levantar a mão para o alto do que ter os dedos metidos na algibeira do capitalista ou na jaqueta do operário, pedindo dinheiro ou votos, servos de uma gleba imóvel e com eterno dono - “está-se usando”.

Integralismo é uma força que está em nós mesmos. O raio é a extensão do Brasil. A trajetória é o infinito de nossas almas que se libertaram de todos os terrores “cósmicos” ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça social”.

E Câmara Cascudo não se preocupava apenas com o avanço do movimento integralista no Brasil. Os variados tipos de fascismos eram motivos de abordagens e comentários nas colunas de A Ofensiva. A situação política na Europa, na Turquia (4), no Irã, na antiga URSS, interessava tanto quanto na vizinha República da Argentina, como verificamos no artigo publicado em 15 de novembro de 1934 (p.3), “O fascismo na Argentina”.

“Fascismo na Argentina? Há e bem forte Nós não sabíamos disso. No Brasil, só vivemos a história das greves, dos discursos de Litvinov e da saúde de Stalin. O movimento fascista na Argentina é de combate nacionalista. Logo, não pode interessar as agências internacionais, compromissadas em boicotar todas as manifestações do espírito das pátrias.

Na Argentina há fascismo e aptamente organizado. Há mesmo mais de uma agremiação mas só falarei do grupo principal, a “Legião Cívica”, cujo endereço do “Comando General “é Calle Juan Bautista Alberdi, 3251, Buenos Aires. Estão localizadas as baterias.

A Legião Cívica tem um chefe militar e outro civil. O chefe militar é o general do Exército Argentino Fasola Castano e tem como ajudante o tenente-coronel Emilio Kuiquelim. O chefe civil é o doutor Floro Lavalle. Existe um diretor de Propaganda e de Imprensa, Dr. Manuel Rojas Silveira.

“Os Legionários” usam blusa cinzento escuro, casquete, bandas de couro que se entrecruzam no peito, botas e polainas. Desfilam armados de “casse-tête” e tem pistola no cinto para casos de urgência.

Inúmeros oficiais do Exército e da Marinha, estudantes e camponeses, mocidade das escolas e pequenos proprietários, estão filiados à Legião Cívica. Diversos deputados e senadores tem ostensiva simpatia pelo movimento. Esses senhores se parecem bem pouco com os nossos ilustres legislativos....

O grande poeta nacionalista argentino Leopoldo Lugones é legionário.

A “Legião Cívica” tem tido vários encontros sangrentos com elementos comunistas. Nos desfiles, paradas e concentrações, é fácil a tentativa de distúrbio provocada pelos bolchevistas. O castigo é imediato e eficaz. A brigada de assalto entra em ação fulminante e os “vermelhos” recuam, tocados a pau e a murro.

A “Legião Cívica” se alastra pelas províncias argentinas e tem uma ideologia mais ampla e mais aproximada da nossa que sua congênere chilena, dirigida pelo dr. Julio Schwarzenberg. Também fascista, armada, municada e militarizada.

O mais interessante é o amigo argentino, que me dá estas informações em carta, adiante, risonho: _ Como pude ver, en nuestro país, las ideas fascistas estan más entronizadas que en sua tierra, y goza de las franquicias atual e hasta tiene, más o menos encubiertos, senados y deputados en los parlamentos y camaras...”

Aí está para que servem as agencias telegráficas... Apesar de 300.000 brasileiros provarem a existência e a vitalidade do fascismo no Brasil, com vinte e cinco jornais, Chefia Nacional e departamentos, milícia, desfiles, choques e vítimas, ali em Buenos Aires, pertinho, parede e meia conosco, não se sabe coisa alguma da Ação Integralista Brasileira.

Há ou não um “boicote”?

Do grupo fascista, o da “Revulsion”, que tem atuação menos militar mais intelectual, basta citar o trecho inicial de sua “Declaracion de principios”.

“Somos nacionalistas por razonamiento y por determinismo biologico, pero estamos dispuesto a dejar de serto, si por esto es posible, el dia que nos entreguéis una tea, hecha com las banderas de todas las naciones del mundo, para quemar com ela nuestra nacional: pero antes.... No!”

Sabiam da existência desses companheiros heróicos?

Sabíamos apenas das histórias do senador socialista Bravo, das denúncias contra compra de armas, da literatura esquerdista que invade as livrarias e da imprensa política, unilateral, vesga, materializada e idiota. Dos nossos companheiros “camisas grises” não sabíamos”.

NOTAS: 1) Câmara Cascudo - musicólogo desconhecido, de Gumercindo Saraiva, p.12, 1969, Natal/Rn, edição do autor.

2) Cascudo entrou na AIB por influência do intelectual cearense Gustavo Barroso, muito amigo dele, segundo informação prestada pelo dr. Otto de Brito Guerra ao autor, no primeiro semestre de 1990, durante o lançamento do livro de Nestor dos Santos Lima, “Esqueçam a primavera, irmão” , no Teatro Alberto Maranhão.

3) Gumercindo Saraiva, op. cit., p. 17.

4) Na edição de 5 de julho de 1934, Cascudo saudou a consolidação do regime de Mustafá Kemal Pachá, “o grande ditador da Turquia Moderna, no artigo “Turquia Moderna”.

OS COMUNISTAS SOVIÉTICOS SÃO IGUAIS AOS DE AREIA BRANCA

“O socialismo exige uma enorme tensão de forças, até chegar as vítimas. E são cometidos erros. Eu sei e admito que morreram muitos comunistas honestos. Eu sou o responsável por aquela política e a considero certa. Reconheço que foram cometidos graves erros e exageros, mas em linha geral confirmo que a política estava certa”.

Viaceslav Mikhailovic Molotov, Ministro do Exterior da URSS de 1936 a 1956, em depoimento ao escritor russo Felix Chulev, in ISTO É, p.50, edição de 28.03.1990.

Quem tiver oportunidade para comprar o livro de memórias do legendário herói soviético, Molotov, fiel seguidor e aplicador da política externa da extinta URSS, terá a certeza de que os textos cascudianos publicados na imprensa integralista eram procedentes, verídicos e irrefutáveis. É claro que Câmara Cascudo, integrante da cúpula consultiva integralista brasileira, a Câmara dos Quatrocentos da AIB, escrevia artigos anti-comunistas porque a AIB era anti-comunista, assim como os intelectuais e políticos da ANL e PCB produziam textos anti-fascistas e anti-integralistas. Os comunistas combatiam o imperialismo, o capitalismo, o nazismo e o fascismo.

Segundo informou o falecido advogado potiguar Antonio Soares Filho, que foi chefe da Casa Civil do Governo do Estado do RN, na gestão de Dinarte Mariz (1956-1961), ele também escreveu comentários sobre política nacional e internacional , como correspondente da imprensa da AIB. “Eu mandei notícias daqui para A Ofensiva, mas Cascudo escreveu muito mais do que eu”, lembrou o professor Antonio Soares, que integrou a Milícia Integralista e que não se arrependeu de ter ingressado na AIB com 19 anos de idade, por considerá-la a melhor escola de civismo que o Brasil já possuiu.

Câmara Cascudo foi intelectual admirador do fascismo italiano, não tenho a menor dúvida, pois ele mesmo assegurou que o integralismo é a fórmula brasileira do fascismo. Cascudo também foi agraciado com uma medalha enviada especialmente por Mussolini e que está depositada no Museu Câmara Cascudo, no Centro de Natal/RN. Extinta a AIB pelo golpe de estado de novembro de 1937, Cascudo ainda colaborou em revistas literárias controladas por ex-integralistas, como “Cadernos da Hora Presente”. Mas, logo após o início da Segunda Guerra Mundial, o ex-chefe provincial da AIB/RN foi designado Secretário da

Defesa Passiva Anti-Aérea de Natal, atuando em perfeita sintonia com as autoridades militares e civis brasileiras e americanas.

A maioria dos artigos e editoriais assinados por Luiz da Câmara Cascudo, na época em foi admirador Benito Mussolini e Adolfo Hitler e jornalista integralista, denota a sua preocupação com a União Soviética e o movimento comunista internacional. Em 20 de dezembro de 1934, A Ofensiva, p. 02, Cascudo comenta o tiroteio ocorrido na Praça da Sé, em São Paulo, entre integralistas e comunistas, que resultou em diversas mortes, e culpa os comunistas por tentarem massacrar os “verdes” paulistas. O artigo tem o título “A violência comunista”. Diz Cascudo o seguinte: “Na praça da Sé, os comunistas mataram o comunismo no Brasil... A técnica é a mesma. Sangue, violação, massacre, estupidez e bestialidade. Na pequenina cidade de Areia Branca, no Rio Grande do Norte, os comunistas escreveram a lista das pessoas que deviam ser sacrificadas e a espalharam. São os mesmos em toda parte”. Cabe aos pesquisadores descobrirem essa lista contendo os nomes dos anti-comunistas areiabranquenses condenados ao “paredão” das salinas.

Quatro meses depois do fracasso da insurreição militar-civil, comandada pelos comunistas, em 23 de novembro de 1935, em Natal, Recife e Rio de Janeiro, Cascudo publicou o artigo “Violência Bolchevista”, na edição de 01 de março de 1936 (págs. 10 e 12, do jornal da AIB, cujo texto transcrevemos abaixo:

“Em crônicas repetidas e claras, o sr. Assis Chateaubriand surpreende-se com a violência comunista. É a própria essência do regime. O bolchevismo sem violência é cachorro sem dentes --- é inofensivo e barulhento. A característica russa não é outra senão A GPU, com a sua polícia de choque, seus seqüestros brutais, suas confiscações despojadoras. A violência organizada, sistematizada, erguida em dogma, empoleirada em doutrina, explicada em cursos, é o traço mais veemente da ortodoxia soviética. Lealmente, os chefes vermelhos nunca fizeram mistério desse ritual, agora demonstrado em Recife, Rio e Natal.

Bukarin, um exegeta, altíssimo, explica: “O divisor de águas entre nós e a social democracia é o emprego da violência. Chamam-nos de bárbaros porque empregamos a violência, mas nós existimos com os nossos métodos violentos, bárbaros, não-europeus, grosseiros. Que é que mostrou a prova prática com isso? A prova prática fala a nosso favor e contra seus adversários”.

Stálin ensina: “A violência é uma afirmação de força ante a covardia sinuosa dos nossos inimigos. Só a violência demonstra que somos fortes e que saberemos receber condignamente todas as conseqüências dos nossos atos”.

René Fulop Müller, no agora clássico “Geist und Gesicht des Bolschewismus” (há uma tradução brasileira do prof. Alvaro Franco - “Espírito e Fisionomia do Bolchevismo”), termina seu longo trabalho, confessando:”... O abuso iluminado da violência está íntimamente ligado aos fundamentos do comunismo russo”.

Poetas e escritores soviéticos não cantaram outro tema.

Maiakowski:
“Deveis destruir
Inferno e demônios!
Parti ao meio as chamas!
Avançai sem temor!

Demian Bednyi:
“Fere de morte, fere de morte!
Fere de morte a todos os criminosos do povo!
Operariado: agora também reduz a mingau
Com teus punhos a Deus o fantasma!
Para frente: Triunfo, marchai, marchai!
Para frente! E, tiro, após tiro!
ou então, esse quadro delirante:

“Senhores!
Morrão vocês! Morrão!

Vocês cujos ossos apodrecem na banha: deita-te aí, rafeiro! Carrasco, fecha o focinho!

Vós, sujeira humana feita carne:
Morrei!
Morrão vocês! Morrão!
Abaixo a camarilha!

Um, dois!
Um, dois!
Marche!
Um monte de lixo é o Estado Burguês!
O governo está agora nas mãos dos proletários.
Ninguém toque aí!

O mesmo Maiakovski:

Concluam agora o palavrório

A palavra tens tu, camarada Mauser!
Leis do tempo de Adão e Eva,
Leis, nós vos destruímos. O mundo está em farrapos”.

E mais esse exemplo:

“Os fazedores de esmolos, os contempladores do umbigo,
sobre suas caretas fazei brilhar a machadinha!

Golpeai! Golpeai!

Bravos: os crânios são bons para cinzeiros”.

Essa é a estética sonora que alimenta os meninos do Konsomol. Toda sua literatura monocórdica, artificial, caolha, propaga o emprego da força física, o murro, o tiro, a baioneta, a pata do cavalo.

O adversário não se reduz pelo livro, pela palavra, pela doutrina. A adesão é obtida pelo pavor, pela ameaça, pela fome. E são felizes.

A “desculpa” dessa trepidação sanguinária, desse trotar de hunos sob a estrela vermelha, é que a imaginação dos poetas oficiais do P.C. é livre. Só é livre neste estilo.

Daí, não é assombro a violência passada nem a futura.

O sr. Assis Chateaubriand espere pela machadinha, pela metralhadora, pela Ilha da Trindade. Os métodos comunistas são estes e jamais foram outros.

Coerentemente, os oficiais do Terceiro Regimento provaram quanto eram bolchevistas. Bolchevismo é isso mesmo. Por nós ou contra nós. Não discutamos. Como filiados ao P.C.B. os oficiais foram até ao massacre dos companheiros. E saíram “sorridentes” como reparou...”(O fim do artigo está inelegível). Nota: As reportagens “O problema social do Brasil é político”, “O comunismo sem violência é cão sem dentes” e “Integralismo é o fascismo brasileiro” foram originalmente publicadas no jornal natalense “Tribuna do Norte” , entre 18 de março 01 de abril de 1990. Ordem da direção do jornal proibiu a continuação das matérias a respeito da fase integralista de Câmara Cascudo.

.....

CONCLUSÃO

Câmara Cascudo, um dos integrantes da cúpula nacional da AIB, não foi somente um simples propagandista provinciano da ideologia do integralismo. Ele ajudou a criar a “Província Integralista do Rio Grande do Norte”, dirigindo as atividades da AIB potiguar durante certo período e liderando centenas de camisas-verdes. Fez proselitismo no interior do RN e nas páginas de jornais e revistas integralistas.

Cascudo estava no comando nacional da AIB, através do seu órgão normativo e diretivo, sob a chefia única de Plínio Salgado, que era chamado de “genial chefe” pelos seus comandados. Os artigos de Cascudo são variados, os seus textos jornalísticos têm a ideologia integralista como pano de fundo. Comparando os seus textos com os demais intelectuais brasileiros que atuaram na Ação Integralista, a produção cascudiana é inigualável, pois é concisa, enxuta, clara e informativa. Câmara sem foi um repórter e não um genial filósofo.

Assinando matérias em publicações em que despontavam Miguel Reale, Ovídio Cunha, Menotti Del Picchia, Roland Corbisier, Gustavo Barroso, além do próprio líder nacional, Plínio Salgado, o escritor Luiz da Câmara Cascudo tornou-se um nome nacional, um jornalista conhecido nos meios culturais e políticos da capital da República, o Rio de Janeiro, onde se concentrava a elite da intelectualidade brasileira.

Enquanto existiu a AIB, Cascudo, o tarimbado repórter natalense, escreveu artigos que repercutiam na direção do movimento integralista. Alguns artigos eram identificados pelas iniciais L.C.C. Vários foram publicados na primeira página do jornal A Ofensiva, porta-voz da AIB, enquanto que outros textos mereceram destaques nas revistas “Anauê “(1934) e “Panorama”. Essas duas publicações eram responsáveis pela veiculação dos trabalhos teóricos dos intelectuais integralistas.

Após a extinção da AIB, Cascudo publicou artigos e ensaios na revista de grupos remanescentes do integralismo, como “Cadernos da Hora Presente” , de São Paulo/SP, que circulou até meados da década de quarenta.

Propostas transformadoras da sociedade?

Câmara Cascudo foi simpatizante de movimentos monarquistas e, antes de ingressar na AIB, ajudou a formar um grupo de estudos em Natal, o Centro de Cultura Social Conde

D'Eu, que instalou-se na sede da Associação Potiguar de Estudantes, na noite do dia 29 de junho de 1934, em sessão presidida pelo então padre Walfredo Gurgel. (1)

Cascudo era um homem maduro quando ingressou nas fileiras da AIB. Segundo o falecido professor Oto de Brito Guerra, o seu ingresso deu-se por indicação do escritor cearense Gustavo Barroso, que chegou a disputar a chefia da AIB com Plínio Salgado. Ambos eram historiadores e os laços de amizade foram fatores fortíssimos para a entrada de Cascudo no movimento verde-amarelo.

Cascudo foi um dos mais ativos propugnadores da disseminação da ideologia integralista no seio da juventude norte-rio-grandense. Adotou a doutrina pliniana como forma de transformação radical da arcaica sociedade brasileira, onde a riqueza, concentrada nas mãos de uma minoria sempre ávida, domina todos departamentos da ação individual, sobrepujando a própria dignidade do homem, que “ imagem e semelhança, criado e mantido por Deus, está aviltado e sujo pelos ídolos que sua ambição criou”. (A Ofensiva, p.03, 28.12.1935)

Acreditou no integralismo como força revolucionária, “uma filosofia para o Brasil”, capaz de nos tirar da humilhante situação de miséria moral, intelectual e econômica que perdura até os dias de hoje. Defendeu a doutrina de Plínio Salgado em todos os seus textos publicados na imprensa integralista, principalmente na fase áurea do movimento, entre 1934 e 1937.

As propostas de Cascudo de transformação da sociedade eram mesmas defendidas pela AIB, sob o lema “Deus, Pátria e Família”.

Comentarista político internacional

Cascudo também defendeu seus ideais fascistas no jornal A República, de Natal, de propriedade do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, onde, também, no período pós guerra, assinou uma coluna diária, “Acta Diurna”.

Cascudo publicou um artigo sintomático das suas preferências ideológicas, “Adolf Hitler através da numerologia”, na edição de 01.10.1933, bastante simpático ao “fueher” alemão. Esse artigo e mais “ O sigma vitorioso”, “República Manchú” e o “Soviet Anedótico (A República de 12.09 e 29.10.33, estão registrados no livro de Zila Mamede. (2) Nos três artigos, Cascudo discorre sobre a doutrina integralista, o nazismo e critica o socialismo soviético.

Como comentarista político internacional, ele preocupou-se com a situação da União Soviética, sob o comando de Stálin, a conjuntura política da Europa (ele errou quando previu que os russos seriam os deflagradores da II Guerra Mundial e o avanço do fascismo no mundo. Entre 1934/36, o período mais profícuo da produção jornalística de Cascudo, além de seus artigos laudatórios sobre o fascismo nos Estados Unidos da América do Norte e na América Latina, História do Brasil, cinema, música, etc., escreveu sobre moral política e o ensino na ex-URSS, chegando ao ponto de elogiar reforma educacional soviética de 1935. Foi o único ponto de concordância de Cascudo com postulados soviéticos, isto é, a modernização e desenvolvimento dos métodos educacionais soviéticos.

Sobre os rumores de que Alemanha nazista, dois anos após a ascensão de Hitler, estava se armando para uma desforra com os países vencedores da Primeira Guerra, L.C.C., em “O pretexto do armamentismo alemão” (A Ofensiva, p.1, 10.01.35) culpava a União Soviética pelo “estado de alarme europeu”, pois “o russo sempre foi hábil e plástico em prometer e

arranjar acontecimentos oportunos” e isentava a Alemanha de ser uma provocadora de ‘casus-belli”.

A história mostrou, quatro anos depois, que a havia fundadas razões para que a França e a URSS denunciasses o rearmamento alemão, e, ao contrário do que previa Luiz da Câmara Cascudo, não foram os soviéticos que transformaram “a doce França da canção de Roland numa colônia moscovita” , mas a barbárie nazista que subjugou o povo francês durante cinco anos da II Grande Guerra, com a colaboração de fascistas franceses.

Cascudo e o ensino soviético

A respeito da lei que entrou em vigor na URSS, em 18 de maio de 1934, Cascudo considerou que a reforma do ensino soviético era uma anomalia, já que ressuscitaria métodos educacionais burgueses e abjuraria princípios marxistas ortodoxos.

“A Rússia voltou à metodologia moderna européia., recusou dos detalhes que a prática mostrava inviáveis e anti-humanos. É uma linda atitude de inteligência e de coragem essa confissão. A se-lo-ia maior se os adeptos fossem mais leais e dissessem o que realmente houve: o repúdio numa alta percentagem, ao que se julgava a última palavra em matéria de ensino”. (A Ofensiva, p.03, 14.09.1935).

O anti-comunismo exarcebado de Cascudo é justificável: integralista, ligado à corrente anti-semita de Gustavo Barroso (3) , admirador de Hitler e Mussolini, ele só podia escrever de forma simpática ao movimento naza-fascista internacional. A propósito, deve-se salientar que Plínio Salgado jamais foi admirador do nazismo. Ao contrário, escreveu artigos mostrando as diferenças entre a sua ideologia e os postulados racistas do nazismo. Apesar de suas fortes inclinações com o grupo de ultra-direita de Gustavo Barroso, que quase derrotava Plínio no Congresso Integralista de Vitória/ES, em 1934, não encontramos nenhum artigo de Cascudo que denotasse tendência anti-judáicas.

Sobre aquele período turbulento de nossa história, Ovídio da Cunha (4) diz que “o anti-comunismo, na época de 30 a 40, era ingênuo e até primário. O comunista era olhado como uma espécie de diabo: os padres viam o comunismo como um pecado. Jocosamente, nós dizíamos: “os comunistas têm rabo de cão”. Então, o antagonismo comunismo/integralismo, no sentido da imagem popular, era ingênuo, como se, por exemplo, hoje discutíssemos a questão da macumba, não tinha um sentido teórico-ideológico. O clero apresentava o comunismo como capaz de todas as misérias, os comunistas seriam capazes dos crimes mais horrorosos, e todos aqueles estereótipos que se formam em certas sociedades subdesenvolvidas contra uma seita religiosa ou uma seita política envolvia os comunistas. Os integralistas passariam a ser os anjos-da-guarda, congregando marianos da defesa da tradição, da família, da propriedade, da integridade da pátria, e, do outro lado, os anjos-maus, que eram os comunistas. Havia da parte dos integralistas e do líder católico um grande namoro pelo proletário, a preocupação de cativar o proletário. Mas o proletário autêntico não tinha valor nenhum, o problema dele era puramente fisiológico, era sobreviver, e se valores existissem, eram os valores das religiões populares de hoje, ele não tinha cultura, não tinha percepção para essas sutilezas ideológicas de hoje. De modo que o movimento se fazia na classe-média e na sacristia das igrejas. Houve vários sacerdotes que foram integralistas.”. (5)

NOTAS: 1) Conforme notícia publicada na p. 07, de A República, edição de 01.07.1933, no final de 1932 esteve em Natal uma “embaixada universitária monarquista” ,

recepcionada pelo dr. Jaime Wanderley, poeta, em sua residência, na rua São Tomé. O mesmo jornal informava que “... na noite de 29 p.p. uma conferência do acadêmico Vival Silva, na Associação Potiguar de Estudantes, que se reunira em sessão solene sob a presidência do pe. Valfredo Gurgel. Vival fez uma análise percuciente e lógica do regime republicano e das tendências sociais do Brasil, sendo muito aplaudido ao terminar. O salão estava completamente cheio e notamos os mais representativos elementos da nossa sociedade. Falou o dr. Luiz da Câmara Cascudo instalando o Centro de Cultura Social Conde D’Eu e, explicando sua finalidade, exclusivamente voltada ao estudo e a observação dos problemas atinentes ao desenvolvimento da pátria comum, sem função política regional e geral, antes reunindo notações para um regime que integre o Brasil em suas tradições de paz, de garantia, de labor e de honestidade. Perorando disse que o Império sonhado não podia ser a monarquia latifundiária, capitalista e burguesa de 1889 e sim o Estado corporativo, totalitário, em vez do domínio de uma classe exclusiva sobre todas as outras, teríamos a convergência produtora de todas as atividades para o vértice único da Grande Pátria una e soberana em sua expressão indivisível de Religião, Raça e Família. Foi aplaudidíssimo. O pe. Walfredo Gurgel encerrou a sessão, pronunciando um discurso de estímulo a campanha de renovação moral e material do Brasil. O dr. Câmara Cascudo, pela Associação Potiguar de Estudantes, ofereceu uma recepção em sua residência, onde se reuniu a sociedade natalense na mais íntima e intensa cordialidade festiva”. 2) Luiz da Câmara Cascudo - 50 anos de vida intelectual - 1918-1968 - Zila Mamede, Fundação José Augusto - Natal/Rn - 1970. 3) O dr. Oto Guerra informou ao autor que o historiador Gustavo Barroso levou Cascudo para a AIB. Já o folclorista e escritor Veríssimo de Melo, no Teatro Alberto Maranhão, na noite do lançamento do livro “Esqueçam a primavera, irmão”, do embaixador Nestor Lima, em 1990, também opinou sobre as três reportagens publicadas na Tribuna do Norte sobre “Cascudo, o jornalista integralista”. Para Veríssimo, Cascudo ingressou no integralismo porque era muito jovem e que “o grande mestre” não gostava de falar sobre o seu passado na AIB, “um erro da juventude”. Cascudo não teria abandonado, formalmente, a AIB, pois não há registro, mas participou, em Natal, dos festejos do Jubileu de Prata (25 anos) da criação da AIB, em outubro de 1957, na sede do Alecrim Clube, onde proferiu ardoroso discurso integralista, segundo me informou Pedro Dantas, gerente do cemitério Morada da Paz, em Parnamirim. 4) Trecho da entrevista de Ovídio da Cunha, líder integralista no Rio, à Revista de Ciência Política, da Fundação Getúlio Vargas, Rio, Vol. 28, agosto de 1985, p.148. 5) O padre Valfredo Gurgel foi um dos representantes da cúpula do clero católico de maior destaque no integralismo potiguar. Ulisses de Góis foi o grande incentivador, deu apoio aos integralistas, mas não se filiou ao movimento. Dom Marcolino Dantas era simpatizante e dava apoio por “debaixo do pano”. Os irmãos e padres Eimar e Erildo L’Eraistre Monteiro, de Caicó, foram integralistas, ambos capelães militares e apoiaram o regime militar pós-64. Do padre Erildo, capelão do 16 RI, em Natal, eu ouvi ele dizer, durante um sermão, em 1984, que “comunista é a mesma coisa que satanás”. Eu, comigo mesmo, disse: “é o novo! “. Sobre o Valfredo, eu testemunhei o seguinte: em plena campanha para governador, em 1965, apoiado pelo governador Aluizio Alves, ele participou da solenidade de inauguração do Comitê Estudantil da Cruzada da Esperança, na rua Princesa Isabel. Perguntei se ele ainda era integralista, ele respondeu que não “porque o movimento acabou, mas continuo com os mesmos princípios”. Houve outros padres na AIB/RN, como Luiz Adolfo, em Macaíba, e Raimundo Leão, em Caraúbas, entre outros, no Rn.

10/11/10

CASCUDO NÃO DEVOLVEU COMENDA DE MUSSOLINI

Apesar dos pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos de todo país terem alardeado que o folclorista Luiz da Câmara Cascudo tinha devolvido a comenda de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália, que lhe foi dada pelo Rei Vittorio Emanuele III, por proposição do Duce Benito Mussolini, em 1939, a exibição desse documento numa das salas térreas do lado direito de quem entra no prédio neoclássico do Memorial Câmara Cascudo, no centro de Natal, é uma prova irrefutável de que ele jamais refugou a honraria enviada pelos dignitários italianos fascistas. À vista de todos os interessados em conhecer objetos de uso pessoal e utensílios da casa em que o Cascudo residiu, além da biblioteca com quase 10.000 volumes, cartas, títulos e peças artesanais, está o original do diploma enviado pelo rei italiano, exposto ao lado de outros documentos honoríficos, como a Ordem do Mérito Aeronáutico e Ordem do Mérito do Estado do Rio Grande do Norte e um título ofertado pela Prefeitura Municipal de Natal, na gestão de José Agripino Maia.

Ao contrário do que continua sendo registrado pelos historiadores potiguares, inclusive os renomados escritores e pesquisadores João Wilson Mendes de Melo e Itamar de Souza, talvez por desconhecimento da totalidade da documentação exposta no Memorial, a própria Fundação José Augusto, mantenedora do prédio, confeccionou um pequeno folheto sobre o memorial, contendo a “Biografia de Câmara Cascudo - Memorial – O Prédio” e detalhes da exposição. O horário de funcionamento é das 9 às 17 horas, de terça-feira a sábado, e das 11 às 17 horas, aos domingos. No quinto parágrafo do folheto, está escrito: “Entre outras distinções, foi Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, Comendador do Mérito Militar (Brasil), Ordem do Mérito Militar de Cristo (Portugal), Ordem dos Cisneiros (Espanha), Ordem de São Gregório (Santa Fé), Ordem da Coroa (Itália), além de várias Ordens particulares e honoríficas”. Portanto, a comenda da Coroa Italiana está lá, exibida como uma das principais homenagens recebidas e preservadas pelo eminente folclorista potiguar e conservadas pelos seus familiares e o poder público do Estado do Rio Grande do Norte. “Todo o acervo do Memorial pertence à família de Câmara Cascudo, sob a guarda da Fundação José Augusto”, diz Neusinha, funcionária da FJA e responsável pela catalogação de todos os objetos, livros e pertences do folclorista. A comenda é um troféu cascudiano. Se Cascudo tivesse devolvido o importante título concedido pelo regime fascista de Mussolini, o diploma de Cavaleiro da Coroa da Itália não estaria em exposição no Memorial Câmara Cascudo, prédio tombado em 24 de agosto de 1989, com o “objetivo preservar e divulgar a vida e a obras de Luís da Câmara Cascudo”.

Na urna de madeira e vidro (redoma), numa sala amplamente iluminada – o que prejudica a conservação de documentos por causa do excesso de luz solar – vê-se o diploma, redigido em italiano, em caracteres itálicos próprios dos documentos monárquicos, com o seguinte texto: S. M. Vittorio Emanuele III - Per Grazia Di Dio e Per Volontá Della Nazione

RED'ITALIA E DI ALBANIA
IMPERATORE D'ETIOPIA

Gran Mastro dell'Ordine della Corona d'Italia

Sulla proposta del Duce del Fascismo, Capo del Governo, e del Ministro Segretario di Stato per gli Affari Esteri;

Com Decreto in data Roma, 30 de novembro de 1939 = XVIII = La conferito l'Onorificenza di:

Cavaliere

Dell'Ordine della Corona di Italia, com facultá de fregiarsi delle insegne stabilite per tale grado onorifico,

Al sig. Luiz da Câmara Cascudo

Cittadino brasiliano = Pubblicista

Al Cancelliere dell'Ordine della Corona d'Italia,

Incariato della esecuzione di tale Decreto, dichiara

Che questo venne registrato alla Cancelleria dell'Ordine predetto e che:

Il sig. Luiz da Câmara Cascudo

Fu iscritto nell'Elenco dei Cavalieri (Esteri) al número 3225 (Serie 3)

Il Cancelliere dell'Ordine

(assinatura)

Il Direttore Capo della Divisione I

(assinatura)

Além das comendas oriundas da Itália e dos países em que vigoravam regimes ditatoriais fascistas, como a Espanha franquista e Portugal salazarista, o Memorial expõe outros diplomas e honorarias, inclusive placas de uma loja maçônica de Natal. A placa, colocada em 20.08.1988, pelo Grão Mestre Estadual Paulo Viana Nunes, do Grande Oriente do Estado do Rio Grande do Norte, é uma “Homenagem ao Mestre Maçon Luiz da Câmara Cascudo, Iniciado em 03 de abril de 1920 e Exaltado em 98 de agosto de 1921”. Conforme informou-me (informalmente), o historiador Olavo de Medeiros Filho, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas disse a Cascudo que ele não iria receber a medalha de São Gregório Magno porque ele era maçom, o que levou o folclorista, de imediato, a redigir um documento assegurando a sua profissão de fé católica e/ou a pedir desligamento da instituição franco-maçônica. Não existe prova documental do desligamento ou abjuração, mas o jornal A ORDEM, de 3 de setembro de 1937, advertia os leitores católicos que “estão em pleno vigor para a nossa Diocese as seguintes determinações da circular de 20.08.1926: as Irmandades e Associações Católicas saibam que declaramos írrita e nula de pleno direito toda e qualquer admissão de pessoas filiadas a seitas, associações ou instituições condenadas pela Santa Igreja. Os irmãos que, sendo maçons, desejam continuar católicos, façam a sua confissão fervorosa, abjurem a seita secreta e recebam do confessor a absolvição dos seus pecados e das penas espirituais em que incorreram inscrevendo-se na maçonaria”. (1) Portanto, deduz-se daí que Câmara Cascudo estava éticamente impedido de receber a alta comenda católica. Como recebeu a Medalha de São Gregório Magno, o fez depois de sanado o impedimento. Como a Igreja Católica evoluiu e democratizou-se muito após o pontificado do Papa João XXIII, hoje, o maçom pode ser católico e participar das atividades da sua paróquia ou diocese, sem nenhum constrangimento. A paranóia pós-Dom Vital se acabou. Ainda bem.

Homem sem vaidades, como as que abundam entre os pequenos intelectuais provincianos e das várzeas botocudas, Luís da Câmara Cascudo, apesar dos erros e falhas cometidas ao longo da sua profícua e duradoura atividade cultural, o que tornou-o um sábio e um

verdadeiro “HOMEM”, conforme assegurou o poeta Gilberto Amado, “realizou-se sem pedir de graça o nome da vida para com ela transacionar o escrúpulo de se meter com riquezas, honrarias e reputações”, segundo lembra o poeta Sanderson Negreiros, seu discípulo, no seu artigo “Casculo e sua medida”, publicado no Boletim Informativo do Centro Norte-rio-grandense, do Rio de Janeiro, página 20, março de 1968.

Defesa Passiva

O livro Radiografia de uma Administração(Secretário do Interior e Justiça – Imprensa Oficial – Natal - 1961) é o relatório da comissão revisora das aposentadorias ocorridas no desastrado final da administração de Dinarte de Medeiros Mariz, integrada por Hélio Mamede de Freitas Galvão, Manoel Benício de Melo Sobrinho e Raimundo Nonato Fernandes , presidida por Aluizio Gonçalves Bezerra, então Secretário do Interior e Justiça do Governo Aluizio Alves. Hélio Galvão foi o responsável pelo texto do relatório e o averiguador das irregularidades administrativas do governo de Dinarte Mariz, na área de recursos humanos. O relatório ficou famoso na época por causa dos erros, falhas e crimes apontados à administração anterior. Hélio Galvão não livrou a cara de ninguém e fez uma verdadeira devassa, conforme lhe foi ordenado pelo governador Aluizio Alves. A comissão detectou que muitos funcionários públicos, na gestão anterior, se aposentaram com certidões de tempo de serviço na Diretoria Regional de Defesa Passiva Anti-Aérea, assinadas pelo folclorista Luiz da Câmara Casculo (portador da Carteira de Identidade do então Ministério da Guerra de número 14671, expedida a 25/01/1958) que tinha sido seu secretário nos anos da Segunda Guerra. Hélio, ex-integralista como Casculo, não inquiriu o folclorista, mas Erivan França mandou um ofício para Casculo, no qual indagou sobre a localização dos arquivos da Defesa Passiva, que funcionou entre 1942 e 1945 em Natal. A resposta de Casculo foi que não existia arquivo algum , que os papéis tinha sido incinerados e as certidões ele dava com base na memória.

Segundo o relatório da comissão, as certidões não obedeciam aos critérios do Decreto n. 2.468, de 6 de maio de 1954, que dispunha sobre as condições do funcionário público civil do Estado se beneficiar, isto é, ter sido convocado para prestar serviços na Diretoria Regional da Defesa Passiva e apresentar certificado comprovando haver atendido à referida convocação efetivamente prestado os serviços. Cada repartição pública deveria encaminhar uma lista com os nomes dos servidores convocados pela Defesa Passiva ao secretário regional para posterior certificação. Mas “as certidões contidas nos processos de aposentadoria não obedeciam a essas regras. O decreto n. 3.808, de 15.2.61, transferiu ao Departamento do Serviço do Pessoal o encargo de expedir tais certidões. Mas quando se tratou da remoção do respectivo arquivo, o antigo Secretário do Serviço de Defesa Passiva informou que não havia arquivo nenhum, pois os papéis tinham sido incinerados e as repartições não tinham enviado as relações a que se referia o art. 5º do decreto n. 2.468. De sorte, conclui o antigo Secretário, que as certidões eram expedidas Segundo suas notas pessoais e a reminiscência fiel dos companheiros. Em face disso, à Comissão se afigurou impossível aceitar as certidões expedidas com base nessas lembranças e notas particulares do eminente historiador”. As certidões emitidas foram eliminadas porque não obedeciam ao Decreto 2.468, “seja porque não extraídas de fonte documental, seja porque não autorizados pelo governador”, advindo daí que muitas aposentadorias, subtraída a parcela de tempo, não puderam ser mantidas. A revisão efetuada pela comissão atingiu 100 processos de

aposentadoria (90 por tempo de serviço e 10 por invalidez), inclusive cancelando as do ex-presidente da OAB/RN, Claudionor Telógio de Andrade, Descartes de Medeiros Mariz, do advogado João Medeiros Filho, de Hemetério Fernandes Raposo Melo Filho, Hesíquio Fernandes de Sá, Dante de Melo Lima, entre outros. Entre os treze nomes que a comissão decidiu pela aposentadoria, sujeitos à revisão do cálculo, está o de Luis da Câmara Cascudo, que tinha se aposentado em 3.1.1961, no finalzinho do governo de Dinarte Mariz, como Terceiro Consultor Geral. (Cascudo tinha tempo de serviço como professor e ex-diretor do Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense. Professor Emérito da Universidade do Rio Grande do Norte, foi aposentado “a partir de 22 de maio de 1967, por invalidez, por ato do Magnífico Reitor, com base no parágrafo primeiro do Artigo 53, da Lei n. 4.881-A, de 6.12.65, publicado no D. O. n. 95, S-I P- II, pág. 1187, de 22.5.67. Port. N. 58 de 29.7.66”, conforme a sua ficha funcional n. 1058, pertencente ao Arquivo Geral da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. A ficha funcional foi o único documento de Luiz da Câmara Cascudo encontrado no Arquivo Geral, em março de 2.000. Segundo informações, grande parte do acervo daquele arquivo foi incinerada por ordem de uma ex-dirigente do Departamento de Serviços Gerais).

Apreciando o mandado de segurança n. 243, impetrado pelo dr. Claudionor de Andrade, a comissão emitiu o seguinte parecer: “A 3ª Consultoria Geral do Estado foi criada pela lei n. 2.387 de 18 de março de 1959 e para ele foi nomeado o dr. Luis da Câmara Cascudo. Aposentado este, sem que tivesse emitido um só parecer, para seu substituto foi indicado o dr. Antonio Soares Filho, Chefe da Casa Civil do Governador. Mas intermediariamente apareceram dois outros candidatos à terceira Consultoria: o Secretário do Interior e Justiça (o impetrante) e o dr. João Medeiros Filho (docs. Ns. 1, 2 e 3). Então as coisas se arranjaram de tal modo que de 3 a 13 de janeiro se aposentaram três Consultores Gerais da terceira Consultoria e foi nomeado um quarto”. Os consultores recebiam salários iguais aos dos desembargadores do Tribunal de Justiça. O caso ficou conhecido como “O escândalo das Consultorias”, título do livro impresso pela Secretaria do Interior e Justiça, Imprensa Oficial, Natal, 1962. Câmara Cascudo , Antonio Soares Filho e Hélio Galvão tinham sido integralistas nos anos 30, mas não ficaram inimigos por causa do “inventário” do governo Dinarte Mariz. O relatório da Comissão Revisora foi encaminhado ao governador Aluizio Alves pelo vice-governador Walfredo Gurgel, padre e outro ex-integrante da cúpula potiguar da Ação Integralista Brasileira. Apesar de ter a sua aposentadoria cancelada, João Medeiros Filho se reconciliou com Aluizio Alves (1961-1965) e foi o seu Procurador Geral da Justiça durante mais de dois anos. Todos os funcionários nomeados no “trem da alegria” de Dinarte Mariz, a famosa “vaga existente”, perderam todos os recursos na justiça e somente foram admitidos pelo gesto de concórdia do governador Monsenhor Walfredo Gurgel (1966-1970), através de um acordo.

Durante o período da Segunda Guerra, integravam a Defesa Passiva, além de civis e militares das unidades militares sediadas em Natal, o coronel Guerreiro e o folclorista Luiz da Câmara Cascudo. O general Antonio Fernandes Dantas foi nomeado interventor após a enfermidade de Rafael Fernandes, que enlouqueceu no Rio de Janeiro. O general Cordeiro de Farias era o comandante da guarnição em Natal. O chefe de polícia era o bacharel José Ildelfonso Emerenciano e o delegado do DOPS , José Batista Emerenciano (este teve atuação e muita influência na Secretaria de Segurança Pública do Estado até meados da década de 80).

CÂMARA CASCUDO, O

JORNALISTA INTEGRALISTA

LUIZ GONZAGA CORTEZ

EDITORA GRD
SÃO PAULO - 2002
SEGUNDA EDIÇÃO

O PROBLEMA SOCIAL NO BRASIL É POLÍTICO

“De princípio, quem toma partido, quem participa, mesmo erroneamente, está mais próximo do que quem se omite, seja por motivos pessoais ou princípios filosóficos”. Ivan Maciel de Andrade (In “Integralismo: pecado sem perdão? “, “Tribuna do Norte”, Natal/Rn, p.13, 29.07.1984)

O escritor Luiz da Câmara Cascudo (1898-1986), monumento maior da cultura potiguar, foi um dos maiores divulgadores da ideologia da Ação Integralista Brasileira, movimento político conservador e nacionalista, liderado pelo escritor paulista Plínio Salgado, entre os anos 1932/1937, época em que as posições políticas eram de direita ou de esquerda, comunista ou anti-comunista, fascista ou anti-fascista.

Intelectual consagrado na sua terra, Natal/RN, Câmara Cascudo, ao se tornar o primeiro chefe da Ação Integralista Brasileira-AIB, na “Província do Rio Grande do Norte”, em 1933, já era um nome conhecido nos meios culturais e políticos do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente entre os grupos conservadores. Dentre os grupos conservadores de direita, a AIB tornou-se o primeiro e maior movimento político de massas no Brasil. A Plínio Salgado, Miguel Reale, Menotti Del Picchia, Tasso da Silveira e Gustavo Barroso, juntou-se Câmara Cascudo, já então consagrado como o intelectual maior do Rio Grande do

Norte. Por isso, é comum dizer-se que a AIB reuniu a nata da intelectualidade brasileira dos anos trinta.

A partir daí, a militância política na AIB/RN foi coadjuvada com a militância jornalística na imprensa integralista do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente no semanário “A Ofensiva” (mais tarde, em 1936, passou a circular diariamente), responsável pela divulgação das notícias do movimento “verde-amarelo” de Plínio Salgado e do panorama político internacional com farto noticiário simpático ao movimento fascista mundial.

Apesar de não termos conseguido efetuar um levantamento integral das atividades jornalísticas de Cascudo nas hostes da AIB, pois não tivemos acesso a todos os exemplares de “A Ofensiva”, porta-voz dos camisas verdes, podemos assegurar que Câmara Cascudo publicou dezenas de artigos e crônicas em jornais e revistas integralistas.

São variados os temas que Cascudo abordou quando era um atuante político e jornalista integralista, pois tratam não somente da doutrina pliniana, mas, ainda, do marxismo-leninismo, do comunismo estalinista, educação e moral comunista, filosofia chinesa, cinema, música, história do Brasil, fascismo e nazismo.

Além do jornal “A Ofensiva”, Cascudo publicou artigos nas revistas de divulgação do pensamento integralista, como “Anauê” e “Panorama”, esta criada pelo jovem escritor e pensador Miguel Reale, um dos membros da “Câmara dos Quarenta” e chefe de doutrina da AIB. Estudioso dos problemas políticos e econômicos que afligiam o povo brasileiro, que permanece enfrentando os mesmos problemas e acreditando num salvador da pátria, Cascudo escreveu um artigo sobre “A Dívida Externa do Rio Grande do Norte”, mostrando como foi feito o primeiro grande empréstimo pelo Governo do Estado potiguar.

Como todo integralista, Cascudo foi um jornalista cristão, anti-burguês, anti-capitalista, nacionalista, anti-liberal, contra o banqueirismo internacional que ainda hoje mantém o Brasil numa situação de dependência e escravização financeira.

Em artigo publicado na página três de “A Ofensiva” (Rio, 31.05.1934) sobre o problema social do Brasil, Cascudo diz que “para a burguesia liberal, governar é arrecadar impostos. Que importa o sofrimento dos homens? Que importa o desenvolvimento constante de classes exploradas ao lado de um pequeno grupo de exploradores? Que importa o acorrentamento da nação ao capitalismo estrangeiro? “.

Depois de lembrar que a questão social sempre existiu em todos os tempos, “na luta da aristocracia e a democracia da Grécia Antiga”, o jornalista Câmara Cascudo asseverava que “a luta dos povos é uma luta social permanente em busca do novo equilíbrio perfeito. Por isso, queremos a transformação do Estado num organismo plástico (uma antevisão da transparência de Gorbachev, na ex-URSS?), revolucionário, capaz de atender as novas exigências da vida em sociedade.

E prossegue: “Não queremos negar a evidência. O Brasil é, por si mesmo, uma vasta questão social. Se outras nações, como a Itália e a Alemanha, reagem contra fatores certos de decadência afim de conservarem o esplendor de suas civilizações, no Brasil a reação é ainda mais necessária e premente. É o progredir ou desaparecer de Euclides da Cunha.

“É o dilema que se apresenta a nova geração. Ou seremos capazes de, num gesto viril de mocidade ativa, romper os preconceitos que atravancam o nosso caminho, formar um espírito novo e criador, organizar o Brasil sobre bases moral e materialmente sólidas, ou sucumbiremos debaixo dos escombros de uma pátria retaliada e miserável. Não é fraseado ôco, não é demagogia. É a realidade que se nos apresenta a um exame sincero. O problema

social no Brasil é político por excelência. Carecemos de organização em todos os setores das nossas atividades. A agricultura agoniza escravizada ao banqueirismo e um sistema de tributações que constitui uma extorsão legalizada ao trabalho da maior classe do país.

“As populações rurais reclamam higiene, ensino e salários justos. Os operários urbanos pedem trabalho e dignidade. O comércio aspira a uma estabilidade propícia ao desenvolvimento dos seus negócios. No campo intelectual sofremos a invasão de teorias que serviriam para apressar a nossa escravização aos potentados do capitalismo estrangeiro, seja de Londres, Nova York ou Moscou.

A literatura é afeminada ou destruidora.

Os políticos não se preocupam senão com posições mais à mão. “Aprés nous le deluge”.

Nesse ambiente nasce o Integralismo.

Concepção completa de nacionalismo sadio e universalismo equilibrado. Uma filosofia para o Brasil. Uma literatura a serviço da nação. Libertação mental da inteligência patricária.

Um direito como emanção natural dos nossos costumes e das nossas necessidades.

Disciplina para conter o egoísmo dos interesses individuais. Um mestre genial para que não continue acéfalo o lugar de chefe da Nação Brasileira.

Atitude intransigente contra todas as doutrinas e homens que pretendam confundir a trajetória da nossa terra que há de ser grande entre as maiores.

Numa época de ceticismo somos conduzidos pela fé.

Contra a displicência e a dubiedade, contra a ausência de atitudes másculas, envergamos uma camisa verde, simbólica, como um desafio aos inimigos da pátria.

Sorri-nos a certeza da vitória. Hoje, amanhã ou no decorrer dos anos próximos.

O que importa é a vitória. Ela virá matematicamente certa. Pacífica, se for possível, violenta, com sacrifício do nosso sangue, se a tanto formos levados”.

CONTRA PARTIDOS BURGUESES

Luiz da Câmara Cascudo, Francisco Veras Bezerra e Miguel Seabra Fagundes integraram o triunvirato que dirigiu o movimento integralista no Rio Grande do Norte, de julho de 1933 a meados de 1934, quando, efetivamente, passou a chefiar a AIB/RN. Cascudo foi o primeiro potiguar a comandar a AIB potiguar de forma efetiva e titular, haja vista que o professor e historiador Manoel Rodrigues de Melo assumiu a interinidade da chefia integralista local quando Cascudo viajou ao Rio de Janeiro para entendimentos com Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Olbiano de Melo, os dirigentes nacionais do movimento.

Em maio de 1934, Cascudo integrou uma comitiva oficial do Interventor Mário Câmara que percorreu o interior do Estado. O resultado dessa viagem foi o livro de reportagens “Viajando o Sertão”, publicado pela Imprensa Oficial do Estado, em 1934. (A segunda edição , patrocinada pela Fundação José Augusto, em 1975, tem prefácio de Manoel Rodrigues de Melo que, em certo trecho, transcreve parte do artigo de Cascudo, publicado no jornal “A República”, de Natal/Rn, em 04.09.34, em resposta às acusações do político “decaído” José Augusto Bezerra de Medeiros, o “Zé Promessa”, que questionava o fato de um chefe integralista viajar com o interventor.

Vale a pena transcrever o trecho supracitado para se ter uma idéia de como Cascudo, na época, considerava os políticos conservadores e burgueses: “Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os partidos políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de renovação social. Não pertenco a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão da minha atitude, assumida publicamente a 14 de julho de 1934.

Aos camisas verdes de minha Província não dou explicações, porque eles me conhecem de perto. Aos políticos é desnecessária qualquer justificação em contrário às suas afirmativas, porque “política é isso mesmo”.

“O COMUNISMO SEM VIOLÊNCIA É CÃO SEM DENTES”

Pecar pelo silêncio quando se devia protestar, transforma homens em covardes. A . Lincoln.

A obra cascudiana, apesar de vasta, talvez seja a menos estudada pelos intelectuais do Rio Grande do Norte e do resto do país. Nada foi pesquisado sobre Cascudo, o político. O profundo e extenso trabalho de pesquisas desenvolvido pela falecida poetisa Zila Mamede (1) não abriu nenhuma vereda nesse campo, pois, à exceção de poucas referências a artigos políticos-ideológicos da lavra de Câmara Cascudo, publicados no jornal natalense “A República”, não faz menção a sua atuação como jornalista, militante, dirigente e intelectual da Ação Integralista Brasileira, nos anos trinta.

Câmara Cascudo foi um combativo jornalista anti-comunista do jornal “A Ofensiva”, do Rio de Janeiro, sob a orientação de Plínio Salgado e dirigido por Madeira de Freitas. O anti-comunismo exarcebado, o nacionalismo xenófobo, o anti-capitalismo internacionalista e o misticismo cristão eram as características da ideologia da AIB, que possuía uma estrutura paramilitar, hierarquizada e disciplinada.

Como intelectual integralista, Cascudo tinha que escrever pró-integralismo e contra o comunismo, cujas ações e atividades clandestinas desenvolvidas contra o governo de Getúlio Vargas eram acobertadas pela Aliança Nacional Libertadora-ANL, criada pelo Partido Comunista do Brasil-PCB e integrada, ainda, por grupos de socialistas, democratas liberais e opositores diversos. Portanto, os artigos e crônicas de Cascudo, na sua maioria, versavam sobre os assuntos da atualidade política nacional e internacional, com

forte colorido verde-amarelo e um ojeriza latente ao regime soviético, Lênin, Stálin, o Exército Vermelho, a tudo que cheirasse a marxismo-leninismo.

Na época do Cascudo integralista, o Brasil vivia a dicotomia de comunismo e fascismo. Quem simpatizava com o comunismo se filiava ou colaborava com o PC ou a ANL; quem se atrevia a combater o comunismo, o PCB e a ANL, ingressava na Ação Integralista Brasileira-AIB. A maioria dos intelectuais brasileiros era conservadora e estava na AIB e/ou apoiava a ditadura Vargas, nos anos trinta.

Por isso, não podemos analisar a militância política dos intelectuais brasileiros tomando por base os tempos atuais. Antes de Luiz Carlos Prestes, presidente de honra da ANL, lançar o apelo às armas para derrubar Getúlio Vargas, um gesto considerado precipitado e maluco, pois a ANL e o PCB não tinham o apoio das massas populares e as armas dos quartéis, de forma ampla e integral, o escritor e chefe da AIB, Plínio Salgado, em artigo publicado na primeira página de A Ofensiva, em 1001.1935, dizia: “Fala-se hoje em conspirações, em preparativos de golpes de Estado, em confabulações de políticos, no sentido de apoderar-se, de surpresa, do poder”(2)

Mais adiante, no mesmo editorial, intitulado “Direito da Revolução”, Salgado proclamava: “... Hoje, no Brasil, só duas correntes têm o direito de pretender transformar o Estado: o integralismo e o comunismo. O Brasil e a Rússia. O integralismo, para fazer a independência econômico-financeira da Pátria, sustentando os direitos do Brasil; o comunismo, para fazer voltar o Brasil aos tempos da Colônia, substituindo Dom João VI por Stálin I”. Pode dar vontade de rir, haja vista que o comunismo não é sinônimo de monarquia, mas esse era o estilo do jornalismo político de direita, na década de 30.

No dia 1 de março de 1936, nas páginas 10 e 12, no órgão porta-voz da AIB, Cascudo publicou o artigo “Violência Bolchevista”, em que procurou mostrar que o comunismo é sinônimo de violência, a própria essência do regime soviético sob a égide de Stálin. Os violentos combates travados no Rio de Janeiro e Recife e, em menor grau, em Natal, durante a insurreição de oficiais, cabos e soldados das guarnições do Exército, entre 23 e 27 de novembro de 1935, para derrubar Getúlio, foram vistos com naturalidade, sem surpresas, pelo jornalista Câmara Cascudo, pois, para ele, “o bolchevismo sem violência é cachorro sem dentes - é inofensivo e barulhento”.

Dezesseis meses antes da revolução comunista de Natal, Cascudo publicou em “A Ofensiva” (01.07.34) outro violento artigo contra o comunismo e a União Soviética, com o título sugestivo: “É Mentira!”. O artigo era curto e grosso.

Leiamos-lo:

“A Rússia é um paraíso onde ninguém entra senão depois de atos de fé partidária. É o único país do mundo inteiro que se conserva fechado dentro dos seus limites e gelos, defendendo-se por negação sistemática.

É um céu aberto onde cada dia morrem dezenas de “felizes” moradores que pretendem abandonar éden vermelho e são fuzilados pelas patrulhas que rondam as fronteiras. Somente na Rumânia vivem três milhões de russos que fugiram das delícias soviéticas.

Quando afirmamos esses fatos a resposta dos bolchevistas é uma só ; -- Mentira! Invenção capitalista! Calúnia burguesa!

E não provam nada em contrário. Continuam cerrando mais e mais as suas portas e matando quem se atreve a querer abandonar as supremas alegrias de um regime incomparável.

Ivan Bunin, prêmio Nobel de Literatura de 1933, diz que a Rússia é o inferno vivo dos homens de inteligência. Bunin é russo e era um revolucionário.

Mentira de Bunin!

Henri Bérard diz que na Rússia o povo não pode escolher ninguém para representá-lo. Bérard é socialista radical.

Mentira de Bérard!

Jorge Popof diz que a Rússia está debaixo de uma organização policial sinistra e sanguinária como nunca se pode imaginar.

Mentira de Popof!

Leon de Poncin demonstra como nunca o capitalismo sem pátria e sem alma dominou selvaticamente uma nação como agora a Rússia.

Mentira de Poncin!

Joseph Douillet, que viveu nove anos na Rússia escreve que a opressão oficial, a tortura declarada, as mortes sem processos, são formas comuns na República Soviética.

Mentira de Douillet!

George Le Fevre que a morte das iniciativas russas ante o “moloch” da G.P.U., toco mecanismo de espionagem e esmagamento, são processos oficiais para manter a população na obediência.

Mentira de Le Fevre!

Sergio Petrovich Melganov, da União Acadêmica Russa disse que o regime comunista é apenas o “terror vermelho”.

Mentira de Melganov!

Nilostonski chama o governo soviético de “embriaguez de sangue dirigida por carrascos chineses”.

Mentira de Nilostonski!

Boris Nolde transcreve as ordens de saques às populações do interior a palavra do governo autorizando a violação de todos os direitos humanos, os horrores de outubro de 1917.

Mentira de Nolde!

Trotsky acusa Stalin de estar tornando (desculpem se é pouco) um simples fascista.

Mentira de Trotsky!

Que será verdade, Deus meu?

A verdade é que a Rússia Soviética é um paraíso onde todos os anjos querem sair...

NOTAS; 1 - Luiz da Câmara Cascudo - 50 anos de vida intelectual - 1918-1968, Fundação José Augusto, Natal/RN, 1970 - 3 volumes.

Editora Edaglit, São Paulo, 1962, p. 91.

2 - “Em meado

O INTEGRALISMO É O FASCISMO BRASILEIRO

“Quer queiramos, quer não, o Movimento Integralista teve o seu caráter reflexo e por isso tinha que imitar o comportamento do fascismo europeu. Era uma ação político-social, não admitia partidos, entendia que a nação era um todo único, indivisível, se propunha a fazer uma força paramilitar inteiramente disposta a reivindicar, não só poder para o partido, como também se opor ao movimento comunista, que era muito forte e, sobretudo, muito assustador, da média e da grande burguesia naquela época”.
Ovídio da Cunha, um dos fundadores da AIB no Rio de Janeiro, em depoimento prestado a revista de Ciência Política, p. 149, Vol. 02, agosto de 1985 - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Em 1933, Câmara Cascudo contava com 34 anos de idade (ele nasceu a 30 de dezembro de 1898) e já era um nome respeitado na sociedade natalense que conhecia seus dotes culturais e inteligência, haja vista que começou a atividade jornalística aos dezesseis anos no periódico “A Imprensa”, de Natal/RN, adquirido pelo seu pai, Francisco Justino de Oliveira Cascudo, “unicamente visando o filho, já admirado pela precocidade nas pesquisas realizadas nos sertões de sua terra”. (1)

A sua entrada na Ação Integralista Brasileira/RN, em 14 de julho de 1933, teria sido influenciada pelo seu vasto círculo de amizade no mundo intelectual e católico do Rio Grande do Norte, onde despontavam nomes como Otto de Brito Guerra, Manoel Rodrigues de Melo, Miguel Seabra Fagundes, Ulisses de Góis, dom Marcolino Esmeraldo Dantas e outros.

Na década de 30, o Rio Grande do Norte também passou a sofrer influência da luta pelo poder que se desenrolava em todo o Brasil, numa conjuntura em que a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora, esta fundada pelo Partido Comunista, disputavam a hegemonia política. E Câmara Cascudo viu muitos acontecimentos importantes dessa luta política do alto do casarão em que residia, na rua Junqueira Ayres, nos limites dos bairros Cidade Alta e Ribeira, em Natal, nas reuniões e comícios integralistas, muitas vezes tumultuados pela presença barulhenta dos comunistas. Num casarão situado na praça 7 de setembro, ao lado do antigo Palácio Potengi, sede do governo estadual, já demolido, Cascudo e os líderes da AIB/RN realizaram muitas pregações aos jovens que por ali passavam.

Um testemunho da época, o falecido escritor e músico Gumercindo Saraiva, escreveu que o Rio Grande do Norte, politicamente, ficou dividido entre Integralismo e Comunismo., “duas facções da política internacional”. Escreveu ele: “O maestro Waldemar de Almeida, diretor do Instituto de Música, teve a sua vida ameaçada por comunistas ferrenhos, viajando incontinenti ao sul do país, após o pichamento da fachada da sua residência em Natal, onde os comunistas, abertamente, entoavam canções internacionais, entusiasmando os operários e alguns incautos da doutrina vermelha”. Acrescenta Gumercindo que “os comunistas cantavam “A Internacional”, insuflados por “pseudos idealistas”, enquanto os integralistas “cantavam em vozes estridentes, mas brasileiros, o Hino Nacional e as canções patrióticas”.

(3)

Datam de 1934 os primeiros artigos artigos de Luiz da Câmara Cascudo no jornal “A Ofensiva” , de acordo com as pesquisas que efetuamos na coleção incompleta do veículo porta-voz da AIB, em nosso poder e que pertenceu ao meu pai, Manoel Genésio Cortez Gomes, comerciante e ex-agenciador de assinaturas do jornal católico “A Ordem”, de Natal e último chefe integralista no RN.

Em 18 de outubro de 1934, Cascudo publicou o artigo “Integralismo é Cópia? “, no qual procura mostrar, em poucas e percucientes palavras que o integralismo era o fascismo brasileiro. Antes, o professor Francisco Veras também afirmou que o integralismo é a fórmula brasileira do fascismo que, onde anos antes, através da revolução feita por Benito Mussolini, tinha tomado o poder na Itália. Hitler já era Chanceler do III Reich alemão, mas ainda não tinha botado as unhas para fora e não se conhecia o caráter perverso e desumano do nazismo. Nessa época, Cascudo escreveu o seguinte:

O Integralismo é Cópia?

“O integralismo não é uma cópia. É a fórmula brasileira do Fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional onde ela é chamada a operar.

Cópia é o bolchevismo teórico de certos internacionais de pacotilha. Cópia é a elegância dos nossos “almofadas”, eternos “faris” das “marionetes” analfabetas de Hollywood.

Nós somos universalmente interdependentes. É uma fatalidade social e biológica. Não creio na autarquia de nenhum povo porque teremos sempre a impossibilidade de conciliar produção com mercados. Se nós brasileiros usássemos o material exclusivamente nacional, teríamos outra forma de civilização. Portugal nos deu o idioma que negros e índios colaboram. A Europa nos manda tipos de indumentos e de idéias. Devendo atender aos

reclamamos desses aprioristas, falaríamos Tupy, cercando a cultura com a euduape, a cabeça com a acanquatará e na mão o tacape dos Tuixáuas.

Tudo em nós é uma herança de milênios. Vive no menor dos nossos gestos um memorial de gerações anônimas e colaboradoras. Tradições, culinárias, roupas, costumes, artes, tudo veio de longe, em vias misteriosas ou naturais. Tudo tem passado por um processo secular de assimilação e de acomodação lectivas.

Perguntem ao crítico, que nos diz copiadores, de onde lhe veio o fumo de seu cigarro, a linha do seu traje, a palha de seu chapéu, o corte de seu sapato, o modelo de seu colarinho? Diga que tudo lhe chegou de fora e de longe, hoje ou ontem, em sementes ou figurinos, amostras ou contrabando. Ele não criou nada. O indumento, o idioma, a culinária, folclore possuem leis de circulação e fusão ambientais. São idéias, formas materiais, universais e que pertencem, pela peculiaridade que assumem, a todos os povos.

Assim o integralismo surgiu brasileiro, para cumprir o seu ciclo heróico, sem deixar de ser um pensamento de todos os povos que se renovam. É uma idéia geral mais instintiva como a legítima defesa. Vive em toda parte, mas adquire cambiantes próprios das regiões onde se levanta, como uma afirmativa de fé, ante a matilha troante dos insultadores da Pátria e da raça.

Nós não copiamos nenhum fascismo. Sir Mosley, o grande camisa-negra inglês, já disse entre aplausos, que a saudação romana era um patriotismo comum aos povos cultos. Antes de levantar a mão para o alto do que ter os dedos metidos na algibeira do capitalista ou na jaqueta do operário, pedindo dinheiro ou votos, servos de uma gleba imóvel e com eterno dono - “está-se usando”.

Integralismo é uma força que está em nós mesmos. O raio é a extensão do Brasil. A trajetória é o infinito de nossas almas que se libertaram de todos os terrores “cósmicos” ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça social”.

E Câmara Cascudo não se preocupava apenas com o avanço do movimento integralista no Brasil. Os variados tipos de fascismos eram motivos de abordagens e comentários nas colunas de A Ofensiva. A situação política na Europa, na Turquia (4), no Irã, na antiga URSS, interessava tanto quanto na vizinha República da Argentina, como verificamos no artigo publicado em 15 de novembro de 1934 (p.3), “O fascismo na Argentina”.

“Fascismo na Argentina? Há e bem forte Nós não sabíamos disso. No Brasil, só vivemos a história das greves, dos discursos de Litvinov e da saúde de Stalin. O movimento fascista na Argentina é de combate nacionalista. Logo, não pode interessar as agências internacionais, compromissadas em boicotar todas as manifestações do espírito das pátrias.

Na Argentina há fascismo e aptamente organizado. Há mesmo mais de uma agremiação mas só falarei do grupo principal, a “Legião Cívica”, cujo endereço do “Comando General” é Calle Juan Bautista Alberdi, 3251, Buenos Aires. Estão localizadas as baterias.

A Legião Cívica tem um chefe militar e outro civil. O chefe militar é o general do Exército Argentino Fasola Castano e tem como ajudante o tenente-coronel Emilio Kuiquelim. O

chefe civil é o doutor Floro Lavalle. Existe um diretor de Propaganda e de Imprensa, Dr. Manuel Rojas Silveira.

“Os Legionários” usam blusa cinzento escuro, casquete, bandas de couro que se entrecruzam no peito, botas e polainas. Desfilam armados de “casse-tête” e tem pistola no cinto para casos de urgência.

Inúmeros oficiais do Exército e da Marinha, estudantes e camponeses, mocidade das escolas e pequenos proprietários, estão filiados à Legião Cívica. Diversos deputados e senadores tem ostensiva simpatia pelo movimento. Esses senhores se parecem bem pouco com os nossos ilustres legislativos....

O grande poeta nacionalista argentino Leopoldo Lugones é legionário.

A “Legião Cívica” tem tido vários encontros sangrentos com elementos comunistas. Nos desfiles, paradas e concentrações, é fácil a tentativa de distúrbio provocada pelos bolchevistas. O castigo é imediato e eficaz. A brigada de assalto entra em ação fulminante e os “vermelhos” recuam, tocados a pau e a murro.

A “Legião Cívica” se alastra pelas províncias argentinas e tem uma ideologia mais ampla e mais aproximada da nossa que sua congênere chilena, dirigida pelo dr. Julio Schwarzenberg. Também fascista, armada, municada e militarizada.

O mais interessante é o amigo argentino, que me dá estas informações em carta, adiante, risonho: _ Como pude ver, en nuestro país, las ideas fascistas estan más entronizadas que en sua tierra, y goza de las franquicias atual e hasta tiene, más o menos encubiertos, senados y deputados en los parlamentos y camaras...”

Aí está para que servem as agencias telegráficas... Apesar de 300.000 brasileiros provarem a existência e a vitalidade do fascismo no Brasil, com vinte e cinco jornais, Chefia Nacional e departamentos, milícia, desfiles, choques e vítimas, ali em Buenos Aires, pertinho, parede e meia conosco, não se sabe coisa alguma da Ação Integralista Brasileira.

Há ou não um “boicote”?

Do grupo fascista, o da “Revulsion”, que tem atuação menos militar mais intelectual, basta citar o trecho inicial de sua “Declaracion de principios”.

“Somos nacionalistas por razonamiento y por determinismo biologico, pero estamos dispuesto a dejar de serlo, si por esto es posible, el dia que nos entreguéis una tea, hecha com las banderas de todas las naciones del mundo, para quemar com ela nuestra nacional: pero antes.... No!”

Sabiam da existência desses companheiros heróicos?

Sabíamos apenas das histórias do senador socialista Bravo, das denúncias contra compra de armas, da literatura esquerdista que invade as livrarias e da imprensa política, unilateral, vesga, materializada e idiota. Dos nossos companheiros “camisas grises” não sabíamos”.

NOTAS: 1) Câmara Cascudo - musicólogo desconhecido, de Gumercindo Saraiva, p.12, 1969, Natal/Rn, edição do autor.

2) Cascudo entrou na AIB por influência do intelectual cearense Gustavo Barroso, muito amigo dele, segundo informação prestada pelo dr. Otto de Brito Guerra ao autor, no primeiro semestre de 1990, durante o lançamento do livro de Nestor dos Santos Lima, “Esqueçam a primavera, irmão” , no Teatro Alberto Maranhão.

3) Gumerindo Saraiva, op. cit., p. 17.

4) Na edição de 5 de julho de 1934, Cascudo saudou a consolidação do regime de Mustafá Kemal Pachá, “o grande ditador da Turquia Moderna, no artigo “Turquia Moderna”.

OS COMUNISTAS SOVIÉTICOS SÃO IGUAIS AOS DE AREIA BRANCA

“O socialismo exige uma enorme tensão de forças, até chegar as vítimas. E são cometidos erros. Eu sei e admito que morreram muitos comunistas honestos. Eu sou o responsável por aquela política e a considero certa. Reconheço que foram cometidos graves erros e exageros, mas em linha geral confirmo que a política estava certa”.

Viaceslav Mikhailovic Molotov, Ministro do Exterior da URSS de 1936 a 1956, em depoimento ao escritor russo Felix Chulev, in ISTO É, p.50, edição de 28.03.1990.

Quem tiver oportunidade para comprar o livro de memórias do legendário herói soviético, Molotov, fiel seguidor e aplicador da política externa da extinta URSS, terá a certeza de que os textos cascudianos publicados na imprensa integralista eram procedentes, verídicos e irrefutáveis. É claro que Câmara Cascudo, integrante da cúpula consultiva integralista brasileira, a Câmara dos Quatrocentos da AIB, escrevia artigos anti-comunistas porque a AIB era anti-comunista, assim como os intelectuais e políticos da ANL e PCB produziam textos anti-fascistas e anti-integralistas. Os comunistas combatiam o imperialismo, o capitalismo, o nazismo e o fascismo.

Segundo informou o falecido advogado potiguar Antonio Soares Filho, que foi chefe da Casa Civil do Governo do Estado do RN, na gestão de Dinarte Mariz (1956-1961), ele também escreveu comentários sobre política nacional e internacional , como correspondente da imprensa da AIB. “Eu mandei notícias daqui para A Ofensiva, mas Cascudo escreveu muito mais do que eu”, lembrou o professor Antonio Soares, que integrou a Milícia Integralista e que não se arrependeu de ter ingressado na AIB com 19 anos de idade, por considerá-la a melhor escola de civismo que o Brasil já possuiu.

Câmara Cascudo foi intelectual admirador do fascismo italiano, não tenho a menor dúvida, pois ele mesmo assegurou que o integralismo é a fórmula brasileira do fascismo. Cascudo também foi agraciado com uma medalha enviada especialmente por Mussolini e que está depositada no Museu Câmara Cascudo, no Centro de Natal/RN. Extinta a AIB pelo golpe de estado de novembro de 1937, Cascudo ainda colaborou em revistas literárias controladas por ex-integralistas, como “Cadernos da Hora Presente”. Mas, logo após o início da Segunda Guerra Mundial, o ex-chefe provincial da AIB/RN foi designado Secretário da Defesa Passiva Anti-Aérea de Natal, atuando em perfeita sintonia com as autoridades militares e civis brasileiras e americanas.

A maioria dos artigos e editoriais assinados por Luiz da Câmara Cascudo, na época em foi admirador Benito Mussolini e Adolfo Hitler e jornalista integralista, denota a sua preocupação com a União Soviética e o movimento comunista internacional. Em 20 de dezembro de 1934, A Ofensiva, p. 02, Cascudo comenta o tiroteio ocorrido na Praça da Sé, em São Paulo, entre integralistas e comunistas, que resultou em diversas mortes, e culpa os comunistas por tentarem massacrar os “verdes paulistas. O artigo tem o título “A violência comunista”. Diz Cascudo o seguinte: “Na praça da Sé, os comunistas mataram o comunismo no Brasil... A técnica é a mesma. Sangue, violação, massacre, estupidez e bestialidade. Na pequenina cidade de Areia Branca, no Rio Grande do Norte, os comunistas escreveram a lista das pessoas que deviam ser sacrificadas e a espalharam. São os mesmos em toda parte”. Cabe aos pesquisadores descobrirem essa lista contendo os nomes dos anti-comunistas areiabranquenses condenados ao “paredão” das salinas.

Quatro meses depois do fracasso da insurreição militar-civil, comandada pelos comunistas, em 23 de novembro de 1935, em Natal, Recife e Rio de Janeiro, Cascudo publicou o artigo “Violência Bolchevista”, na edição de 01 de março de 1936 (págs. 10 e 12, do jornal da AIB, cujo texto transcrevemos abaixo:

“Em crônicas repetidas e claras, o sr. Assis Chateaubriand surpreende-se com a violência comunista. É a própria essência do regime. O bolchevismo sem violência é cachorro sem dentes --- é inofensivo e barulhento. A característica russa não é outra senão A GPU, com a sua polícia de choque, seus seqüestros brutais, suas confiscações despojadoras. A violência organizada, sistematizada, erguida em dogma, empoleirada em doutrina, explicada em cursos, é o traço mais veemente da ortodoxia soviética. Lealmente, os chefes vermelhos nunca fizeram mistério desse ritual, agora demonstrado em Recife, Rio e Natal.

Bukarin, um exegeta, altíssimo, explica: “O divisor de águas entre nós e a social democracia é o emprego da violência. Chamam-nos de bárbaros porque empregamos a violência, mas nós existimos com os nossos métodos violentos, bárbaros, não-europeus, grosseiros. Que é que mostrou a prova prática com isso? A prova prática fala a nosso favor e contra seus adversários”.

Stálin ensina: “A violência é uma afirmação de força ante a covardia sinuosa dos nossos inimigos. Só a violência demonstra que somos fortes e que saberemos receber condignamente todas as conseqüências dos nossos atos”.

René Fulop Müller, no agora clássico “Geist und Gesicht des Bolschewismus” (há uma tradução brasileira do prof. Alvaro Franco - “Espírito e Fisionomia do Bolchevismo”), termina seu longo trabalho, confessando:”... O abuso iluminado da violência está íntimamente ligado aos fundamentos do comunismo russo”.

Poetas e escritores soviéticos não cantaram outro tema.

Maiakowski:

“Deveis destruir
Inferno e demônios!
Parti ao meio as chamas!
Avançai sem temor!

Demian Bednyi:

“Fere de morte, fere de morte!

Fere de morte a todos os criminosos do povo!
Operariado: agora também reduz a mingau
Com teus punhos a Deus o fantasma!
Para frente: Triunfo, marchai, marchai!
Para frente! E, tiro, após tiro!
ou então, esse quadro delirante:

“Senhores!
Morram vocês! Morram!

Vocês cujos ossos apodrecem na banha: deita-te aí, rafeiro! Carrasco, fecha o focinho!

Vós, sujeira humana feita carne:
Morrei!
Morram vocês! Morram!
Abaixo a camarilha!

Um, dois!
Um, dois!
Marche!
Um monte de lixo é o Estado Burguês!
O governo está agora nas mãos dos proletários.
Ninguém toque aí!

O mesmo Maiakovski:

Concluam agora o palavrório

A palavra tens tu, camarada Mauser!
Leis do tempo de Adão e Eva,
Leis, nós vos destruímos. O mundo está em farrapos”.

E mais esse exemplo:

“Os fazedores de esmolos, os contempladores do umbigo,
sobre suas caretas fazei brilhar a machadinha!

Golpeai! Golpeai!

Bravos: os crânios são bons para cinzeiros”.

Essa é a estética sonora que alimenta os meninos do Konsomol. Toda sua literatura monocórdica, artificial, caolha, propaga o emprego da força física, o murro, o tiro, a baioneta, a pata do cavalo.

O adversário não se reduz pelo livro, pela palavra, pela doutrina. A adesão é obtida pelo pavor, pela ameaça, pela fome. E são felizes.

A “desculpa” dessa trepidação sanguinária, desse trotar de hunos sob a estrela vermelha, é que a imaginação dos poetas oficiais do P.C. é livre. Só é livre neste estilo.

Daí, não é assombro a violência passada nem a futura.

O sr. Assis Chateaubriand espere pela machadinha, pela metralhadora, pela Ilha da Trindade. Os métodos comunistas são estes e jamais foram outros.

Coerentemente, os oficiais do Terceiro Regimento provaram quanto eram bolchevistas. Bolchevismo é isso mesmo. Por nós ou contra nós. Não discutamos. Como filiados ao P.C.B. os oficiais foram até ao massacre dos companheiros. E saíram “sorridentes” como reparou....”(O fim do artigo está inelegível). Nota: As reportagens “O problema social do Brasil é político”, “O comunismo sem violência é cão sem dentes” e “Integralismo é o fascismo brasileiro” foram originalmente publicadas no jornal natalense “Tribuna do Norte” , entre 18 de março 01 de abril de 1990. Ordem da direção do jornal proibiu a continuação das matérias a respeito da fase integralista de Câmara Cascudo.

.....

CONCLUSÃO

Câmara Cascudo, um dos integrantes da cúpula nacional da AIB, não foi somente um simples propagandista provinciano da ideologia do integralismo. Ele ajudou a criar a “Província Integralista do Rio Grande do Norte”, dirigindo as atividades da AIB potiguar durante certo período e liderando centenas de camisas-verdes. Fez proselitismo no interior do RN e nas páginas de jornais e revistas integralistas.

Cascudo estava no comando nacional da AIB, através do seu órgão normativo e diretivo, sob a chefia única de Plínio Salgado, que era chamado de “genial chefe”pelos seus comandados. Os artigos de Cascudo são variados, os seus textos jornalísticos têm a ideologia integralista como pano de fundo. Comparando os seus textos com os demais intelectuais brasileiros que atuaram na Ação Integralista, a produção cascudiana é inigualável, pois é concisa, enxuta, clara e informativa. Câmara sem foi um repórter e não um genial filósofo.

Assinando matérias em publicações em que despontavam Miguel Reale, Ovídio Cunha, Menotti Del Picchia, Roland Corbisier, Gustavo Barroso, além do próprio líder nacional, Plínio Salgado, o escritor Luiz da Câmara Cascudo tornou-se um nome nacional, um jornalista conhecido nos meios culturais e políticos da capital da República, o Rio de Janeiro, onde se concentrava a elite da intelectualidade brasileira.

Enquanto existiu a AIB, Cascudo, o tarimbado repórter natalense, escreveu artigos que repercutiam na direção do movimento integralista. Alguns artigos eram identificados pelas iniciais L.C.C. Vários foram publicados na primeira página do jornal A Ofensiva, porta-voz da AIB, enquanto que outros textos mereceram destaques nas revistas “Anauê “(1934) e “Panorama”. Essas duas publicações eram responsáveis pela veiculação dos trabalhos teóricos dos intelectuais integralistas.

Após a extinção da AIB, Cascudo publicou artigos e ensaios na revista de grupos remanescentes do integralismo, como “Cademos da Hora Presente” , de São Paulo/SP, que circulou até meados da década de quarenta.

Propostas transformadoras da sociedade?

Câmara Cascudo foi simpatizante de movimentos monarquistas e, antes de ingressar na AIB, ajudou a formar um grupo de estudos em Natal, o Centro de Cultura Social Conde D’Eu, que instalou-se na sede da Associação Potiguar de Estudantes, na noite do dia 29 de junho de 1934, em sessão presidida pelo então padre Walfredo Gurgel. (1)

Cascudo era um homem maduro quando ingressou nas fileiras da AIB. Segundo o falecido professor Oto de Brito Guerra, o seu ingresso deu-se por indicação do escritor cearense Gustavo Barroso, que chegou a disputar a chefia da AIB com Plínio Salgado. Ambos eram historiadores e os laços de amizade foram fatores fortíssimos para a entrada de Cascudo no movimento verde-amarelo.

Cascudo foi um dos mais ativos propugnadores da disseminação da ideologia integralista no seio da juventude norte-rio-grandense. Adotou a doutrina pliniana como forma de transformação radical da arcaica sociedade brasileira, onde a riqueza, concentrada nas mãos de uma minoria sempre ávida, domina todos departamentos da ação individual, sobrepujando a própria dignidade do homem, que “ imagem e semelhança, criado e mantido por Deus, está aviltado e sujo pelos ídolos que sua ambição criou”. (A Ofensiva, p.03, 28.12.1935)

Acreditou no integralismo como força revolucionária, “uma filosofia para o Brasil”, capaz de nos tirar da humilhante situação de miséria moral, intelectual e econômica que perdura até os dias de hoje. Defendeu a doutrina de Plínio Salgado em todos os seus textos publicados na imprensa integralista, principalmente na fase áurea do movimento, entre 1934 e 1937.

As propostas de Cascudo de transformação da sociedade eram mesmas defendidas pela AIB, sob o lema “Deus, Pátria e Família”.

Comentarista político internacional

Cascudo também defendeu seus ideais fascistas no jornal A República, de Natal, de propriedade do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, onde, também, no período pós guerra, assinou uma coluna diária, “Acta Diurna”.

Cascudo publicou um artigo sintomático das suas preferências ideológicas, “Adolf Hitler através da numerologia”, na edição de 01.10.1933, bastante simpático ao “fueher” alemão. Esse artigo e mais “ O sigma vitorioso”, “República Manchú” e o “Soviet Anedótico (A República de 12.09 e 29.10.33, estão registrados no livro de Zila Mamede. (2) Nos três artigos, Cascudo discorre sobre a doutrina integralista, o nazismo e critica o socialismo soviético.

Como comentarista político internacional, ele preocupou-se com a situação da União Soviética, sob o comando de Stálin, a conjuntura política da Europa (ele errou quando previu que os russos seriam os deflagradores da II Guerra Mundial e o avanço do fascismo no mundo. Entre 1934/36, o período mais profícuo da produção jornalística de Cascudo, além de seus artigos laudatórios sobre o fascismo nos Estados Unidos da América do Norte e na América Latina, História do Brasil, cinema, música, etc., escreveu sobre moral política e o ensino na ex-URSS, chegando ao ponto de elogiar reforma educacional soviética de 1935. Foi o único ponto de concordância de Cascudo com postulados soviéticos, isto é, a modernização e desenvolvimento dos métodos educacionais soviéticos.

Sobre os rumores de que Alemanha nazista, dois anos após a ascensão de Hitler, estava se armando para uma desforra com os países vencedores da Primeira Guerra, L.C.C., em “O pretexto do armamentismo alemão” (A Ofensiva, p.1, 10.01.35) culpava a União Soviética pelo “estado de alarme europeu”, pois “o russo sempre foi hábil e plástico em prometer e arranjar acontecimentos oportunos” e isentava a Alemanha de ser uma provocadora de ‘casus-belli”.

A história mostrou, quatro anos depois, que a havia fundadas razões para que a França e a URSS denunciasses o rearmamento alemão, e, ao contrário do que previa Luiz da Câmara Cascudo, não foram os soviéticos que transformaram “a doce França da canção de Roland numa colônia moscovita”, mas a barbárie nazista que subjugou o povo francês durante cinco anos da II Grande Guerra, com a colaboração de fascistas franceses.

Cascudo e o ensino soviético

A respeito da lei que entrou em vigor na URSS, em 18 de maio de 1934, Cascudo considerou que a reforma do ensino soviético era uma anomalia, já que ressuscitaria métodos educacionais burgueses e abjuraria princípios marxistas ortodoxos.

“A Rússia voltou à metodologia moderna européia., recusou dos detalhes que a prática mostrava inviáveis e anti-humanos. É uma linda atitude de inteligência e de coragem essa confissão. A se-lo-ia maior se os adeptos fossem mais leais e dissessem o que realmente houve: o repúdio numa alta percentagem, ao que se julgava a última palavra em matéria de ensino”. (A Ofensiva, p.03, 14.09.1935).

O anti-comunismo exarcebado de Cascudo é justificável: integralista, ligado à corrente anti-semita de Gustavo Barroso (3), admirador de Hitler e Mussolini, ele só podia escrever de forma simpática ao movimento naza-fascista internacional. A propósito, deve-se salientar que Plínio Salgado jamais foi admirador do nazismo. Ao contrário, escreveu artigos mostrando as diferenças entre a sua ideologia e os postulados racistas do nazismo. Apesar de suas fortes inclinações com o grupo de ultra-direita de Gustavo Barroso, que quase derrotava Plínio no Congresso Integralista de Vitória/ES, em 1934, não encontramos nenhum artigo de Cascudo que denotasse tendência anti-judáicas.

Sobre aquele período turbulento de nossa história, Ovídio da Cunha (4) diz que “o anti-comunismo, na época de 30 a 40, era ingênuo e até primário. O comunista era olhado como uma espécie de diabo: os padres viam o comunismo como um pecado. Jocosamente, nós dizíamos: “os comunistas têm rabo de cão”. Então, o antagonismo comunismo/integralismo, no sentido da imagem popular, era ingênuo, como se, por exemplo, hoje discutíssemos a questão da macumba, não tinha um sentido teórico-ideológico. O clero apresentava o comunismo como capaz de todas as misérias, os comunistas seriam capazes dos crimes mais horrorosos, e todos aqueles estereótipos que se formam em certas sociedades subdesenvolvidas contra uma seita religiosa ou uma seita política envolvia os comunistas. Os integralistas passariam a ser os anjos-da-guarda, congregando marianos da defesa da tradição, da família, da propriedade, da integridade da pátria, e, do outro lado, os anjos-maus, que eram os comunistas. Havia da parte dos integralistas e do líder católico um grande namoro pelo proletário, a preocupação de cativar o proletário. Mas o proletário autêntico não tinha valor nenhum, o problema dele era puramente fisiológico, era sobreviver, e se valores existissem, eram os valores das religiões populares de hoje, ele não tinha cultura, não tinha percepção para essas sutilezas ideológicas de hoje. De modo que o movimento se fazia na classe-média e na sacristia das igrejas. Houve vários sacerdotes que foram integralistas.”. (5)

NOTAS: 1) Conforme notícia publicada na p. 07, de A República, edição de 01.07.1933, no final de 1932 esteve em Natal uma “embaixada universitária monarquista”, recepcionada pelo dr. Jaime Wanderley, poeta, em sua residência, na rua São Tomé. O mesmo jornal informava que “... na noite de 29 p.p. uma conferência do acadêmico Vival

Silva, na Associação Potiguar de Estudantes, que se reunira em sessão solene sob a presidência do pe. Valfredo Gurgel. Vival fez uma análise percuciente e lógica do regime republicano e das tendências sociais do Brasil, sendo muito aplaudido ao terminar. O salão estava completamente cheio e notamos os mais representativos elementos da nossa sociedade. Falou o dr. Luiz da Câmara Cascudo instalando o Centro de Cultura Social Conde D’Eu e, explicando sua finalidade, exclusivamente voltada ao estudo e a observação dos problemas atinentes ao desenvolvimento da pátria comum, sem função política regional e geral, antes reunindo notações para um regime que integre o Brasil em suas tradições de paz, de garantia, de labor e de honestidade. Perorando disse que o Império sonhado não podia ser a monarquia latifundiária, capitalista e burguesa de 1889 e sim o Estado corporativo, totalitário, em vez do domínio de uma classe exclusiva sobre todas as outras, teríamos a convergência produtora de todas as atividades para o vértice único da Grande Pátria una e soberana em sua expressão indivisível de Religião, Raça e Família. Foi aplaudidíssimo. O pe. Walfredo Gurgel encerrou a sessão, pronunciando um discurso de estímulo a campanha de renovação moral e material do Brasil. O dr. Câmara Cascudo, pela Associação Potiguar de Estudantes, ofereceu uma recepção em sua residência, onde se reuniu a sociedade natalense na mais íntima e intensa cordialidade festiva”. 2) Luiz da Câmara Cascudo - 50 anos de vida intelectual - 1918-1968 - Zila Mamede, Fundação José Augusto - Natal/Rn - 1970. 3) O dr. Oto Guerra informou ao autor que o historiador Gustavo Barroso levou Cascudo para a AIB. Já o folclorista e escritor Veríssimo de Melo, no Teatro Alberto Maranhão, na noite do lançamento do livro “Esqueçam a primavera, irmão”, do embaixador Nestor Lima, em 1990, também opinou sobre as três reportagens publicadas na Tribuna do Norte sobre “Cascudo, o jornalista integralista”. Para Veríssimo, Cascudo ingressou no integralismo porque era muito jovem e que “o grande mestre” não gostava de falar sobre o seu passado na AIB, “um erro da juventude”. Cascudo não teria abandonado, formalmente, a AIB, pois não há registro, mas participou, em Natal, dos festejos do Jubileu de Prata (25 anos) da criação da AIB, em outubro de 1957, na sede do Alecrim Clube, onde proferiu ardoroso discurso integralista, segundo me informou Pedro Dantas, gerente do cemitério Morada da Paz, em Parnamirim. 4) Trecho da entrevista de Ovídio da Cunha, líder integralista no Rio, à Revista de Ciência Política, da Fundação Getúlio Vargas, Rio, Vol. 28, agosto de 1985, p.148. 5) O padre Valfredo Gurgel foi um dos representantes da cúpula do clero católico de maior destaque no integralismo potiguar. Ulisses de Góis foi o grande incentivador, deu apoio aos integralistas, mas não se filiou ao movimento. Dom Marcolino Dantas era simpatizante e dava apoio por “debaixo do pano”. Os irmãos e padres Eimar e Erildo L’Eiraistre Monteiro, de Caicó, foram integralistas, ambos capelães militares e apoiaram o regime militar pós-64. Do padre Erildo, capelão do 16 RI, em Natal, eu ouvi ele dizer, durante um sermão, em 1984, que “comunista é a mesma coisa que satanás”. Eu, comigo mesmo, disse: “é o novo! “. Sobre o Valfredo, eu testemunhei o seguinte: em plena campanha para governador, em 1965, apoiado pelo governador Aluizio Alves, ele participou da solenidade de inauguração do Comitê Estudantil da Cruzada da Esperança, na rua Princesa Isabel. Perguntei se ele ainda era integralista, ele respondeu que não “porque o movimento acabou, mas continuo com os mesmos princípios”. Houve outros padres na AIB/RN, como Luiz Adolfo, em Macaíba, e Raimundo Leão, em Caraúbas, entre outros, no Rn.

A ILUSÃO DA SOBERANIA DOS ESTADOS NA U. R. S. S.

Na “Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado” (ratificada pelo Congresso Pan-Russo dos Sovietes em 23 de janeiro de 1918) , artigo segundo, vemos que a “República Russa dos Sovietes fica fundada sobre o princípio da livre união das nações livres”.

A declaração de 3/16 de novembro de 1917 proclamava a “igualdade e soberania dos povos russos de dispor de si mesmo até a separação e constituição de um Estado independente”. (apud Troité de Droit Internacional Public, de P. Fauchille, t. 1, pág. 253) .

Na Constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (6 de julho de 1923), secção segunda, capítulo segundo, artigo quarto, encontramos “cada República federada se reserva o direito de separar-se livremente da União”.

Sem esse artigo 4’ não havia o denunciado princípio de livre-união de nações livres. Soberania dependente de outro Estado é soberania de ficção. Esta é a que existe entre os Estados que formam a U.R.S.S.

Assim diz o artigo sexto na mesma Constituição:

Art, 6* “ Não poderá alterar-se o território das Repúblicas federadas sem o consentimento destas. Para reforma, restrição ou derogação do artigo quarto será necessário o consentimento de todas as Repúblicas federadas”.

É este o princípio de livre união das Nações livres...

Desde que um dos Estados unidos “livremente “ à U.R.S.S. deseje constituir-se nação autônoma, sua soberania, expressa em lei substantiva, não reside em seus naturais. Nenhum órgão coletivo tem poder para afirmar a independência e romper o liame que “livremente “ o Estado tomou com Moscou.

O conceito de soberania, para cada um dos Estados soviéticos, é unilateral e apenas com força declarativa. Martin Ludwig Schlesingir que estudou a Constituição russa no seu “Estado dos Sovietes” (trad. espanhola do prof. Manoel Pedroso, da Universidade de Sevilha) acha que a soberania é simplesmente, como do contexto do artigo constitucional restritivo, redactado com fins de propaganda.

Juridicamente pode, mas, realmente, cada Estado russo é uma província federada, inautônoma e servil. Sua soberania está no arbítrio do mecanismo dos congressos, fórmulas sabidamente mistificadoras (eleitos com o voto público) e sujeitos in solidum ao Z.I.K. (Zentrali Ispnitelnyi Komitet) composto de duas Câmaras, o Conselho Federal e o Conselho das Nacionalidades. O Z.I.K. convoca o Congresso Federal ao menos uma vez por ano e resolve todas as leis fundamentais e orgânicas. E quando este Z.I.K. não está reunido quem governa a U.R.S.S. ?

Governa o Comitê de Direção, reunido permanentemente, e com autoridade suprema de administração e controle total, inclusive nos negócios judiciários. Esse Comitê de Direção

pode abolir todas as leis sem referendun ou necessidade de consulta prévia. O presidente do Z.I.K. , cargo que a Constituição não pôde prever, passar a ser o Presidente da União. É o que nós chamamos como o Diretor do Comitê Executivo Central da U.R.S.S. É Kalinin. As leis de cada Estado federado não têm valimento senão visadas ou referendadas pelo C.E.C. O famoso Z.I.K. elege anualmente o S.N.K. (Sownarkom Sojusa) que é constituído do Presidente, o mesmo do Z.I.K. (Kalinin), seus substitutos de presidência (que jamais funcionam) , cinco Comissários federais, administrando em forma de colégio com os plenipotenciários diretamente submetidos aos Estados federais (Estrangeiro, Guerra e Marinha, Comércio Exterior e Interior, Comunicação, Portos e Telégrafos) e cinco outros Comissários do Povo da U.R.S.S., ou melhor, da S.S.S.U. (Soyus Socialisticskikh Sovetskich Respublick), reunidos com os Comissários do Povo do mesmo nome nos Estados federais tendo como órgãos o Conselho Superior de Economia Nacional, idem de Abastecimento, Trabalho, Finanças, Inspeção de Trabalhadores e de Camponeses.

Podia detalhar a organização de toda essa engrenagem artificialmente dotada de vida mas positiva e completamente automática às mãos da força burocrática dos secretários dos comitês cujo chefe onipotente é o georgiano Stalin.

Esse é, sem ser ministro nem presidente, sem que tenha responsabilidade direta em cousa alguma, o legítimo Diretor extra-constituição e fruindo prestígios que Lenine jamais sonhou.

De tudo poder-se-à deduzir que um Estado federado nada possui de independente nem mesmo administrativa, pois as leis, regulamentos, informações, notas, enviadas pelo Comitê Executivo, têm força de dogma em todos os territórios e as leis emanadas de qualquer Estado dependem do nihil obstat do Comitê.

Nenhum tratadista de Direito Internacional Público classificará um Estado soberano, em Estado Livre, em Estado com seu Direito de autonomia em potencial, com sua independência em força virtual, qualquer das chamadas nações que a Constituição pilheria dizendo-se unidas livremente e sob o princípio de livre união de nações livres como o Estado Livre do Congo, o Reino de Sião, o Sultanato de Zanzibar. Andorra e San Marinho, minúsculos e pitorescos em sua tradição, dariam aos soberanos-Estados russos um exemplo de como eles “livremente” não podem seguir... L.C.C. (A Ofensiva, p.3, 25.09.1934, Rio de Janeiro).

Em 28.12.1935, na p. 3 do mesmo jornal, Cascudo escreveu o artigo “Father Coughlin” , a respeito do sacerdote católico que liderou um grande movimento popular fascista nos Estados Unidos, na década de 30. Coughlin pregava uma revolução fascista radical para os americanos saírem da situação de miséria e fome.

“O padre Charles E. Coughlin é vigário em Royal Oak, Michigan. Sua igreja, dedicada a Santa Teresinha do Menino de Jesus, custou nove mil contos. Chamam-na de “littie Flower”. Quando o padre Coughlin discursa, sua voz é levada por trinta radio-difusoras a todos os recantos da terra americana.

Em 1934 fez 23 sermões sobre a situação dos problemas sociais. As irradiações custaram 3.910:000\$000 réis. Vinte milhões de ouvintes preferem não comer a perder uma palavra do vigário do Royal Oak, doutor em filosofia pela Universidade de Toronto, Canadá. Esse padre católico, simples, ardente, decidido, arrebatado, é uma das mais completas e profundas popularidades que os Estados Unidos conheceram. Arthur Coelho, numa crônica-reportagem, informou que o padre Coughlin recebera, de uma só vez, 3.200.000 cartas de

aplaudidos por um dos seus sermões. Outro conquistou 600.000 missivas de solidariedade. Seu prestígio é indiscutível, real, meridiano. O Bispo Gallagher explica que é um perfeito conhecedor da doutrina da Igreja em face da questão social. O reverendo David Cari Colony, da igreja protestante Pentecostal, num assombroso artigo pelo “Forum” (nova York, abril de 1935) denuncia-o como um chefe supremo dos fascistas norte-americanos e um verdadeiro perigo para a democracia.

Coughlin, no Armistice Day de 1934 (11 de novembro) fundou a National Union for Social Justice, reunindo milhões de adeptos entusiastas e obstinados. A associação é movimento independente de política partidária, raça, religião e cor, alinha homens e mulheres para defender 16 princípios que resumem a solução cristã aos problemas do mundo materialista e distanciado das velhas estradas da razão e da justiça.

Coughlin diz que Du pont, o magnata das fábricas de munição, é um “mercador da morte” e que os banqueiros Morgan, Meilon, Mills e Meyer, “são os quatro cavaleiros do Apocalipse” e está tudo errado em economia política porque os homens substituíram o ganho justo equitativo pelo lucro desleal e anti-cristão, criando a guerra comercial numa batalha ininterrupta de competições desonestas. A finalidade humana é ocultamente obter o mais depressa possível maior soma de utilidades. Todos os caminhos são limpos e bons desde que levem ao sucesso. A riqueza, concentrada nas mãos de uma minoria sempre ávida, domina todos os departamentos da ação individual, sobrepujando a própria dignidade do homem, que imagem e semelhança, criado e mantido por Deus, está aviltado e sujo pelos ídolos que sua ambição criou. Aos seus fiéis Coughlin diz:

“Marchai! Deus quer é a cruzada espiritual contra a divindade pagã do ouro”.

Seus 16 princípios começam por uma afirmativa. I believe, eu creio. Agora mesmo o padre Coughlin está tentando a maior organização operária de todo o mundo, a Associação Geral dos Trabalhadores nas Indústrias Automobilísticas. A National Unifor For Social Justice triplicará sua força já em si infinita e complexa.

Mas, I believe em que? Coughlin acredita que nós estamos viciados em exigir Direitos e a desconhecer Deveres.

O homem esqueceu sua ancestralidade divina e sabe o que o anthropopitecus não lhe dará coisa alguma. Ele não pôde renunciar a esperança e a substituí pela velocidade, pelo agnosticismo, pela negação, sintomas de sua tristonha humilhação.

Nega porque não quer confiar. Não confia porque está cercado de guerras e de inimigos. Guerras e inimigos são conseqüências típicas de sua desorganização. Desde que o homem escolheu implicitamente uma via sem fim e sem compensação. Bater-se-á contra si mesmo até morrer. Narciso suicidou-se porque não podia possuir-se. O homem morrerá porque não possui. E jamais possuirá sem que se obrigue a ter deveres e por eles adquirir direitos. Acima de tudo, antes de tudo, no fim de tudo, está Deus. Ele nos deu: terra, rios, florestas, minas, mares, montanhas, inteligência e vontade. A explicação de Coughlin é a inversa e a verdadeira de Marx: “Creio que as riquezas que nós conhecemos provém dos recursos da natureza e do trabalho que nelas empregam os filhos de Deus”.

Raramente Coughlin se dirige ao homem (neto do macaco, bisneto da ameba, misto de estômago e sexo) que não seja por este título ilustríssimo: “Children of Good “... “É a volta da notabilização do Ex-Rei da criação, ultimamente amarrado ao Hammon” .

Faltam os “ princípios ”que alicerçam a doutrina. Mas, com licença da palavra, fica para outra conversa.

A REFORMA DO ENSINO NA U.R.S.S.

Pelo decreto de 18 de maio de 1934 a Rússia teve sua reforma de ensino e esta se operou em sentido adverso à velocidade doutrinária dos primeiros anos. Os técnicos soviéticos repetiram alegremente a marcha à ré, adaptando “velharias”, ressuscitando “burguesias” e abjurando princípios ortodoxos.

Ninguém se lembrou de gritar a anomalia dessa reforma. A Rússia “voltou” à metodologia moderna europeia, recusando detalhes que a prática mostrava inviáveis e anti-humanos. É uma linda atitude de inteligência e de coragem essa confissão. A se-lo-ia maior se os adeptos fossem mais leais e dissessem o que realmente houve: o repúdio numa alta percentagem, ao que se julgava a última palavra em matéria de ensino.

Curioso é que a Rússia passa a esponja nos borrões de sua pedagogia e muitos dos nossos mestres brasileiros continuam olhando o modelo que se modificou, seguindo-o no gesto antigo.

Acaba-se na Rússia o diretor irresponsável, sem título superior, só com as provas espirituais de “puros” e de amigos fiéis do regime. Agora o diretor é obrigado a possuir um título de estudos superiores, é responsável direto, tem direito a um tratamento de respeito e está acima dos exdixulos conselhos de operários e alunos que superintendiam a escola. Passo a ré, justamente por pensar desta forma é que o professor Mistov perdeu sua cátedra na Universidade de Ciências de Moscou. É de crer que o governo faça voltar ao seu curso o pioneiro das idéias adotadas vitoriosamente.

Estabeleceu-se a distinção precisa e completa entre as escolas primárias e secundárias e funda-se o terceiro tipo, que prepara o aluno que deseje freqüentar os estabelecimentos profissionais. Volta ao livro, ao curso propedêutico, ao regime da prioridade do cérebro sobre a mão.

O diploma de ensino secundário é indispensável para a admissão ao magistério e sem ele ninguém cursa uma escola superior. Que quer dizer?

Não é preciso detalhar. Quer dizer que se regressou das nuvens vermelhas e se está calcando terra, terra burguesa, bem próxima a nós que recorreremos a vós, mestres rubros que estendem a mão á palmatória. (A Ofensiva, p.3, 14.09.1935)

O PRETEXTO DO ARMAMENTISMO ALEMÃO

Em fins de novembro, o sr, Leon Archimbaud, relator do orçamento da guerra na Câmara dos Deputados da França, alarmou o espírito popular “denunciando” o armamentismo alemão. Não se sabe como o sr. Archimbaud obteve tanta notícia detalhada e segura. O “Intelligence Service” da França não a poderia dar tão abundante e minuciosa. Segundo relatou, o chefe Hitler procura lançar a Polônia e o Japão contra a inocente Rússia e “somente a união russo-franco salvará o mundo”. Apavorada com semelhante informe, a França teve seu orçamento primitivamente, (inelegível), isto é, 387 milhões. Archimbaud disse que era a própria U.R.S.S. a primeira potência denunciadora da Alemanha e possuía exército e bem equipado, pronto a servir a França. Os deputados da direita parlamentar estranharam essa aliança sinistra mas Archimbaud, sabedor da história, lembrou que o

Cardeal Richelieu se havia aliado com protestantes. Pediu e teve o reengajamento e anunciou que o Partido Radical Socialista (o mesmo que levantou o protesto unânime em janeiro) preferia a política dos armamentos a dos efetivos.

O primeiro exército do mundo é o francês e a primeira aviação é a moscovita. O sr. Fabry, presidente da Comissão de Guerra na Câmara, trouxe a sua reportagem. A Alemanha tem 600.000 aquartelados e está admiravelmente armada mesmo que não possua artilharia pesada, aviação de bombardeio, navios de guerra e, acima de tudo, dinheiro para manter tais serviços, ajuntamos nós.

Na Inglaterra, o tema não foi melhormente estudado. Stanley Raldwin disse que a fronteira da Inglaterra era o Reno e devia deduzir que o terceiro quartirão de Moscou é Quai D'Orsay. Mac Donald pede reforços aviatórios. Sir John Simon, com o defunto Barthou, padrinhos da Rússia na D.D.S., assombrou-se com o armamentismo lento. Vez por outra escapolem, sinuosamente, os indicadores do estado de alarme europeu. É a Rússia bolchevista. Ela informa a França, a Inglaterra e ataca de espionagem e de convulsão os Balcãs. Numa guerra só aproveitaria o governo sem escrúpulos do Kremlin, aquele que pela boca de Leitvinov, afirmou não dispensar sua "ideologia".

Os fascistas ingleses lutam para mostrar a malignidade russa na provocação de um "casus-belli". O liberal Lord George já gritou sua opinião sensata e lógica: "...A Alemanha é oanti-mural contra a onda comunista". A Inglaterra, enquanto namora a Rússia pelo monóculo de Sir John Simon, legisla contra a infiltração marxista nas forças armadas e predispõe uma formidável campanha de soerguimento cívico entre os trabalhadores, soldados e marinheiros, visados pela U.R.S.S.

Estamos assistindo uma comédia trágica, forjada entre gigantes mecânicos. A corda é dada pela Rússia. O russo sempre foi hábil e plástico em prometer e arranjar acontecimentos oportunos. A morte de Barthou e do Rei Alexandre não conseguiu sacudir a Hungria contra a Jugoslavia? Pois o plano era com a Itália porque esta arrastaria a Bulgária e a Áustria e a Alemanha teria que mobilizar. Fácil levar o fogacho para os "boulevards" parisienses e ouviríamos os gritos "A Berlim d'Berlim". O Japão mexer-se-ia mas os Estados Unidos (pacto comercial com a U.R.S.S. e pacto naval de 75% de tonelagem com o Japão) arrancariam. A França está ligada ao Deus Vermelho que iria devorar tranqüilamente sua mocidade heróica. Os "camaradas" dispensar-se-iam de ir para a guerra porque a guerra é uma manifestação do imperialismo burguês... A propaganda marxista não dormiria nos quartéis. Uma manhã, o deputado Archimbaud teria as longas barbas negras torcidas de dor. De sua França da canção de Roland, restaria uma colônia moscovita, pátio de ordens, dadas em russo, por um "tovarich " de " Knoi "e botas altas. (Este texto equivocado de Luiz da Câmara Cascudo - e bote equivocado nisso - , foi publicado no número 35 , p. 01, do jornal A Ofensiva, de 10.01.1935).

QUE QUER DIZER 'ANAUÊ " ?

10/11/10
CASCUDO NÃO DEVOLVEU

COMENDA DE MUSSOLINI

Apesar dos pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos de todo país terem alardeado que o folclorista Luiz da Câmara Cascudo tinha devolvido a comenda de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália, que lhe foi dada pelo Rei Vittorio Emanuele III, por proposição do Duce Benito Mussolini, em 1939, a exibição desse documento numa das salas térreas do lado direito de quem entra no prédio neoclássico do Memorial Câmara Cascudo, no centro de Natal, é uma prova irrefutável de que ele jamais refugou a honraria enviada pelos dignitários italianos fascistas. À vista de todos os interessados em conhecer objetos de uso pessoal e utensílios da casa em que o Cascudo residiu, além da biblioteca com quase 10.000 volumes, cartas, títulos e peças artesanais, está o original do diploma enviado pelo rei italiano, exposto ao lado de outros documentos honoríficos, como a Ordem do Mérito Aeronáutico e Ordem do Mérito do Estado do Rio Grande do Norte e um título ofertado pela Prefeitura Municipal de Natal, na gestão de José Agripino Maia.

Ao contrário do que continua sendo registrado pelos historiadores potiguares, inclusive os renomados escritores e pesquisadores João Wilson Mendes de Melo e Itamar de Souza, talvez por desconhecimento da totalidade da documentação exposta no Memorial, a própria Fundação José Augusto, mantenedora do prédio, confeccionou um pequeno folheto sobre o memorial, contendo a “Biografia de Câmara Cascudo - Memorial – O Prédio” e detalhes da exposição. O horário de funcionamento é das 9 às 17 horas, de terça-feira a sábado, e das 11 às 17 horas, aos domingos. No quinto parágrafo do folheto, está escrito: “Entre outras distinções, foi Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, Comendador do Mérito Militar (Brasil), Ordem do Mérito Militar de Cristo (Portugal), Ordem dos Cisneiros (Espanha), Ordem de São Gregório (Santa Fé), Ordem da Coroa (Itália), além de várias Ordens particulares e honoríficas”. Portanto, a comenda da Coroa Italiana está lá, exibida como uma das principais homenagens recebidas e preservadas pelo eminente folclorista potiguar e conservadas pelos seus familiares e o poder público do Estado do Rio Grande do Norte. “Todo o acervo do Memorial pertence à família de Câmara Cascudo, sob a guarda da Fundação José Augusto”, diz Neusinha, funcionária da FJA e responsável pela catalogação de todos os objetos, livros e pertences do folclorista. A comenda é um troféu cascudiano. Se Cascudo tivesse devolvido o importante título concedido pelo regime fascista de Mussolini, o diploma de Cavaleiro da Coroa da Itália não estaria em exposição no Memorial Câmara Cascudo, prédio tombado em 24 de agosto de 1989, com o “objetivo preservar e divulgar a vida e a obras de Luís da Câmara Cascudo”.

Na urna de madeira e vidro (redoma), numa sala amplamente iluminada – o que prejudica a conservação de documentos por causa do excesso de luz solar – vê-se o diploma, redigido em italiano, em caracteres itálicos próprios dos documentos monárquicos, com o seguinte texto: S. M. Vittorio Emanuele III - Per Grazia Di Dio e Per Volontá Della Nazione

RED'ITALIA E DI ALBANIA

IMPERATORE D'ETIOPIA

Gran Mastro dell'Ordine della Corona d'Italia

Sulla proposta del Duce del Fascismo, Capo del Governo, e del Ministro Segretario di Stato per gli Affair Esteri;

Com Decreto in data Roma, 30 de novembro de 1939 = XVIII = La conferito l'Onorificenza di:

Cavaliere

Dell Ordine dela Corona di Italia, com facultá de fregiarsi delle insegne stabilite per tale grado onorifico,

Al sig. Luiz da Camara Cascudo
Cittadino brasiliano = Pubblicista
Al Concelliere dell 'Ordine della Corona d'Italia,
Incariato della esecuzione di tale Decreto, dichiara
Che questo venne registrato alla Cancelleria delli 'Ordine predetto e che:
Il sig. Luiz da Câmara Cascudo
Fu iscritto nell 'Elenco des Cavalieril (Esteri) al número 3225 (Serie 3)
Il Cancelliere dell 'Ordine
(assinatura)
Il Direttore Capo della Divisione I
(assinatura)

Além das comendas oriundas da Itália e dos países em que vigoravam regimes ditatoriais fascistas, como a Espanha franquista e Portugal salazarista, o Memorial expõe outros diplomas e honorarias, inclusive placas de uma loja maçônica de Natal. A placa, colocada em 20.08.1988, pelo Grão Mestre Estadual Paulo Viana Nunes, do Grande Oriente do Estado do Rio Grande do Norte, é uma “Homenagem ao Mestre Maçon Luiz da Câmara Cascudo, Iniciado em 03 de abril de 1920 e Exaltado em 98 de agosto de 1921”. Conforme informou-me (informalmente), o historiador Olavo de Medeiros Filho, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas disse a Cascudo que ele não iria receber a medalha de São Gregório Magno porque ele era maçom, o que levou o folclorista, de imediato, a redigir um documento assegurando a sua profissão de fé católica e/ou a pedir desligamento da instituição franco-maçônica. Não existe prova documental do desligamento ou abjuração, mas o jornal A ORDEM, de 3 de setembro de 1937, advertia os leitores católicos que “estão em pleno vigor para a nossa Diocese as seguintes determinações da circular de 20.08.1926: as Irmandades e Associações Católicas saibam que declaramos írrita e nula de pleno direito toda e qualquer admissão de pessoas filiadas a seitas, associações ou instituições condenadas pela Santa Igreja. Os irmãos que, sendo maçons, desejam continuar católicos, façam a sua confissão fervorosa, abjurem a seita secreta e recebam do confessor a absolvição dos seus pecados e das penas espirituais em que incorreram inscrevendo-se na maçonaria”. (1) Portanto, deduz-se daí que Câmara Cascudo estava éticamente impedido de receber a alta comenda católica. Como recebeu a Medalha de São Gregório Magno, o fez depois de sanado o impedimento. Como a Igreja Católica evoluiu e democratizou-se muito após o pontificado do Papa João XXIII, hoje, o maçom pode ser católico e participar das atividades da sua paróquia ou diocese, sem nenhum constrangimento. A paranóia pós-Dom Vital se acabou. Ainda bem.

Homem sem vaidades, como as que abundam entre os pequenos intelectuais provincianos e das várzeas botocudas, Luís da Câmara Cascudo, apesar dos erros e falhas cometidas ao longo da sua profícua e duradoura atividade cultural, o que tornou-o um sábio e um verdadeiro “HOMEM”, conforme assegurou o poeta Gilberto Amado, “realizou-se sem pedir de graça o nome da vida para com ela transacionar o escrúpulo de se meter com riquezas, honorarias e reputações”, segundo lembra o poeta Sanderson Negreiros, seu discípulo, no seu artigo “Cascudo e sua medida”, publicado no Boletim Informativo do Centro Norte-rio-grandense, do Rio de Janeiro, página 20, março de 1968.

Defesa Passiva

O livro Radiografia de uma Administração(Secretário do Interior e Justiça – Imprensa Oficial – Natal - 1961) é o relatório da comissão revisora das aposentadorias ocorridas no desastrado final da administração de Dinarte de Medeiros Mariz, integrada por Hélio Mamede de Freitas Galvão, Manoel Benício de Melo Sobrinho e Raimundo Nonato Fernandes , presidida por Aluizio Gonçalves Bezerra, então Secretário do Interior e Justiça do Governo Aluizio Alves. Hélio Galvão foi o responsável pelo texto do relatório e o averiguador das irregularidades administrativas do governo de Dinarte Mariz, na área de recursos humanos. O relatório ficou famoso na época por causa dos erros, falhas e crimes apontados à administração anterior. Hélio Galvão não livrou a cara de ninguém e fez uma verdadeira devassa, conforme lhe foi ordenado pelo governador Aluizio Alves. A comissão detectou que muitos funcionários públicos, na gestão anterior, se aposentaram com certidões de tempo de serviço na Diretoria Regional de Defesa Passiva Anti-Aérea, assinadas pelo folclorista Luiz da Câmara Cascudo (portador da Carteira de Identidade do então Ministério da Guerra de número 14671, expedida a 25/01/1958) que tinha sido seu secretário nos anos da Segunda Guerra. Hélio, ex-integralista como Cascudo, não inquiriu o folclorista, mas Erivan França mandou um ofício para Cascudo, no qual indagou sobre a localização dos arquivos da Defesa Passiva, que funcionou entre 1942 e 1945 em Natal. A resposta de Cascudo foi que não existia arquivo algum , que os papéis tinha sido incinerados e as certidões ele dava com base na memória.

Segundo o relatório da comissão, as certidões não obedeciam aos critérios do Decreto n. 2.468, de 6 de maio de 1954, que dispunha sobre as condições do funcionário público civil do Estado se beneficiar, isto é, ter sido convocado para prestar serviços na Diretoria Regional da Defesa Passiva e apresentar certificado comprovando haver atendido à referida convocação efetivamente prestado os serviços. Cada repartição pública deveria encaminhar uma lista com os nomes dos servidores convocados pela Defesa Passiva ao secretário regional para posterior certificação. Mas “as certidões contidas nos processos de aposentadoria não obedeciam a essas regras. O decreto n. 3.808, de 15.2.61, transferiu ao Departamento do Serviço do Pessoal o encargo de expedir tais certidões. Mas quando se tratou da remoção do respectivo arquivo, o antigo Secretário do Serviço de Defesa Passiva informou que não havia arquivo nenhum, pois os papéis tinham sido incinerados e as repartições não tinham enviado as relações a que se referia o art. 5º do decreto n. 2.468. De sorte, conclui o antigo Secretário, que as certidões eram expedidas Segundo suas notas pessoais e a reminiscência fiel dos companheiros. Em face disso, à Comissão se afigurou impossível aceitar as certidões expedidas com base nessas lembranças e notas particulares do eminente historiador”. As certidões emitidas foram eliminadas porque não obedeciam ao Decreto 2.468, “seja porque não extraídas de fonte documental, seja porque não autorizados pelo governador”, advindo daí que muitas aposentadorias, subtraída a parcela de tempo, não puderam ser mantidas. A revisão efetuada pela comissão atingiu 100 processos de aposentadoria (90 por tempo de serviço e 10 por invalidez), inclusive cancelando as do ex-presidente da OAB/RN, Claudionor Telógio de Andrade, Descartes de Medeiros Mariz, do advogado João Medeiros Filho, de Hemetério Fernandes Raposo Melo Filho, Hesíquio Fernandes de Sá, Dante de Melo Lima, entre outros. Entre os treze nomes que a comissão decidiu pela aposentadoria, sujeitos à revisão do cálculo, está o de Luis da Câmara Cascudo, que tinha se aposentado em 3.1.1961, no finalzinho do governo de Dinarte Mariz, como Terceiro Consultor Geral. (Cascudo tinha tempo de serviço como professor e ex-diretor do Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense. Professor Emérito da Universidade do Rio Grande do Norte, foi aposentado “a partir de 22 de maio de 1967, por invalidez, por ato do Magnífico Reitor, com base no parágrafo primeiro do Artigo 53, da Lei n. 4.881-A, de 6.12.65, publicado no D. O. n. 95, S-I P- II, pág. 1187, de 22.5.67. Port. N. 58 de 29.7.66”, conforme a sua ficha funcional n. 1058, pertencente ao Arquivo Geral da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. A ficha funcional foi o único documento de Luiz da Câmara Cascudo encontrado no Arquivo Geral, em março de 2.000. Segundo informações, grande parte do acervo daquele arquivo foi incinerada por ordem de uma ex-dirigente do Departamento de Serviços Gerais).

Apreciando o mandado de segurança n. 243, impetrado pelo dr. Claudionor de Andrade, a comissão emitiu o seguinte parecer: “A 3ª Consultoria Geral do Estado foi criada pela lei

n. 2.387 de 18 de março de 1959 e para ele foi nomeado o dr. Luis da Câmara Cascudo. Aposentado este, sem que tivesse emitido um só parecer, para seu substituto foi indicado o dr. Antonio Soares Filho, Chefe da Casa Civil do Governador. Mas intermediariamente apareceram dois outros candidatos à terceira Consultoria: o Secretário do Interior e Justiça (o impetrante) e o dr. João Medeiros Filho (docs. Ns. 1, 2 e 3). Então as coisas se arranjaram de tal modo que de 3 a 13 de janeiro se aposentaram três Consultores Gerais da terceira Consultoria e foi nomeado um quarto”. Os consultores recebiam salários iguais aos dos desembargadores do Tribunal de Justiça. O caso ficou conhecido como “O escândalo das Consultorias”, título do livro impresso pela Secretaria do Interior e Justiça, Imprensa Oficial, Natal, 1962. Câmara Cascudo , Antonio Soares Filho e Hélio Galvão tinham sido integralistas nos anos 30, mas não ficaram inimigos por causa do “inventário” do governo Dinarte Mariz. O relatório da Comissão Revisora foi encaminhado ao governador Aluizio Alves pelo vice-governador Walfredo Gurgel, padre e outro ex-integrante da cúpula potiguar da Ação Integralista Brasileira. Apesar de ter a sua aposentadoria cancelada, João Medeiros Filho se reconciliou com Aluizio Alves (1961-1965) e foi o seu Procurador Geral da Justiça durante mais de dois anos. Todos os funcionários nomeados no “trem da alegria” de Dinarte Mariz, a famosa “vaga existente”, perderam todos os recursos na justiça e somente foram admitidos pelo gesto de concórdia do governador Monsenhor Walfredo Gurgel (1966-1970), através de um acordo.

Durante o período da Segunda Guerra, integravam a Defesa Passiva, além de civis e militares das unidades militares sediadas em Natal, o coronel Guerreiro e o folclorista Luiz da Câmara Cascudo. O general Antonio Fernandes Dantas foi nomeado interventor após a enfermidade de Rafael Fernandes, que enlouqueceu no Rio de Janeiro. O general Cordeiro de Farias era o comandante da guarnição em Natal. O chefe de polícia era o bacharel José Ildelfonso Emerenciano e o delegado do DOPS , José Batista Emerenciano (este teve atuação e muita influência na Secretaria de Segurança Pública do Estado até meados da década de 80).

10/11/10

Hélio Galvão: Cascudo errou várias vezes.

A rivalidade intelectual entre o pesquisador e advogado Hélio Galvão e o folclorista Luiz da Câmara Cascudo remonta aos anos sessenta, mas foi “acirrada” em 1974, quando um repórter do jornal “Tribuna do Norte”, matutino natalense, publicou uma entrevista com Hélio sobre uma “saída secreta” da Fortaleza dos Reis Magos, o maior marco histórico-turístico da capital potiguar. A matéria foi publicada no dia 22 de agosto de 1974, época em que a imprensa local destacava no seu noticiário o péssimo estado de conservação da fortaleza construída pelos portugueses e as iniciativas desenvolvidas pela Fundação José Augusto pela sua preservação. O pesquisador Hélio Galvão divergia com Cascudo sobre o tempo da construção da Fortaleza, defendendo que ela não poderia ter sido edificada em seis meses, mas em dois anos, conforme os documentos e informações obtidos em museus de Portugal.

Outra versão dá conta que Hélio escreveu um artigo sobre a história do Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense e que o fundador da velha escola da Cidade Alta não era o mesmo nome que Cascudo defendia. “Essa história de que houve escavações posteriores no

velho Atheneu e que se descobriu algo que era diferente do que estava publicado, a gente ouviu falar há muito tempo, mas não li nada a respeito, pois não tenho conhecimento de que tenha havido polêmica na imprensa. Contam também que houve divergências sobre a Santa Cruz da Bica, num sabe? Mas isso eu ouvia dizer, não tenho prova nenhuma”, afirma o bonachão jornalista Celso da Silveira, ex-gerente da gráfica Maninbu, da Fundação José Augusto, nos anos 60.

A carta que foi comentada na matéria da revista cultural O Galo, de dezembro de 1994, referia-se a uma entrevista que Hélio Galvão – um homem brilhante “e o brilho do seu talento riscava o ar quando ele brandia a sua espada sem medo”- , concedeu ao jornal Tribuna do Norte, edição de 22 de agosto de 1974, p.8, que recebeu o seguinte título: Hélio Galvão afirma que “saída secreta” é antiga. A matéria, de 4 colunas, tem duas fotos: de Hélio Galvão e a tal “saída secreta”, ocupando quase meia página. A matéria é iniciada com afirmações de Hélio de que ele é autor de um livro de 300 páginas sobre o Forte dos Reis Magos, no qual conta em minúcias a tal saída secreta. O texto dá entender que Hélio trata jocosamente sobre uma propalada descoberta “fenomenal” da saída secreta. O repórter escreveu que “o sr. Hélio Galvão tentou persuadir o repórter de que o assunto não tinha interesse jornalístico, uma vez que a “saída secreta” sempre existe, não constituindo-se nenhuma novidade. E acrescentou que não pretendia criar polêmicas, tendo em vista que não pretendia rebaixar-se, pois quem prestou tais informações não tinha gabarito para tal. Em suas explicações, o sr. Hélio Galvão afirmou que a passagem servia para a entrada de munições e víveres e que no documento do provedor Antonio Barreiros (“sou um único do Brasil que possui uma cópia dele”) datado de 1622 já se tinha conhecimento da saída”.

Prosegue a matéria: “Salientou, entretanto, que a mesma fora fechada, uma vez que a parte posterior do forte, quando perpendicular com a porta, existia o sanitário, cujos dejetos eram jogados pertinho da saída. Por isso, por motivos de higiene, a porta fora fechada. Disse ainda o historiador que quem quiser ler algo mais sobre o assunto é só consultar o livro que está para ser posto à venda, encontrando-se na reta final para a publicação. Explicou, por outro lado, que o que o historiador oficial da cidade, o mestre Luiz da Câmara Cascudo, poderia ir de encontro as suas explicações, mas ele, como um homem qualquer, poderia errar, como já errou inúmeras vezes. Faz questão de frisar que não tirava os méritos de Câmara Cascudo, mas considerava seu livro a mais completa obra sobre o Forte dos Reis Magos”.

A entrevista era finalizada com uma estocada em cima do então presidente da Fundação José Augusto, jornalista Sanderson Negreiros, que tinha mandado pintar a Fortaleza de branco, sob protestos oficiais do Patrimônio Histórico da União. Hélio defendia que deveria ser preservada a tradição histórica, “o forte deveria ser pintado de cimento e nunca de branco, como uma casinha de bonecas”.

A reportagem repercutiu na cidade. No dia seguinte, 23.08.74, o colunista Woden Madruga, dava a notícia de que o presidente da FJA mandou pintar de cimento o forte, “diante como está todo mundo gritando e que a pintura de branco foi recomendação do Patrimônio Histórico Nacional”. Na página 8 da mesma edição não saiu nenhum desmentido à entrevista de Hélio Galvão, mas foi publicada uma legenda sob uma foto de Luiz da Câmara Cascudo, ao lado do cantador de viola Chico Traíra e do músico Gumercindo Saraiva. A materinha diz que “o mestre Luiz da Câmara Cascudo- apesar de estar guardando o leito fortemente gripado – levantou-se ontem para receber significativa homenagem pelo transcurso do Dia Nacional do Folclore. O repentista Chico Traíra fez uma visita ao historiador para demonstrar em nome daqueles que lutam em manter vivo o

folclore, a gratidão pelo seu trabalho - quase uma vida – dedicado a pesquisa das tradições populares”.

Cascudo, maceteado nas tricas e fruticas da província, cabreiro que só ele, não deu resposta às declarações de Hélio Galvão. Este, escreveu uma carta ao folclorista, seu amigo, velho companheiro e ex-chefe da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Norte, que também ficou sem resposta. Cascudo não brigava com ninguém, era de paz e amor. Certa vez, durante uma palestra no Instituto Histórico, um conhecido intelectual se empoleirou numa janela do velho casarão e gritou uma acusação ao mestre Cascudo. Não perdeu a calma, calou-se por alguns segundos, enquanto a platéia olhava para trás para ver a macacada. Em seguida, continuou a falar como se nada tivesse acontecido.

Apesar da carta de Hélio Galvão não ter sido divulgada integralmente - o texto original está em poder do sr. Oswaldo Lamartine de Faria – há informações de que nela Hélio Galvão afirma que a reportagem de TN continha “declarações que não fiz”, “há palavras que não disse”, que foi “formado na sua escola de pesquisadores” e que reconhece a liquidez dos débitos para o mestre Cascudo, que “não serei eu que iria ferir a sua gloriosa sumidade”. Na carta, segundo informações, Hélio se refere a amizade com Cascudo (...”interrompida por outras causas as nossas relações pessoais...”), mas não foi possível se obter o texto integral da carta, apesar de prometido.

Cascudo não renegou o seu passado integralista

Luiz Gonzaga Cortez

10/11/10

Diversos veículos de comunicação social do país, nos dois últimos anos, principalmente em 1999, em função do seu centenário do nascimento e do quarto centenário de Natal, publicaram reportagens, entrevistas e artigos diversos sobre o escritor natalense Luís da Câmara Cascudo, um dos monumentos da cultura norte-rio-grandense. E por ter sido uma figura de prôa da inteligência da terra, Cascudo, que não era gênio, presunçoso, antipático nem vivia com o rei na barriga, como muitos intelectuais conterrâneos, foi uma figura ímpar, simples, modesto e digno. E dentro dessa dignidade, há um detalhe honestíssimo que não pode ser maculado por ninguém: ele jamais renegou a ideologia integralista.

Os intelectuais potiguares que participaram da Ação Integralista Brasileira-AIB (a versão cabocla das exterioridades do fascismo italiano, fundada pelo escritor Plínio Salgado, em 1932) e que tiveram atuação mais destacada foram Luís da Câmara Cascudo, Manuel Rodrigues de Melo, Otto de Brito Guerra, Antonio

Soares de Araújo Filho, Edmundo de Melo Lima, Valdemar de Almeida, Hélio Galvão e José Augusto Rodrigues, entre outros. Nenhum deles renegou o seu passado integralista, ideologia que reunia cristianismo, nacionalismo, indianismo, intervenção do estado na economia, respeito aos grupos étnicos e os direitos humanos, sob o lema de “Deus, Pátria e Família”. Mussolini e Hitler tinham admiradores nas fileiras da AIB em todo o país, principalmente nas regiões sul e sudeste. Gustavo Barroso, historiador cearense, era o principal líder da corrente anti-semita da AIB, o que motivou diversos desentendimentos com Plínio Salgado e gerou uma crise que levou ao rompimento com o seu Chefe, em 1938.

Mas Cascudo, que não teria sido anti-semita (chegou a participar de cultos no Centro Israelita de Natal, na rua Felipe Camarão, Cidade Alta, mas uma professora do Departamento de História da Universidade Federal do RN detectou indícios de anti-semitismo numa obra de Cascudo) nem foi espião nazista, jamais negou que era um ex-integralista, jamais renegou a ideologia considerada eminentemente brasileira pelo sociólogo Gilberto Freyre e neo-fascista pelos comunistas e esquerdistas de vários matizes (à exceção da cúpula da Igreja Católica brasileira, que incentivou, e de muitos padres, que participaram do movimento), não se tem provas (um rumor, um boato ou uma soprada no ouvido de alguém sério) de que tenha tocado fogo nos livros, jornais, revistas, camisas, emblemas e dísticos integralistas. Foi a partir do final de 1998 que começaram a surgir declarações, atribuídas ao jornalista Fernando Luiz da Câmara Cascudo, filho do folclorista e escritor, de que Cascudo tinha renegado o integralismo e se arrependido de ter vestido camisa verde. Veja bem, somente doze anos depois da morte de Cascudo é que surgiram essas frágeis versões. Em vida, na época em que estavam vivos o dr. Otto Guerra, dr. Clóvis Travassos Sarinho, Manuel Rodrigues, Hélio Galvão e Manuel Genésio Cortez Gomes, quem se atreveu a dizer que Cascudo tinha queimado os documentos e livros integralistas? Ninguém.

Na verdade o que Cascudo abjurou (não confundir com renegou) foi a maçonaria. Nos anos 30/40, Cascudo foi forçado pela Igreja Católica a abjurar a maçonaria, pois caso contrário, não receberia a comenda da Ordem de São Gregório Magno, no grau de Cavaleiro, concedido pelo Vaticano. Informa o historiador Olavo de Medeiros Filho que o bispo de Natal, Dom Marcolino Dantas entregou as comendas a Ulisses Celestino de Góis, Hélio Mamede de Freitas Galvão, Otto de Brito Guerra e Luís da Câmara Cascudo, todos integralistas, na época, após assegurar-se que Cascudinho não era mais maçom. Outra figura conhecida na cidade, mas que não foi integralista, mas abjurou a maçonaria foi o tabelião Theodorico Guilherme, pai do notário José Maria Guilherme, autor do livro “José”. Naquela época, ainda existiam ranços da briga da Igreja X Maçonaria ocorrida no século XIX. Em 1939, quando o Vaticano mantinha relações estreitíssimas com o “Duce” Benito Mussolini, Cascudo recebeu a sua mais importante comenda, a de cavaleiro da Coroa da Itália, proposta por Mussolini e aprovada e concedida por Sua Magestade Vittorio Emanuele III, “Per Grazia Di Dio e Per Volontá Della

Nazione”. Mas o escritor José Melquíades de Macedo defendeu em fevereiro de 2000, a versão de que Cascudo abandonou a maçonaria, “por outras questões, talvez particulares”. Mas em novembro de 2000, no bar de Lourival, o grande professor Melquíades disse que eu tinha razão (ele se referia às minhas matérias, inclusive este artigo, publicadas nos jornais Diário de Natal e Tribuna do Norte), acrescentando que Theodorico Guilherme também tinha abjurado. O interessante (não sei se por ironia da história ou desinformação) é que na entrada do prédio do antigo QG da Guarnição do Exército em Natal, a ID/7, onde hoje está o Memorial Câmara Cascudo, em 1988 foi afixada uma placa do Grande Oriente do Estado do Rio Grande do Norte – Federado ao Grande Oriente do Brasil, através da Loja Evolução Segunda (Natal/Rn) com a seguinte legenda: “Homenagem ao Mestre Maçon Luiz da Câmara Cascudo”- Iniciado em 03.04.1920 – Exaltado em 09.09.1921 , Natal, RN, 20 de agosto de 1988, Paulo Viana Nunes, Grão Mestre Estadual.

E mais: na década de 50, quase 20 anos após a extinção da AIB, quando os ex-integralistas estavam reagrupados no Partido de Representação Popular-PRP, também criado por Plínio Salgado, Câmara Cascudo, apesar de afastado da militância política (não se filiou ao PRP), assinava os jornais integralistas Idade Nova e A Marcha. Nas comemorações realizadas em Natal, em outubro de 1957, pelo transcurso dos 25 anos do lançamento do Manifesto Integralista de Outubro de 1932, quando Plínio Salgado lançou as bases de sua ideologia, o escritor Luís da Câmara Cascudo foi um dos mais aplaudidos oradores da solenidade realizada na sede do PRP da capital potiguar. A solenidade foi realizada num prédio do popular bairro do Alecrim, sob o comando de Clóvis Sarinho e do comerciante Rubens Massud. Disse-me uma das testemunhas: “Cascudinho fez um dos discursos mais patrióticos e contagiantes daquela noite. A base do seu discurso foi o lema do integralismo, “Deus, Pátria e Família”, que ele considerou atual e que deveria ser cultuado por todos os patriotas brasileiros. Em nenhum momento, Cascudo renegou o integralismo, ao contrário, ele, 25 anos depois do Manifesto de Outubro de 1932, fez a sua defesa radical, diante de centenas de pessoas”. Duas testemunhas do caloroso discurso de Cascudo residem em Natal: o aposentado Pedro Dantas e o professor de Direito Cleóbulo Cortez Gomes. Pedro Dantas, administrador do Cemitério Morada da Paz, em Parnamirim/Rn, na manhã do dia 22.04.2000, confirmava: “Cascudo fez um brilhante discurso de improviso e reafirmou, bela e empolgadamente, que continuava integralista”. O discurso foi realizado no Alecrim Clube.

Cascudo não gostava de críticas descabidas ao integralismo, principalmente de pessoas que não tinham lido nada sobre a ideologia de Plínio Salgado. “Jamais renegou os seus princípios e não negava a sua condição de ex-integralista”, escreveu o falecido médico Clóvis T. Sarinho (Fatos, Episódios e Datas que a memória gravou, Editora Nordeste, 1991, Natal, páginas 183 e 184).

Na série de reportagens que publiquei no Diário de Natal, a partir de 01 de julho de 1984 (A Pequena História do Integralismo no RN, mais tarde republicadas em

livro editado pela Fundação José Augusto e Clima), cometi o deslize de escrever que o Dr. Otto Guerra tinha declarado que Cascudo tinha renegado o integralismo. O Dr. Otto mandou uma carta de desmentido, publicada na edição de O POTI de 08.07.1984, p.10, da qual extraio o seguinte trecho: "...Minha segunda retificação prende-se ao escritor Luís da Câmara Cascudo, antigo e dedicado "Chefe Provincial" do integralismo no Rio Grande do Norte, durante algum tempo. Nunca o ouvi renegar o seu passado integralista, nem tenho provas disso. Num dos seus livros – "Viajando o Sertão"- ele fala abertamente na sua filiação integralista. Note-se que esse livro foi reeditado faz pouco tempo e Cascudo não alterou ou retirou uma linha do que antes escrevera. Seria pois grave injustiça de minha parte atribuir ao meu velho amigo e mestre, a quem tanto devo na minha formação cultural, uma atitude que desconheço".

Eduardo Maffei, escritor paulista, já falecido, esteve em minha residência em março de 1987 e disse-me que admirava muito Cascudo e um dos motivos que lhe causava mais admiração era que ele ainda tinha idéias integralistas (Maffei conheceu-o em Recife, em abril de 1940). O fato de documento do serviço secreto dos Estados Unidos da América, da época da Segunda Guerra, considerar Cascudo como simpatizante da Alemanha (até o Papa Pio XII foi acusado de omissão diante dos crimes do nazismo), não é dado suficiente para considerá-lo como neo-nazista ou germanófilo, como muitos concluíram após ler a sua ficha, trazida pelo pesquisador Leonardo Barata. A propósito, muitos integralistas do Rio de Janeiro, Natal, Recife e Fernando de Noronha, trabalharam como espões dos serviços de informações dos americanos instalados no Brasil.

Câmara Cascudo foi um dos intelectuais expoentes da Ação Integralistas Brasileira. Escreveu artigos para as publicações integralistas A Ofensiva, Panorama e Anauê, entre outras, na década de 30, até a extinção da AIB, em novembro de 1937. Apesar de não ter mais de dois mil militantes, os integralistas potiguares conseguiram que Plínio Salgado, candidato à Presidência da República em 1955 pelo obtivesse boa votação em Natal. Tal fato viria influenciar o candidato a governador Aluizio Alves, em 1960, a adotar a camisa verde como símbolo principal da sua memorável e vitoriosa campanha eleitoral. Alguns desses artigos estão reunidos no livro "Câmara Cascudo, jornalista integralista", publicado pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que, segundo o escritor Itamar de Souza, é obra indispensável para se conhecer o lado político de Luiz da Câmara Cascudo.

Luiz Gonzaga Cortez é jornalista e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Cascudo foi professor da FJA

20.03.2000

Apesar de não ser detalhada na vasta bibliografia a seu respeito, a atividade do folclorista Luiz da Câmara Cascudo como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Fundação José Augusto, autarquia criada pelo governador Aluizio Alves, em 1963, continua sendo mais um campo de pesquisa sobre a vida do ícone da cultura potiguar.

Aluizio Alves criou a Fundação José Augusto, segundo os analistas, com o objetivo de ser uma entidade de promoções culturais e embrião de uma nova universidade que concorreria com a Universidade do Rio Grande do Norte, criada no governo Dinarte Mariz, justamente na época em que se discutia a sua federalização. A universidade foi instalada em 21 de março de 1959, mais tarde denominada Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na época dirigida pelo Reitor Onofre Lopes da Silva, fiel correligionário de Dinarte, inimigo político de Aluizio. A Faculdade de Filosofia de Natal, como ficou errôneamente conhecida, foi criada pela antiga Associação dos Professores do RN. Os dois primeiros diretores foram os professores Clementino Câmara e Edgar Barbosa (1955). Para presidir a FJA, Aluizio nomeou o seu amigo e correligionário Hélio Mamede de Freitas Galvão, advogado e antigo militante da Ação Integralista Brasileira-AIB/RN, no final dos anos trinta.

Mesmo tendo atuado juntos no movimento integralista potiguar, Câmara Cascudo não se dava bem com Hélio Galvão, uma das inteligências do Estado com bagagem e cacife para rivalizar com Cascudo, um intelectual reconhecidamente ligado ao dinartismo (Dinarte, quando governador, nomeou Cascudo como Consultor Jurídico do Estado, cargo no qual se aposentou, apesar de não ter exercido a função, o que garantiu uma folgada aposentadoria ao mestre da rua Junqueira Ayres). Segundo o jornalista Vicente Serejo (Dr. Hélio – Só uma lembrança, O Galo, revista cultural, Natal/Rn, nov/dez-1994, p.21), ele tentou saber o motivo de um “misterioso silêncio que separava ele de Câmara Cascudo, dois dos homens mais cultos da cidade”, durante uma visita à residência do autor da História da Fortaleza da Barra do Rio Grande. Na ocasião, Hélio Galvão mostrou o gavetão do arquivo onde estava guardada a cópia da carta que enviou a Cascudo, sem revelar o seu conteúdo. Conta ainda o jornalista Serejo, no artigo, que anos depois, na casa de Oswaldo Lamartine, conseguiu ler a carta “palavra por palavra”, após sentir um “nó na garganta”, mas não obteve autorização para publicá-la. Ficou o mistério no ar. Ficou a interrogação: por que Hélio Galvão, ex-presidente da FJA, mandou aquela carta ao ícone da cultura da província do Rio Grande do Norte? Até hoje os intelectuais conterrâneos procuram saber. Teria sido a demissão de Cascudo do cargo de professor da Fundação José Augusto, nos anos sessenta?

O professor Alvamar Furtado de Mendonça revelou no dia 19 de março de 2000 que tem uma vaga lembrança de Cascudo no interior do prédio da Fundação José Augusto. “Lembro-me de Cascudo e do seu charuto na sala de reuniões dos professores da Fundação, mas a memória está muito distante, faz muito tempo, né? Lembro-me de Leonardo Bezerra, de Moacir de Góis, dos primeiros tempos, quando eu estava iniciando. Muitos professores foram dar aulas na Fundação para fazer currículo, por pouco tempo, porque eram jovens, estavam iniciando e precisavam dar aulas. Outros fora embora em pouco tempo porque a Fundação pagava pouco e ainda atrasava os pagamentos”, disse Alvamar Furtado, que não acredita que Cascudo tenha sido demitido por portaria. Cascudo, naquele tempo, já era um nome consagrado. “Eu, não; eu estava iniciando a minha carreira no magistério. Mas não acredito nisso, acho que ninguém teria coragem para demiti-lo por portaria”.

Na manhã de 24.03, o animador cultural da FJA, Dácio Galvão, se prontificou a colaborar com a reportagem e disse que mostraria a carta do seu pai, Hélio Galvão, que derrubou versão de Cascudo sobre a construção da Fortaleza dos Reis Magos de que teria feita em seis meses, na próxima segunda-feira, 27; cópia da carta está debaixo da cama de Dácio, segundo informou. Telefonou para José Arno, seu irmão, e como desconhecia que Cascudo tivesse sido professor da FJA, indagou-lhe desse fato; parece-me que José Arno confirmou, pois Dácio disse “então foram duas divergências? Antes do caso da fortaleza?”.

Dácio pediu-me para falar com ele e acertar uma data para conversar sobre com José Arno. Depois Dácio disse que acha que foi no tempo de Ilma Melo Diniz, depois de dizer que o seu pai queria que a FJA fosse uma universidade estadual, etc. Dácio disse também que pode ter havido problemas porque Hélio fez o inventário político no início da administração de Aluizio Alves, a mandado dele, tendo descoberto que Cascudo era um dos beneficiários do governo de Dinarte Mariz, que Cascudo foi nomeado por Dinarte, etc. Dácio disse que a carta fala alguma coisa sobre isso.

Na noite de hoje, 24, na saída de reunião do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Jurandir Navarro disse que o arquivo é muito fraco e que eu procurasse a secretária do Conselho Diretor (Ana Galiza) para ler as atas daquele tempo que poderia ter muita coisa para pesquisar, mas reafirmou que nunca ouviu falar que Cascudo tivesse ensinado na FJA. O ex-vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, professor João Wilson Mendes de Melo, confirma que LCC ensinou na unidade de ensino estadual incorporada à Fundação e que saiu de lá por optar pela universidade federal ou estadual, na época em que houve uma reforma curricular. Desconhece que Cascudo tenha sido demitido.

O ex-professor de geografia Arnóbio Pinto Fernandes, aposentado, confirma que Cascudo era professor de Etnografia da FCL da FJA no final dos anos cinquenta e quando Hélio Galvão foi nomeado o primeiro presidente da instituição criada em 1963 por Aluizio Alves. Arnóbio opina que Cascudo deixou a velha Faculdade de Filosofia quando houve a federalização da Faculdade de Direito de Natal. “Otto Guerra, Cascudo e outros optaram pela Faculdade de Direito. Não creio que Cascudo tenha sido demitido por Hélio Galvão, que ensinava Antropologia Física. Se houve isso, eu não tomei conhecimento, pode ter sido abafado. Sei que Hélio Galvão tentou demitir muita gente, inclusive eu. Recorda que Veríssimo de Melo era professor de lá quando o mestre da rua Junqueira Ayres saiu e ambos eram amigos. “Por isso, não acredito nessa versão de que a demissão de Cascudo tenha possibilitado a indicação de Veríssimo para o lugar de Cascudo”, aduziu.

Francisco de Assis da Silva, filho de Aníbal Délio da Silva, secretário da FJA durante muitos anos, inclusive atuou na Universidade Federal do RN, já falecido, foi aluno de curso de geografia da FFCL e que Cascudo ensinava duas matérias: Etnografia e Antropologia Cultural e que Hélio Galvão era professor de Antropologia Cultural também e que em 1967 Cascudo não estava mais lá e “parece que ele optou pela universidade federal. Realmente, em 1967, segundo Itamar de Souza,(vide fascículos publicados pelo Diário de Natal) ele recebeu do reitor Onofre Lopes da Silva, o título de professor emérito da universidade. Afonso Laurentino Ramos, que foi secretário de Hélio Galvão, na década de 60, não quis comentar, pois não se lembrava que Cascudo tivesse sido professor da FJA., mas indicou nomes de pessoas para falar como Quinho Chaves.

Natércio Gomes da Costa- 231.8100

Natércio disse que se recorda fortemente da presença de “Cascudinho” nas salas de aula, conversando ou contando e ouvindo anedotas nos corredores da FJA. “Muitas vezes ele me deu o cheque do salário que recebia da fundação e eu ia ao Banco do Estado do Rio Grande do Norte receber o dinheiro. Uma vez, ele me deu uma gorjeta e disse: “isso aí é para você comprar uma gravata”. Outras vezes, cheguei a contar anedotas que eram inéditas para ele. Nessas ocasiões, ele dizia: “essa vou anotar para eu contar também”. Era um homem formidável. Agora não me peça para eu falar sobre as aulas dele ,não, porque eu era somente bedel”, afirma Natércio Gomes da Costa, aposentado da universidade federal e futebolista juramentado.

Texto de Luiz Gonzaga Cortez

13.12.2000

Motivo de uma controvérsia e gerador de informações desencontradas, o arquivo do Serviço da Defesa Passiva Anti-Aérea de Natal, do tempo da Segunda Guerra, existiu mesmo. Uma fração desse arquivo se encontra depositado numa sala do Instituto Histórico e Geográfico do RN. A nosso pedido, foi localizado pelo pesquisador Olavo de Medeiros Filho, um dos nossos maiores historiadores de todos os tempos, o maior conhecedor da nossa história colonial e Diretor da Biblioteca do IHG/RN. Foi ele que achou a pasta número 60 com mais de 150 folhas de papel ofício, relatórios e registros de visitas das alertadoras e alertadores. No dia 19, Olavo mostrou a volumosa pasta com as fichas e disse-me: “Está aí, Cortez, divirta-se”.

Tudo está registrado sob o título “Fichas dos Serviços Prestados pelas alertadoras e alertadores da Segunda Turma – S.D.P.A. Aé – 1943”. As folhas contém os nomes dos homens e mulheres que atuaram nos bairros de Cidade Alta, Tirol, Alecrim, Petrópolis, Ribeira e outros logradouros. As mulheres eram encarregadas de visitar as casas das demais companheiras (os) da Defesa Passiva, um serviço integrado por civis, muitos deles funcionários públicos, responsáveis pela segurança coletiva, observações do espaço aéreo e do litoral, na época em Natal estava ocupada por tropas brasileiras e americanas e sob a tensão de um possível ataque por tropas nazistas alemães. Câmara Cascudo, já conhecido como intelectual e ex-chefe da Ação Integralista Brasileira no Estado, foi o secretário geral do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea.

As alertadoras visitavam, periodicamente, os abrigos anti-aéreos que foram construídos sob as residências previamente escolhidas e selecionadas. Nos abrigos seriam colocados os moradores em caso de alarme de ataque aéreo, o que nunca ocorreu. Mas diversos exercícios foram realizados durante o período do conflito. Esse contingente civil foi treinado em curso ministrado na Associação dos Professores, na avenida Rio Branco. Era um serviço voluntário. Acredita-se que Natal teve mais de 100 abrigos espalhados pela cidade, inclusive na rua Princesa Isabel, antiga 13 de Maio. Algumas alertadoras eram jovens de 17 a 20 anos, como Lúcia Severo e Vanuza Dantas que, segundo informações ainda residem em Natal, mas mais de 90% já faleceu. Os alertadores e alertadoras eram lotados em Delegacias do S.D.P.A.Aé Regional, diretamente subordinado ao General Gustavo Cordeiro de Farias, Comandante da Segunda Brigada e da Guarnição Federal. O general Cordeiro de Farias, em março de 1942, ordenou diversos treinamentos da população sobre medidas que deveriam ser tomadas na eventualidade de uma ataque aéreo, conforme matéria publicada no jornal A República, de 26.03.42.

Conforme as folhas achadas o cidadão Antonio Plácido da Silva, natural de Acari/Rn, nascido a 19 de janeiro de 1891, foi o voluntário número 01 da Defesa Passiva. Ele morava na rua Felipe Camarão, 398 e foi convocado a 29 de outubro de 1942. Todo voluntário era identificado por um número. Entre as mulheres relacionadas na pasta do IHG/RN estão Sebastiana Borges, Iracema, Garcia, Lindalva Evangelista da Silva, Maria A. Cortez, Maria do Carmo Padroeiro, Lupicínia Alves de Oliveira, Alba de França Tavares, Rosalba de França Tavares, Marina Rodrigues Silva, Neusa Alves Basílio do Nascimento, Susana Soares de Macedo, Angelita Gaspar, Celina de Medeiros Cunha, Isolda Cavalcanti, Zaide

da Camara, Hélia Camara, Dalva Gonsalves de Oliveira, Nair Alves de Araújo Moura, Helena da Fonseca e Silva, Maria da Conceição, Alda Medeiros, Nalva Medeiros, Maria Leonor de Medeiros Lima, Angélica Lagrota de Basto, Anita Gomes dos Santos, Leonizia Queiros de Azevedo, Hilda Barreto Nogueira, Maria Irene Luz, Maria Helena de Souza, Maria de Lourdes Dubeux Dantas, Elba Aranha Soares, Ana Alves de Brito, Vanuza Dantas, Ivete Pimentel, Isis de Medeiros Camara, Laise Cavalcante, Maria da Conceição Moreira Dias, Alice Silva, Ana Iolanda Galvão, Maria Alves de Almeida, Lúcia Severo, Olimpia Cavalcanti, Leonor Cavalcanti. Entre os homens: Antonio Ernesto da Cunha, Manoel Jacob de Medeiros, Antonio Plácido da Silva, Manoel Lucas do Nascimento, Adauto Dias da Costa, Leônidas de Oliveira, Manoel Julião da Silva, José Augusto da Silva, Elpídio Soares Bilro, João Francisco de Borja, José Fabricio de Oliveira, Manoel Casimiro de Andrade, Joaquim José de Melo e Celso Gomes Vidal. Há uma capa de fichas com identificação de “Alertadoras e Policiais – S.D.P.A. Aé – 1943, mas apenas com os nomes de Ida Monteiro, Lúcia Severo, filha do ex-dirigente integralista Sérgio Severo de Albuquerque Maranhão, comerciante, e Maria da Conceição Moreira Dias. As alertadoras e alertadores eram domésticas, estudantes, comerciantes, industriais e predominantemente funcionários públicos estaduais e municipais. Os seus nomes estão em folhas sem nenhuma rubrica de dirigente da Defesa Passiva, misturadas com documentos do século XVII (Cartas do Senado de Natal etc), que se quebram ao menor contacto. Quem enviou os documentos do Serviço de Defesa Passiva para o IGH, não se sabe (por enquanto), mas é possível que haja mais documentos na instituição mais antiga do RN. O Instituto Histórico e Geográfico, guardião dos valiosos documentos, não tem condições de salvá-los através de microfilmagem.

Quiprocó

O caso do arquivo da Defesa Passiva deu uma confusão danada no início do governo de Aluizio Alves. Luís da Câmara Cascudo e Hélio Galvão, dois ex-integralistas, católicos, ligados ao bispo Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, outro ex-integralista, mas não filiado oficialmente, começaram a se distanciar nessa época, segundo informações.

O livro **Radiografia de uma Administração** (Secretaria do Interior e Justiça – Imprensa Oficial – Natal - 1961) é o relatório da comissão revisora das aposentadorias ocorridas no desastrado final da administração de Dinarte de Medeiros Mariz, integrada por Hélio Mamede de Freitas Galvão, Manoel Benício de Melo Sobrinho e Raimundo Nonato Fernandes, presidida por Aluizio Gonçalves Bezerra, então Secretário do Interior e Justiça do Governo Aluizio Alves. Hélio Galvão foi o responsável pelo texto do relatório e o averiguador das irregularidades administrativas do governo de Dinarte Mariz, na área de recursos humanos. O relatório ficou famoso na época por causa dos erros, falhas e crimes apontados à administração anterior. Hélio Galvão não livrou a cara de ninguém e fez uma verdadeira devassa, conforme lhe foi ordenado pelo governador Aluizio Alves. A comissão detectou que muitos funcionários públicos, na gestão anterior, se aposentaram com certidões de tempo de serviço na Diretoria Regional de Defesa Passiva Anti-Aérea, assinadas pelo folclorista Luiz da Câmara Cascudo (portador da Carteira de Identidade do então Ministério da Guerra de número 14671, expedida a 25/01/1958) que tinha sido seu secretário nos anos da Segunda Guerra. Hélio, ex-integralista como Cascudo, não inquiriu o folclorista, mas Erivan França mandou um ofício para Cascudo, no qual indagou sobre a localização dos arquivos da Defesa Passiva, que funcionou entre 1942 e 1945 em Natal. A

resposta de Cascudo foi que não existia arquivo algum, que os papéis tinham sido incinerados e as certidões ele dava com base na memória.

Segundo o relatório da comissão, as certidões não obedeciam aos critérios do Decreto n. 2.468, de 6 de maio de 1954, que dispunha sobre as condições do funcionário público civil do Estado se beneficiar, isto é, ter sido convocado para prestar serviços na Diretoria Regional da Defesa Passiva e apresentar certificado comprovando haver atendido à referida convocação efetivamente prestado os serviços. Cada repartição pública deveria encaminhar uma lista com os nomes dos servidores convocados pela Defesa Passiva ao secretário regional para posterior certificação. Mas “as certidões contidas nos processos de aposentadoria não obedeciam a essas regras. O decreto n. 3.808, de 15.2.61, transferiu ao Departamento do Serviço do Pessoal o encargo de expedir tais certidões. Mas quando se tratou da remoção do respectivo arquivo, o antigo Secretário do Serviço de Defesa Passiva informou que não havia arquivo nenhum, pois os papéis tinham sido incinerados e as repartições não tinham enviado as relações a que se referia o art. 5º do decreto n. 2.468. De sorte, conclui o antigo Secretário, que as certidões eram expedidas Segundo suas notas pessoais e a reminiscência fiel dos companheiros. Em face disso, à Comissão se afigurou impossível aceitar as certidões expedidas com base nessas lembranças e notas particulares do eminente historiador”. As certidões emitidas foram eliminadas porque não obedeciam ao Decreto 2.468, “seja porque não extraídas de fonte documental, seja porque não autorizados pelo governador”, advindo daí que muitas aposentadorias, subtraída a parcela de tempo, não puderam ser mantidas. A revisão efetuada pela comissão atingiu 100 processos de aposentadoria (90 por tempo de serviço e 10 por invalidez), inclusive cancelando as do ex-presidente da OAB/RN, Claudionor Telógio de Andrade, Descartes de Medeiros Mariz, do advogado João Medeiros Filho, de Hemetério Fernandes Raposo Melo Filho, Hesíquio Fernandes de Sá, Dante de Melo Lima, entre outros. Entre os treze nomes que a comissão decidiu pela aposentadoria, sujeitos à revisão do cálculo, está o de Luis da Câmara Cascudo, que tinha se aposentado em 3.1.1961, no finalzinho do governo de Dinarte Mariz, como Terceiro Consultor Geral. (Cascudo tinha tempo de serviço como professor e ex-diretor do Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense. Professor Emérito da Universidade do Rio Grande do Norte, foi aposentado “a partir de 22 de maio de 1967, por invalidez, por ato do Magnífico Reitor, com base no parágrafo primeiro do Artigo 53, da Lei n. 4.881-A, de 6.12.65, publicado no D. O. n. 95, S-I P- II, pág. 1187, de 22.5.67. Port. N. 58 de 29.7.66”, conforme a sua ficha funcional n. 1058, pertencente ao Arquivo Geral da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. A ficha funcional foi o único documento de Luiz da Câmara Cascudo encontrado no Arquivo Geral, em março de 2.000. Segundo informações, grande parte do acervo daquele arquivo foi incinerada por ordem de uma ex-dirigente do Departamento de Serviços Gerais).

Apreciando o mandado de segurança n. 243, impetrado pelo dr. Claudionor de Andrade, a comissão emitiu o seguinte parecer: “A 3ª Consultoria Geral do Estado foi criada pela lei n. 2.387 de 18 de março de 1959 e para ele foi nomeado o dr. Luis da Câmara Cascudo. Aposentado este, sem que tivesse emitido um só parecer, para seu substituto foi indicado o dr. Antonio Soares Filho, Chefe da Casa Civil do Governador. Mas intermediariamente apareceram dois outros candidatos à terceira Consultoria: o Secretário do Interior e Justiça (o impetrante) e o dr. João Medeiros Filho (docs. Ns. 1, 2 e 3). Então as coisas se arranjaram de tal modo que de 3 a 13 de janeiro se aposentaram três Consultores Gerais da terceira Consultoria e foi nomeado um quarto”. Os consultores recebiam salários iguais aos dos desembargadores do Tribunal de Justiça. O caso ficou conhecido como “O escândalo

das Consultorias”, título do livro impresso pela Secretaria do Interior e Justiça, Imprensa Oficial, Natal, 1962. Câmara Cascudo, Antonio Soares Filho e Hélio Galvão tinham sido integralistas nos anos 30, mas não ficaram inimigos por causa do “inventário” do governo Dinarte Mariz. O relatório da Comissão Revisora foi encaminhado ao governador Aluizio Alves pelo vice-governador Walfredo Gurgel, padre e outro ex-integrante da cúpula potiguar da Ação Integralista Brasileira. Apesar de ter a sua aposentadoria cancelada, João Medeiros Filho se reconciliou com Aluizio Alves (1961-1965) e foi o seu Procurador Geral da Justiça durante mais de dois anos. Todos os funcionários nomeados no “trem da alegria” de Dinarte Mariz, a famosa “vaga existente”, perderam todos os recursos na justiça e somente foram admitidos pelo gesto de concórdia do governador Monsenhor Walfredo Gurgel (1966-1970), através de um acordo.

Durante o período da Segunda Guerra, integravam a Defesa Passiva, além de civis e militares das unidades militares sediadas em Natal, o coronel Guerreiro e o folclorista Luiz da Câmara Cascudo. O general Antonio Fernandes Dantas foi nomeado interventor após a enfermidade de Rafael Fernandes, que enlouqueceu no Rio de Janeiro. O general Gustavo Cordeiro de Farias era o comandante da guarnição em Natal. O chefe de polícia era o bacharel José Ildelfonso Emerenciano e o delegado do DOPS, José Batista Emerenciano (este teve atuação e muita influência na Secretaria de Segurança Pública do Estado até meados da década de 80).

Luiz Gonzaga Cortez é jornalista
e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico

10/11/10

Hélio Galvão: **Cascudo errou várias vezes.**

A rivalidade intelectual entre o pesquisador e advogado Hélio Galvão e o folclorista Luiz da Câmara Cascudo remonta aos anos sessenta, mas foi “acirrada” em 1974, quando um repórter do jornal “Tribuna do Norte”, matutino natalense, publicou uma entrevista com Hélio sobre uma “saída secreta” da Fortaleza dos Reis Magos, o maior marco histórico-turístico da capital potiguar. A matéria foi publicada no dia 22 de agosto de 1974, época em que a imprensa local destacava no seu noticiário o péssimo estado de conservação da fortaleza construída pelos portugueses e as iniciativas desenvolvidas pela Fundação José Augusto pela sua preservação. O pesquisador Hélio Galvão divergia com Cascudo sobre o tempo da construção da Fortaleza, defendendo que ela não poderia ter sido edificada em seis meses, mas em dois anos, conforme os documentos e informações obtidos em museus de Portugal.

Outra versão dá conta que Hélio escreveu um artigo sobre a história do Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense e que o fundador da velha escola da Cidade Alta não era o mesmo nome que Cascudo defendia. “Essa história de que houve escavações posteriores no velho Atheneu e que se descobriu algo que era diferente do que estava publicado, a gente ouve falar há muito tempo, mas não li nada a respeito, pois não tenho conhecimento de que tenha havido polêmica na imprensa. Contam também que houve divergências sobre a Santa

Cruz da Bica, num sabe? Mas isso eu ouvia dizer, não tenho prova nenhuma”, afirma o o bonachão jornalista Celso da Silveira, ex-gerente da gráfica Maninbu, da Fundação José Augusto, nos anos 60.

A carta que foi comentada na matéria da revista cultural O Galo, de dezembro de 1994, referia-se a uma entrevista que Hélio Galvão – um homem brilhante “e o brilho do seu talento riscava o ar quando ele brandia a sua espada sem medo”- , concedeu ao jornal Tribuna do Norte, edição de 22 de agosto de 1974, p.8, que recebeu o seguinte título: Hélio Galvão afirma que “saída secreta” é antiga. A matéria, de 4 colunas, tem duas fotos: de Hélio Galvão e a tal “saída secreta”, ocupando quase meia página. A matéria é iniciada com afirmações de Hélio de que ele é autor de um livro de 300 páginas sobre o Forte dos Reis Magos, no qual conta em minúcias a tal saída secreta. O texto dá entender que Hélio trata jocosamente sobre uma propalada descoberta “fenomenal” da saída secreta. O repórter escreveu que “o sr. Hélio Galvão tentou persuadir o repórter de que o assunto não tinha interesse jornalístico, uma vez que a “saída secreta” sempre existe, não constituindo-se nenhuma novidade. E acrescentou que não pretendia criar polêmicas, tendo em vista que não pretendia rebaixar-se, pois quem prestou tais informações não tinha gabarito para tal. Em suas explicações, o sr. Hélio Galvão afirmou que a passagem servia para a entrada de munições e víveres e que no documento do provedor Antonio Barreiros (“sou um único do Brasil que possui uma cópia dele”) datado de 1622 já se tinha conhecimento da saída”.

Prossegue a matéria: “Salientou, entretanto, que a mesma fora fechada, uma vez que a parte posterior do forte, quando perpendicular com a porta, existia o sanitário, cujos dejetos eram jogados pertinho da saída. Por isso, por motivos de higiene, a porta fora fechada. Disse ainda o historiador que quem quiser ler algo mais sobre o assunto é só consultar o livro que está para ser posto à venda, encontrando-se na reta final para a publicação. Explicou, por outro lado, que o que o historiador oficial da cidade, o mestre Luiz da Câmara Cascudo, poderia ir de encontro as suas explicações, mas ele, como um homem qualquer, poderia errar, como já errou inúmeras vezes. Faz questão de frisar que não tirava os méritos de Câmara Cascudo, mas considerava seu livro a mais completa obra sobre o Forte dos Reis Magos”.

A entrevista era finalizada com uma estocada em cima do então presidente da Fundação José Augusto, jornalista Sanderson Negreiros, que tinha mandado pintar a Fortaleza de branco, sob protestos oficiais do Patrimônio Histórico da União. Hélio defendia que deveria ser preservada a tradição histórica, “o forte deveria ser pintado de cimento e nunca de branco, como uma casinha de bonecas”.

A reportagem repercutiu na cidade. No dia seguinte, 23.08.74, o colunista Woden Madruga, dava a notícia de que o presidente da FJA mandou pintar de cimento o forte, “diante como está todo mundo gritando e que a pintura de branco foi recomendação do Patrimônio Histórico Nacional”. Na página 8 da mesma edição não saiu nenhum desmentido à entrevista de Hélio Galvão, mas foi publicada uma legenda sob uma foto de Luiz da Câmara Cascudo, ao lado do cantor de viola Chico Traíra e do músico Gumercindo Saraiva. A materinha diz que “o mestre Luiz da Câmara Cascudo- apesar de estar guardando o leito fortemente gripado – levantou-se ontem para receber significativa homenagem pelo transcurso do Dia Nacional do Folclore. O repentista Chico Traíra fez uma visita ao historiador para demonstrar em nome daqueles que lutam em manter vivo o folclore, a gratidão pelo seu trabalho - quase uma vida – dedicado a pesquisa das tradições populares”.

Cascudo, maceteado nas tricas e fruticas da província, cabreiro que só ele, não deu resposta às declarações de Hélio Galvão. Este, escreveu uma carta ao folclorista, seu amigo, velho companheiro e ex-chefe da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Norte, que também ficou sem resposta. Cascudo não brigava com ninguém, era de paz e amor. Certa vez, durante uma palestra no Instituto Histórico, um conhecido intelectual se empoleirou numa janela do velho casarão e gritou uma acusação ao mestre Cascudo. Não perdeu a calma, calou-se por alguns segundos, enquanto a platéia olhava para trás para ver a macacada. Em seguida, continuou a falar como se nada tivesse acontecido.

Apesar da carta de Hélio Galvão não ter sido divulgada integralmente - o texto original está em poder do sr. Oswaldo Lamartine de Faria - há informações de que nela Hélio Galvão afirma que a reportagem de TN continha “declarações que não fiz”, “há palavras que não disse”, que foi “formado na sua escola de pesquisadores” e que reconhece a liquidez dos débitos para o mestre Cascudo, que “não serei eu que iria ferir a sua gloriosa sumidade”. Na carta, segundo informações, Hélio se refere a amizade com Cascudo (...”interrompida por outras causas as nossas relações pessoais...”), mas não foi possível se obter o texto integral da carta, apesar de prometido.

10/11/10

CASCUDO NÃO DEVOLVEU

COMENDA DE MUSSOLINI

Apesar dos pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos de todo país terem alardeado que o folclorista Luiz da Câmara Cascudo tinha devolvido a comenda de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália, que lhe foi dada pelo Rei Vittorio Emanuele III, por proposição do **Duce** Benito Mussolini, em 1939, a exibição desse documento numa das salas térreas do lado direito de quem entra no prédio neoclássico do Memorial Câmara Cascudo, no centro de Natal, é uma prova irrefutável de que ele jamais refugou a honraria enviada pelos dignitários italianos fascistas. À vista de todos os interessados em conhecer objetos de uso pessoal e utensílios da casa em que o Cascudo residiu, além da biblioteca com quase 10.000 volumes, cartas, títulos e peças artesanais, está o original do diploma enviado pelo rei italiano, exposto ao lado de outros documentos honoríficos, como a Ordem do Mérito Aeronáutico e Ordem do Mérito do Estado do Rio Grande do Norte e um título ofertado pela Prefeitura Municipal de Natal, na gestão de José Agripino Maia.

Ao contrário do que continua sendo registrado pelos historiadores potiguares, inclusive os renomados escritores e pesquisadores João Wilson Mendes de Melo e Itamar de Souza, talvez por desconhecimento da totalidade da documentação exposta no Memorial, a própria Fundação José Augusto, mantenedora do prédio, confeccionou um pequeno folheto sobre o memorial, contendo a “Biografia de Câmara Cascudo - Memorial - O Prédio” e detalhes da exposição. O horário de funcionamento é das 9 às 17 horas, de terça-feira a sábado, e das 11 às 17 horas, aos domingos. No quinto parágrafo do folheto, está escrito: “Entre outras distinções, foi Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, Comendador do Mérito Militar (Brasil), Ordem do Mérito Militar de Cristo (Portugal), Ordem dos Cisneiros (Espanha), Ordem de São Gregório (Santa Fé), Ordem da Coroa (Itália), além de várias Ordens particulares e honoríficas”. Portanto, a comenda da Coroa Italiana está lá, exibida como uma das principais homenagens recebidas e preservadas pelo eminente folclorista potiguar e conservadas pelos seus familiares e o poder público do Estado do Rio Grande do Norte. “Todo o acervo do Memorial pertence à família de Câmara Cascudo, sob a guarda da Fundação José Augusto”, diz Neusinha, funcionária da FJA e responsável pela catalogação

de todos os objetos, livros e pertences do folclorista. A comenda é um troféu cascudiano. Se Cascudo tivesse devolvido o importante título concedido pelo regime fascista de Mussolini, o diploma de Cavaleiro da Coroa da Itália não estaria em exposição no Memorial Câmara Cascudo, prédio tombado em 24 de agosto de 1989, com o “objetivo preservar e divulgar a vida e a obras de Luís da Câmara Cascudo”.

Na urna de madeira e vidro (redoma), numa sala amplamente iluminada – o que prejudica a conservação de documentos por causa do excesso de luz solar – vê-se o diploma, redigido em italiano, em caracteres itálicos próprios dos documentos monárquicos, com o seguinte texto: S. M. Vittorio Emanuele III - Per Grazia Di Dio e Per Volontá Della Nazione

RED'ITALIA E DI ALBANIA
IMPERATORE D'ETIOPIA

Gran Mastro dell'Ordine della Corona d'Italia

Sulla proposta del Duce del Fascismo, Capo del Governo, e del Ministro Segretario di Stato per gli Affair Esteri;

Com Decreto in data Roma, 30 de novembro de 1939 = XVIII = La conferito l'Onorificenza di:

Cavaliere

Dell Ordine dela Corona di Italia, com facultá de fregiarsi delle insegne stabilite per tale grado onorifico,

Al sig. **Luiz da Camara Cascudo**

Cittadino brasiliano = Pubblicista

Al Concelliere dell 'Ordine della Corona d'Italia,

Incaricato della esecuzione di tale Decreto, dichiara

Che questo venne registrato alla Cancelleria delli 'Ordine predetto e che:

Il sig. Luiz da Câmara Cascudo

Fu iscritto nell 'Elenco des Cavalieril (Esteri) al número 3225 (Serie 3)

Il Concelliere dell 'Ordine

(assinatura)

Il Direttore Capo della Divisione I

(assinatura)

Além das comendas oriundas da Itália e dos países em que vigoravam regimes ditatoriais fascistas, como a Espanha franquista e Portugal salazarista, o Memorial expõe outros diplomas e honorarias, inclusive placas de uma loja maçônica de Natal. A placa, colocada em 20.08.1988, pelo Grão Mestre Estadual Paulo Viana Nunes, do Grande Oriente do Estado do Rio Grande do Norte, é uma “Homenagem ao Mestre Maçon Luiz da Câmara Cascudo, Iniciado em 03 de abril de 1920 e Exaltado em 98 de agosto de 1921”. Conforme informou-me (informalmente), o historiador Olavo de Medeiros Filho, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas disse a Cascudo que ele não iria receber a medalha de São Gregório Magno porque ele era maçom, o que levou o folclorista, de imediato, a redigir um documento assegurando a sua profissão de fé católica e/ou a pedir desligamento da instituição franco-maçônica. Não existe prova documental do desligamento ou abjuração, mas o jornal A ORDEM, de 3 de setembro de 1937, advertia os leitores católicos que “estão em pleno vigor para a nossa Diocese as seguintes determinações da circular de 20.08.1926: as Irmandades e Associações Católicas saibam que declaramos írrita e nula de pleno direito toda e qualquer admissão de pessoas filiadas a seitas, associações ou instituições condenadas pela Santa Igreja. Os irmãos que, sendo maçons, desejam continuar católicos, façam a sua confissão fervorosa, abjurem a seita secreta e recebam do

confessor a absolvição dos seus pecados e das penas espirituais em que incorreram inscrevendo-se na maçonaria”. (1) Portanto, deduz-se daí que Câmara Cascudo estava éticamente impedido de receber a alta comenda católica. Como recebeu a Medalha de São Gregório Magno, o fez depois de sanado o impedimento. Como a Igreja Católica evoluiu e democratizou-se muito após o pontificado do Papa João XXIII, hoje, o maçom pode ser católico e participar das atividades da sua paróquia ou diocese, sem nenhum constrangimento. A paranóia pós-Dom Vital se acabou. Ainda bem.

Homem sem vaidades, como as que abundam entre os pequenos intelectuais provincianos e das várzeas botocudas, Luís da Câmara Cascudo, apesar dos erros e falhas cometidas ao longo da sua profícua e duradoura atividade cultural, o que tornou-o um sábio e um verdadeiro “HOMEM”, conforme assegurou o poeta Gilberto Amado, “realizou-se sem pedir de graça o nome da vida para com ela transacionar o escrúpulo de se meter com riquezas, honrarias e reputações”, segundo lembra o poeta Sanderson Negreiros, seu discípulo, no seu artigo “Cascudo e sua medida”, publicado no Boletim Informativo do Centro Norte-rio-grandense, do Rio de Janeiro, página 20, março de 1968.

Defesa Passiva

O livro **Radiografia de uma Administração** (Secretario do Interior e Justiça – Imprensa Oficial – Natal - 1961) é o relatório da comissão revisora das aposentadorias ocorridas no desastrado final da administração de Dinarte de Medeiros Mariz, integrada por Hélio Mamede de Freitas Galvão, Manoel Benício de Melo Sobrinho e Raimundo Nonato Fernandes, presidida por Aluizio Gonçalves Bezerra, então Secretário do Interior e Justiça do Governo Aluizio Alves. Hélio Galvão foi o responsável pelo texto do relatório e o averiguador das irregularidades administrativas do governo de Dinarte Mariz, na área de recursos humanos. O relatório ficou famoso na época por causa dos erros, falhas e crimes apontados à administração anterior. Hélio Galvão não livrou a cara de ninguém e fez uma verdadeira devassa, conforme lhe foi ordenado pelo governador Aluizio Alves. A comissão detectou que muitos funcionários públicos, na gestão anterior, se aposentaram com certidões de tempo de serviço na Diretoria Regional de Defesa Passiva Anti-Aérea, assinadas pelo folclorista Luiz da Câmara Cascudo (portador da Carteira de Identidade do então Ministério da Guerra de número 14671, expedida a 25/01/1958) que tinha sido seu secretário nos anos da Segunda Guerra. Hélio, ex-integralista como Cascudo, não inquiriu o folclorista, mas Erivan França mandou um ofício para Cascudo, no qual indagou sobre a localização dos arquivos da Defesa Passiva, que funcionou entre 1942 e 1945 em Natal. A resposta de Cascudo foi que não existia arquivo algum, que os papéis tinha sido incinerados e as certidões ele dava com base na memória.

Segundo o relatório da comissão, as certidões não obedeciam aos critérios do Decreto n. 2.468, de 6 de maio de 1954, que dispunha sobre as condições do funcionário público civil do Estado se beneficiar, isto é, ter sido convocado para prestar serviços na Diretoria Regional da Defesa Passiva e apresentar certificado comprovando haver atendido à referida convocação efetivamente prestado os serviços. Cada repartição pública deveria encaminhar uma lista com os nomes dos servidores convocados pela Defesa Passiva ao secretário regional para posterior certificação. Mas “as certidões contidas nos processos de aposentadoria não obedeciam a essas regras. O decreto n. 3.808, de 15.2.61, transferiu ao

Departamento do Serviço do Pessoal o encargo de expedir tais certidões. Mas quando se tratou da remoção do respectivo arquivo, o antigo Secretário do Serviço de Defesa Passiva informou que não havia arquivo nenhum, pois os papéis tinham sido incinerados e as repartições não tinham enviado as relações a que se referia o art. 5º do decreto n. 2.468. De sorte, conclui o antigo Secretário, que as certidões eram expedidas Segundo suas notas pessoais e a reminiscência fiel dos companheiros. Em face disso, à Comissão se afigurou impossível aceitar as certidões expedidas com base nessas lembranças e notas particulares do eminente historiador”. As certidões emitidas foram eliminadas porque não obedeciam ao Decreto 2.468, “seja porque não extraídas de fonte documental, seja porque não autorizados pelo governador”, advindo daí que muitas aposentadorias, subtraída a parcela de tempo, não puderam ser mantidas. A revisão efetuada pela comissão atingiu 100 processos de aposentadoria (90 por tempo de serviço e 10 por invalidez), inclusive cancelando as do ex-presidente da OAB/RN, Claudionor Telógio de Andrade, Descartes de Medeiros Mariz, do advogado João Medeiros Filho, de Hemetério Fernandes Raposo Melo Filho, Hesíquio Fernandes de Sá, Dante de Melo Lima, entre outros. Entre os treze nomes que a comissão decidiu pela aposentadoria, sujeitos à revisão do cálculo, está o de Luis da Câmara Cascudo, que tinha se aposentado em 3.1.1961, no finalzinho do governo de Dinarte Mariz, como Terceiro Consultor Geral. (Cascudo tinha tempo de serviço como professor e ex-diretor do Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Professor Emérito da Universidade do Rio Grande do Norte, foi aposentado “a partir de 22 de maio de 1967, por invalidez, por ato do Magnífico Reitor, com base no parágrafo primeiro do Artigo 53, da Lei n. 4.881-A, de 6.12.65, publicado no D. O. n. 95, S-I P- II, pág. 1187, de 22.5.67. Port. N. 58 de 29.7.66”, conforme a sua ficha funcional n. 1058, pertencente ao Arquivo Geral da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. A ficha funcional foi o único documento de Luiz da Câmara Cascudo encontrado no Arquivo Geral, em março de 2.000. Segundo informações, grande parte do acervo daquele arquivo foi incinerada por ordem de uma ex-dirigente do Departamento de Serviços Gerais).

Apreciando o mandado de segurança n. 243, impetrado pelo dr. Claudionor de Andrade, a comissão emitiu o seguinte parecer: “A 3ª Consultoria Geral do Estado foi criada pela lei n. 2.387 de 18 de março de 1959 e para ele foi nomeado o dr. Luis da Câmara Cascudo. Aposentado este, sem que tivesse emitido um só parecer, para seu substituto foi indicado o dr. Antonio Soares Filho, Chefe da Casa Civil do Governador. Mas intermediariamente apareceram dois outros candidatos à terceira Consultoria: o Secretário do Interior e Justiça (o impetrante) e o dr. João Medeiros Filho (docs. Ns. 1, 2 e 3). Então as coisas se arranjaram de tal modo que de 3 a 13 de janeiro se aposentaram três Consultores Gerais da terceira Consultoria e foi nomeado um quarto”. Os consultores recebiam salários iguais aos dos desembargadores do Tribunal de Justiça. O caso ficou conhecido como “O escândalo das Consultorias”, título do livro impresso pela Secretaria do Interior e Justiça, Imprensa Oficial, Natal, 1962. Câmara Cascudo , Antonio Soares Filho e Hélio Galvão tinham sido integralistas nos anos 30, mas não ficaram inimigos por causa do “inventário” do governo Dinarte Mariz. O relatório da Comissão Revisora foi encaminhado ao governador Aluizio Alves pelo vice-governador Walfredo Gurgel, padre e outro ex-integrante da cúpula potiguar da Ação Integralista Brasileira. Apesar de ter a sua aposentadoria cancelada, João Medeiros Filho se reconciliou com Aluizio Alves (1961-1965) e foi o seu Procurador Geral da Justiça durante mais de dois anos. Todos os funcionários nomeados no “trem da alegria” de Dinarte Mariz, a famosa “vaga existente”, perderam todos os recursos na justiça e

somente foram admitidos pelo gesto de concórdia do governador Monsenhor Walfredo Gurgel (1966-1970), através de um acordo.

Durante o período da Segunda Guerra, integravam a Defesa Passiva, além de civis e militares das unidades militares sediadas em Natal, o coronel Guerreiro e o folclorista Luiz da Câmara Cascudo. O general Antonio Fernandes Dantas foi nomeado interventor após a enfermidade de Rafael Fernandes, que enlouqueceu no Rio de Janeiro. O general Cordeiro de Farias era o comandante da guarnição em Natal. O chefe de polícia era o bacharel José Ildelfonso Emerenciano e o delegado do DOPS , José Batista Emerenciano (este teve atuação e muita influência na Secretaria de Segurança Pública do Estado até meados da década de 80).

Luiz Gonzaga Cortez é jornalista e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.
10/11/10

O conservadorismo na cultura de Natal
Prejudicou o seu desenvolvimento?

Texto de Luiz Gonzaga Cortez
Especial para o MUITO

As instituições culturais natalenses são conservadoras, apáticas, omissas, distantes das classes sociais populares e prejudicam o desenvolvimento da cultura potiguar em geral, segundo opiniões de intelectuais. Algumas dessas entidades, apesar da abertura para o ingresso no seu quadro social, como o Instituto Histórico e Geográfico do RN, marcam passo há décadas sobre os mesmos temas da nossa história, possuem acervos riquíssimos mas abandonados, enquanto outras, como a Academia de Letras, praticamente não realizada nada para incrementar o amor à cultura e às letras no Estado.

O escritor e poeta Franklin Jorge Roque, com a sua borduna tradicional, caceteia: “O conservadorismo é um traço da identidade cultural do Rio Grande do Norte, se é que podemos dizer que tenha identidade cultural. Mas o pior é a apatia e o comodismo dos dirigentes das instituições culturais que os levam a acreditar que realizaram coisas que não chegaram nem a pensar nelas seriamente. Há um desinteresse em realizar as coisas necessárias para que, de fato, houvesse uma dinâmica cultural. Há mais de 30 anos esse comportamento leva-nos a optar por coisas mais fáceis, a imitar, por exemplo”.

À pergunta se é o conservadorismo ou a apatia que prejudica mais a cultura, Franklin Jorge, responde: “não sei se é o conservadorismo, às más escolhas, a omissão ou a incapacidade de realizar”.

O professor do curso de comunicação social da Ufrn e poeta Jarbas Martins, natural de Angicos, mas criado em Natal, diz que o conservadorismo acontece e prejudicou o surgimento de novos valores, mas pondera: o conservadorismo deve ser relativizado. Jarbas afirma que as instituições culturais, apesar do seu caráter conservador, “de forma contraditória, apontam algo inovador e ruptura; dentro das academias, nas universidades, aparecem valores que antes eram considerados incendiários e contestatórios”. Ele cita o caso do natalense Marcos Silva, hoje doutor em história pela Universidade de São Paulo-USP, onde organiza um dicionário sobre Luís da Câmara Cascudo. Nos anos sessenta,

Marcos Silva era um artista plástico e compositor contestador. Outro exemplo dado por Jarbas trata-se de Gilberto Vasconcelos, jornalista e escritor, atualmente na revista “**Caros Amigos**”. “Giba, o maluco beleza da sociologia, aparece na revista **Cronos** com um enfadonho, maneiroso e superficial ensaio, elogiando Cascudo, depois de publicar um livro, “O mito Curupira”, no qual analisa de forma vigorosa e contestatória o pensamento integralista de Plínio Salgado.

Para Jarbas Martins, o ex-contestadores e ex-vanguardistas que integram o que ele chama de vanguarda esclerótica, são os que impedem o livre debate sobre a cultura e as idéias e “não os conservadores”.

A opinião de Jarbas não é acompanhada pelo desembargador aposentado, escritor e crítico literário Manoel Onofre de Souza Júnior, membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Onofre assegura que a Academia de Letras passa por uma transição muito grande, mas não lança nenhuma farpa. “ Só podemos dizer que é ou não conservadora na medida em que as pessoas que a integram sejam ou não conservadoras. A Academia tem inúmeras cadeiras vagas, há pessoas que não puderam mostrar o seu perfil, gente jovem como Yaperi Araújo e Vicente Serejo, cujo modo de proceder não são conservadores”, disse. Onofre aceita que a ANL tenha uma tradição conservadora, mas espera que a transformação que ela enfrenta seja permanente. Ele acha que Diógenes da Cunha Lima preside a ANL há mais de 15 anos porque ninguém almeja o cargo.

Autor de 20 livros, editados por instituições públicas e pela extinta Clima Edições, de Natal, Onofre Júnior publica seus livros por conta própria, sem lançamentos. A Fundação José Augusto, uma instituição cultural que no passado tinha a editoração de livros como seu carro chefe, hoje está voltada para a música popular e restaurações de monumentos históricos e “se esquecido da literatura, à exceção do jornal O Galo”, segundo Onofre, que não é contra restaurações de prédios, como a antiga residência do Governador, na Ribeira, e o Sobradinho da rua Junqueira Ayres. “O programa editorial da FJA é limitado, tem feito edições fac-similares, com capas padronizadas”.

Mery Medeiros, poeta e memorialista, natalense, 57, afirma que o conservadorismo na cultura potiguar existe e deixou resultados negativos, pois “impediu a participação de algumas pessoas que tinham compromissos com a sociedade”. Mery cita três nomes da cultura potiguar que foram escanteados pelo conservadorismo das nossas instituições culturais: Otoniel Menezes, Esmeraldo Siqueira e Antonio Pinto de Medeiros. “Durante toda sua vida, Otoniel Menezes, por sua participação no levante de 1935, sofreu o estigma por ser comunista. Esmeraldo Siqueira, poeta, livre pensador, professor da Faculdade de Odontologia e Farmácia, foi preterido na formação daquela unidade da Universidade Federal do RN, onde botaram Adolfo Ramires, no seu lugar, como diretor. O nome de Esmeraldo foi retirado da ata de fundação da faculdade no tempo do reitor Genário Fonseca”, disse Mery. O jornalista Antonio Pinto de Medeiros, por ser um crítica literário, polemista e “um gênio, como gênios foram Newton Navarro e José Gonçalves de Medeiros”, segundo Mery, foi outro nome marginalizado pelo conservadorismo na cultura. Mas nem tudo está perdido.

Membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN, produtor cultural, Mery aponta mais dois nomes dos excluídos do eixo da cultura potiguar: José Bezerra Gomes e Walfran Queiroz. “Walfran foi considerado o poeta maldito e equiparado aos grandes clássicos da poesia brasileira, mas nenhuma instituição se lembra dele. José Bezerra Gomes foi elogiado por Mário de Andrade como um grande ficcionista brasileiro. Mas o que dizem dele? Nada. Está esquecido”, lamenta Mery.

Na opinião de Mery Medeiros, apesar da falta de recursos, a situação melhorou com as atuações de Isaura Rosado e de Eduardo Pinto, na direção da Capitania das Artes. “Novos valores têm surgido, como Eduardo Gosson e Jarbas Martins, ambos não bafejados pelas instituições culturais”, disse. Para se acabar com esse conservadorismo, Mery sugere que todas as instituições culturais (União, Estado e Município) tenham ligações estreitas e fortes com a sociedade civil, como a USP faz em São Paulo, e não fiquem distanciadas da população.

Apesar de tudo, o escritor Manoel Onofre aponta novos valores na poesia: Carmem Vasconcelos, Iracema Macedo, Pablo Capistrano, Marcelo Ribeiro Dantas, Márcio de Lima Dantas, Carlos de Souza, Demetrius Vieira Diniz, Napoleão de Paiva Souza, Carlos Magno Fernandes e Benito Barros.

Um exemplo

O jornalista Franklin Jorge, poeta premiado e reconhecido nacionalmente, é conhecido também conhecido por ser polêmico. Quando critica o desinteresse dos dirigentes culturais, que gostam de optar por coisas mais fáceis, a imitar Pernambuco, Franklin exemplifica: “há 40 anos, Ana Maria Cascudo escrevia sobre o artista Abrãao Palatnik, natalense. Há 30, quando ele já era consagrado nacional e mundialmente, eu escreví sobre Abrãao Palatnik. Há 1 ano, mais ou menos, pessoas desantenasadas fizeram uma exposição de terceira categoria da obra de Palatnik Isso foi um exemplo de escolhas de pessoas erradas. Nunca ganhei dinheiro com a cultura institucionalizada, exceto os meus livros e prêmios. Para não dizer que não ganhei nada, recebi 300 reais por ter integrado uma comissão de seleção de artes do SESI, em 1997. O trabalho ia ser de graça, mas era para escolhermos 40 obras de arte, só escolhemos 29, a muito custo. Quiseram que escolhêssemos as 40, mas Vicente Vitoriano disse que não iria trabalhar mais porque estava trabalhando de graça. Aí, o Sesi decidiu remunerar. Outra remuneração foi de R\$ 150,00, recebida de Eduardo Pinto, da Capitania das Artes, por ter participado da comissão do concurso literário Câmara Cascudo, em 1999. Então, em 30 anos de trabalho em favor da cultura, só recebi 450 reais”, disse Franklin.

O ícone do conservadorismo

O pensamento conservador no Rio Grande do Norte tem como figura de destaque o folclorista Luiz da Câmara Cascudo, natalense, que em 1998 teve o seu centenário de nascimento comemorado em grande estilo pela imprensa e algumas instituições culturais do Estado, notadamente a Academia Norte-rio-grandense de Letras-ANL e o Instituto Histórico e Geográfico do RN-IHG, presididas por dois advogados militantes e fidelíssimos discípulos do autor do “Dicionário do Folclore Brasileiro”. Os intelectuais que produzem nos diversos segmentos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na capital e no interior, não participaram, formalmente, das comemorações. Até hoje, os professores e intelectuais da Universidade Federal do RN não estudaram, formal e institucionalmente, a obra de Câmara Cascudo. Talvez pelo passado integralista do folclorista da rua Junqueira Ayres. Se Cascudo tivesse sido comunista, a coisa teria sido diferente, não?

Dirigida durante décadas por pessoas a serviço da chamada “classe dominante” e do extinto regime militar (1964-1985), a nossa universidade federal não se embala mais por louvaminhas a passados de personalidades intelectuais e políticas conservadoras (salvo

melhor juízo, diriam os magistrados). Nossos ancestrais conservadores não despertam maiores atenções dos acadêmicos, dos nossos pensadores e críticos maiores.

Os intelectuais conservadores não estão somente no ANL e IHG, mas na Fundação Padre João Maria (revista Século) e na imprensa local (aqui, há os conservadores assumidos e enrustidos), desenvolvendo suas atividades ou produzindo seus trabalhos intelectuais, de acordo com as suas óticas ideológicas.

Um dos primeiros dirigentes da Ação Integralista Brasileira no RN, em 1932, quando tinha 33 anos de idade, Luiz da Câmara Cascudo, que tinha pertencido a instituições monarquistas e era admirador do escritor cearense Gustavo Barroso (este teve a sua obra manchada pelo anti-semitismo) foi profícuo propagandista da doutrina de Plínio Salgado, cujo ideário era um misto de nacionalismo, cristianismo, indianismo, fascismo italiano, intervencionismo da Nação (o estado integral, totalitário) na economia, combate ao capitalismo selvagem, o comunismo soviético e ao banqueirismo nacional e internacional, etc. Os seus ensaios, crônicas e artigos na AIB foram publicados em jornais e revistas do movimento dos camisas verdes. O integralismo, como movimento político atuante, teve vida efêmera: foi extinto com a implantação do Estado Novo, a partir de novembro de 1937. Em maio de 1938, os integralistas tentaram derrubar Getúlio Vargas no célebre ataque ao Palácio do Catete, onde dominaram o ditador por algumas horas, esperando o apoio do general Eurico Dutra, Ministro da Guerra, simpatizante do integralismo. O golpe fracassou, diversos integralistas foram executados nos jardins do Catete, seus líderes presos e o episódio ficou conhecido como a “intentona integralista”.

Considerado como o ícone da cultura norte-rio-grandense, Cascudo foi um intelectual conservador durante toda a sua vida. Nunca escondeu ou renegou seu passado integralista. Desde 1945, após o fim da guerra, período em que exerceu a função de secretário da Diretoria Estadual da Defesa Passiva Anti-Aérea de Natal, Cascudo se manteve ligado aos militares de altas patentes. Todos os comandantes militares de Natal e Parnamirim visitavam sua residência quando chegavam para assumir os comandos de suas unidades ou quando as deixavam por motivos de transferências.

Durante todo o regime militar, essa “romaria” de oficiais-generais ao casarão da rua Junqueira Ayres perdurou, não somente por parte dos comandantes locais, mas por ministros militares e civis. Durante o regime militar, Assis Chateaubriand, diretor geral dos Diários Associados, lançou a campanha “Ouro para o bem do Brasil”. A campanha arrecadou anéis e alianças de ouro de milhares de pessoas no Brasil, inclusive em Natal. Houve o lançamento solene da campanha, na praça da Imprensa, em frente das “Cocadas”, com discursos de autoridades e de Luís da Câmara Cascudo e bênçãos do padre Eimar L’Eraistre Monteiro, ex-integralista, O jornalista Luiz Maria Alves, diretor do Diário de Natal, estava lá, pedindo ouro ao povo. “Cascudo nunca foi contra a ditadura militar”, relembra o vereador Juliano Siqueira, do PC do B, testemunha do evento.

Nos anos oitenta, levado pelo então reitor Diógenes da Cunha Lima, o General Rubem Ludwig, ministro da Educação do governo do general João Batista Figueiredo e ex-chefe da Casa Militar da Presidência da República, fez uma visita de cortesia ao folclorista Luís da Câmara Cascudo, fato amplamente divulgado pela imprensa local. Se Cascudo não fosse afinado com as idéias dos comandantes do regime militar, ele não receberia visitas e homenagens dos seus representantes. Há alguma dúvida?

Certo ou errado, Cascudo foi aliado do regime militar, **talqualmente** toda a intelectualidade conservadora do Rio Grande do Norte que, na sua maioria, era egressa do integralismo. Dizer e não provar, é blá-blá-blá. Creio que os confrades, amigos e companheiros das

vetustas (gostou de vetustas?) entidades culturais do Estado, não negarão esse posicionamento de Cascudo.

O professor emérito, um dos fundadores da Faculdade de Direito e o intelectual maior do RN, segundo os ínclitos acadêmicos - queiram ou não os intelectuais patrulhadores da velha esquerda estalinista ou da nova esquerda não sei o quê, foi um dos mais homenageados intelectuais potiguares pelos detentores do Poder no período pós-64. Não vamos listá-las. Mas Cascudo, “um dos maiores oradores potiguares e brasileiros”, que sempre falava de improviso em qualquer ambiente, foi efusivamente homenageado no Salão Vermelho Hotel Nacional, em Brasília, no dia 9 de agosto de 1973. Segundo Donatilla Dantas, numa separata do livro “Carnaúba dos Dantas – Terra da Música”, Brasília, 1990, Cascudo fascinou as autoridades presentes à solenidade, dentre outras o “Almirante Augusto Hamann Rademacker Grünewald, Vice-Presidente da República, senador Jarbas Passarinho, Ministro da Educação e Cultura, o general João Baptista de Oliveira Figueiredo, então, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República”. Motivo da homenagem: entrega do prêmio “Henning Albert Boilesen”.

Segundo Jacob Gorender (Combate nas Trevas, Editora Ática, 1987, p.200), se referindo às ações armadas contra o regime no primeiro semestre de 1971, “... um comando conjunto do MRT e da ALN, justicou no dia 15, o empresário Henning Boilesen, ativo colaborador do DOI/CODI”. Henning Boilesen era presidente do grupo Ultragás, de São Paulo, um financiadores da repressão policial-militar. Segundo Juliano Siqueira, ex-integrante do PCBR, Boilesen acompanhava, pessoalmente, as sessões de torturas nos porões do DOI-CODI para se certificar se o seu dinheiro estava sendo aplicado.

RETRANCA- 1

Hermenegildo e a contradição do conservadorismo

Para o professor do curso de Letras da Universidade Federal do RN, Humberto Hermenegildo, autor do livro “Asas de Sófia”, Câmara Cascudo vivenciou uma contradição, no que diz respeito ao aspecto conservador da sociedade brasileira. Para se analisar tal problema, segundo Hermenegildo, seria necessário estudar as várias relações conjunturais, “capazes de conferir objetividade às conclusões e dar relatividade a muitas afirmativas que podem surgir de uma análise apressada dos fatos”. Isso se aplica a quase todos os intelectuais brasileiros, segundo Hermenegildo, que entregou ao repórter um texto extenso para ser aproveitado nesta matéria. No entanto, ele aponta que o autor de **Alma Patrícia** “praticou um regionalismo não programático e não antagônico à perspectiva modernista – que não é conservadora -, em que pese o saudosismo presente no seu lamento pelo desaparecimento de um sertão que sucumbia ante a modernidade que se apresentava. O resultado é um trabalho cujo mérito consiste mais no registro das peças populares da tradição oral do que nas análises das tensões decorrentes das dualidades aí presentes. Contudo, é também preciso reconhecer que, graças ao trabalho de registro de Câmara Cascudo, pode-se vislumbrar uma unidade cultural do país que, na atualidade, vive a ameaça constante de desaparecer como variedade cultural, ante os imperativos da globalização”.

Para o professor H. Hermenegildo, “a consciência dessa unidade cultural, e a sua integração aos estudos da tradição é, hoje, uma forma de resistência que, acreditamos, pode ser aliada da assertiva programática de quem estiver interessado em manter, no país, uma civilização. Ela é, essencialmente, uma força civilizatória”.

E acrescenta: “O elemento regional, freqüentemente, valorizado em nossa literatura através de uma perspectiva que priorizava uma visão do exótico e do pitoresco, foi redimensionado através de uma linha de força do Modernismo, pela junção do primitivo com o moderno, e ao mesmo tempo, na busca dos laços das tradições locais. Relacionado a essa perspectiva dinâmica, Câmara Cascudo trilhou um caminho distinto daquele tomando por Gilberto Freyre em Pernambuco, cujo conteúdo sócio-cultural estava intimamente relacionado à economia açucareira em declínio. Diferentemente dos pernambucanos, os potiguares buscavam e valorizavam, no início do século, uma região com raízes sertanejas e com uma vida social relacionado à economia algodoeiro-pecuária – que era, na época, diretamente ligado ao que existia de mais moderno na indústria têxtil mundial -, embora, também neste sentido, fosse reivindicada uma tradição”.

Segundo Hermenegildo, a obra de Cascudo passou ao largo da polêmica Modernismo/Regionalismo, concentrada em Pernambuco, “obviamente ocasionada pela força da tradição conservadora que enfrentava os interesses mais imediatos da modernização. Despregado de uma base sólida, Cascudo adquiriu a agilidade moderna e tentou, com ela, dar movimento à tradição que se formava no Rio Grande do Norte e, ao mesmo tempo, conferir resquícios de tradição existentes um valor positivo e articulado ao discurso modernista”. Ele lembra que Cascudo causou admiração e respeito em Mário de Andrade. “O modernista paulista, em busca de valores brasileiros, observada na resenha do livro *Vaqueiros e Cantadores* (1939) que boa parte dos resultados da contribuição cascudiana à pesquisa folclórica tem origem no acercamento “aos costumes da nossa gente sertaneja do Nordeste”.

Humberto Hermenegildo, Jarbas Martins e Denise Mattos Monteiro, todos professores universitários em Natal, consideram que as nossas principais instituições culturais são conservadoras, mas não consideram-nas negativas para a cultural potiguar. Instituto Histórico e Geográfico, Academia de Letras, Capitania das Artes, Solar Bela Vista, entre outras, são instituições que cumprem o seu papel. “Elas são as guardiãs de uma tradição que, bem ou mal, é nossa. Contudo, a perspectiva da direção dessas instituições é o que determina se elas são conservadoras ou não. Historicamente, tais instituições trazem o signo do conservadorismo aqui, no Rio Grande do Norte, e no Brasil como um todo. Não devemos esperar que seja diferente, pois elas pertencem às elites dirigentes. O que se espera, contudo, é que elas cumpram o seu papel. Mesmo os mais conservadores, se forem coerentes com o papel que exercem, e se cumprem a promessa de civilização, defendendo-a da ameaça globalizante, merece o nosso respeito, o que não significa dizer que sejam aliados eternos de quem pensa de transformação. Portanto, tais instituições são conservadoras e são necessárias. Até o momento em que surjam outras dignas de promover uma superação do ranço autoritário que envolve as suas práticas. Vamos esperar para ver...”, disse Hermenegildo.

RETRANCA 2

Denise: falta pensamento crítico

O fato das instituições culturais conservadoras de Natal terem Câmara Cascudo como o seu ícone principal não representa um problema de gravidade para a professora Denise Mattos Monteiro, do curso de História da Ufrn, segundo entendeu o repórter. Depois de formular uma declaração por escrito, como fizeram Jarbas e Hermenegildo, Denise indaga: “o que se define por conservadorismo, no Instituto Histórico, por exemplo? O

instituto é uma instituição privada, dos seus sócios. Conservadorismo vai depender da visão de história deles; o Instituto Histórico tem o melhor acervo para pesquisa histórica do Estado, que está abandonado, mas tenho grande respeito pela sua produção intelectual”.

“Se conservadorismo a gente entender como uma certa visão da história produzida, aí eu diria que é uma produção conservadora, porque é muito centrada no culto aos heróis, as grandes datas, aos grandes homens”, pondera Denise.

E para mudar isso? Ela diz que não é da sua área, mas sugere que as instituições consideradas conservadoras “teriam que ter projetos culturais que não fossem voltados só para a elite” pois a impressão que se tem é a da cultura da elite. Denise sugere projetos culturais acessíveis a todas as camadas sociais. Como? “Não sei, não sou da área”, diz e indaga: “o povo da zona norte vai lá?”. (Ela se refere a ausência de moradores da zona norte nas atividades do IHG, Academia de Letras, Capitania das Artes, etc).

Residente em Natal desde 1977, a professora Denise Monteiro considera Câmara Cascudo “um importante intelectual na medida em que nos legou contribuições valiosas para a compreensão de nossa própria cultura, enquanto brasileiros. Entretanto, ele deve ser visto também como um homem de seu próprio tempo, como, afinal todos os homens e mulheres. Com isto quero dizer que sua produção intelectual tem sua própria historicidade, isto é, não pode ser desvinculada do recorte de tempo em que foi produzida, dos valores, das visões de mundo, das idéias políticas e sociais, das posições ideológicas, etc. que estavam então presentes na sociedade”.

“O que observo em relação a muitos daqueles que “cultuam” Câmara Cascudo é exatamente a ausência de pensamento crítico, que incorpore a compreensão da historicidade de toda obra intelectual. Assim, Câmara Cascudo é visto de forma sacralizada, estando, portanto, acima de toda crítica. Com isso se perde uma dimensão fundamental na obra do autor – a de matriz do político, como, por exemplo, sua participação na Ação Integralista Brasileira, de ideologia fascista – são “esquecidos”. Suas posições anti-semitas são “ignoradas”.

“A postura de “sacralização” em relação ao autor reproduz o conservadorismo, porque bloqueando a crítica, impede o avanço do conhecimento científico. Câmara Cascudo é para muitos uma espécie de mito. Ora, ou fazemos a ciência a partir da crítica à produção de conhecimento já existente, incorporando-o portanto – e avançando -, ou continuamos “cultuando mitos”. Mitologia e ciência são incompatíveis”, asseverou Denise Monteiro, doutora em história.

Já o poeta Jarbas Martins acha que Cascudo foi mesmo conservador. “Ele não escreveu nenhum estudo sobre futebol, cinema, quadrinhos”, diz.

Para Jarbas, professor de Cultura e Realidade Brasileira do curso de comunicação social da nossa universidade federal, “Luís da Câmara Cascudo foi o último romântico do século XIX. A tardividade permeia todo o seu pensamento campo da crítica literária. Ao escrever Alma Patrícia, no verdor dos vinte anos, reclamava: “A alma do Passado não vive no povo do Brasil”. E isso foi escrito em 1921, às vésperas da Semana de Arte Moderna. Cascudo aderiu, logo depois, ao Modernismo. Talvez por Ter entrevisto, nesse movimento, as possibilidades de criar uma literatura local, nativa, ideal tipicamente romântico. Lançou, em seu livro juvenil, as bases de uma História da Literatura Nortério-grandense. Uma das suas mais belas mentiras. Sensibilizou-se pela poesia ribeirinha de Ferreira Itajubá; e deslumbrou-se pelo que existe de localismo e saudosismo na poesia de Jorge Fernandes. Foi por essa porta de fundo de quintal que ingressou no Movimento

Modernista. Cascudo, um gênio isolado no tempo e em sua muito amada Província, bebeu na mesma fonte de um Goethe, de um Henri Heine e de outros grandes intelectuais germânicos. Foi também um inspirado tradutor de um dos maiores poetas do século XIX, Walt Whitman. Aliás, foi um dos tradutores pioneiros de Whitman, no Brasil. O que bem prova que, em matéria de tardividade literária, não estava tão só. Fazia parte de um anacrônico sentimento de nacionalidade. Sentimento que fingia desconhecer o século XX”.

RETRANCA 3

Enélio: IHG é casa aberta

O IHG, a mais antiga instituição cultural do RN, possuidor de um riquíssimo acervo (supõe que há milhares de documentos e livros a serem catalogados e pesquisados no seu mezanino) é dirigida há 37 anos pelo advogado Enélio de Lima Petrovich. Como se trata de entidade privada, o instituto não recebe polpudas verbas oficiais como as que são destinadas as empresas promotoras de farras-baco-etílicas-carnavalescas fora de época de Natal.

Presidente perpétuo do IHG, Enélio fica irado quando se questiona sobre a sua gestão. Apesar de ser acusado de autoritarismo, ele não recusou o pedido do repórter para obter uma fotocópia de um documento do tempo da II Guerra. Ele aparenta não gostar de que tachem o IHG de instituição conservadora. “Isso aqui é uma casa democrática, aberta a todos, a todas as classes, a homossexuais, a tudo, sem distinção de credo religioso, político, etc. Ex-comunista lança livro aqui, aliás, quem quiser lançar livro aqui, pode lançar. O instituto se abre a todos: tem sócios Bahais, militares, católicos, ateus, etc”, afirma Enélio Petrovich.

Apesar de ser presidente perpétuo, de 2 em 2 anos, no dia 29 de março, ele submete o seu nome à aprovação do quadro social do IHG e lembra que nunca houve disputas pelo cargo. Ele pergunta: “Gonzaga, se o instituto recebesse verbas públicas e o cargo de presidente fosse comissionado pelo Estado ou prefeitura, não apareceria muitos candidatos à sua presidência?”. “Conduzo essa casa com muitas dificuldades”, adverte.

Advogado, sem emprego público ou privado, Enélio Petrovich vive de advocacia. “Apesar da perpetuidade, não ditadura e politicagem aqui. Nas sessões, todos falam, falam de bem; se falar mal, eu expulso no outro dia. Aqui não se faz nada às escuras, somos uma família unida, não há vaidades. O IHG é uma comunidade cultural onde a pesquisa é ampla”, afirma Enélio, apontando para jovens estudantes e pesquisadores na sala da biblioteca.

O fato das suas reuniões contarem com a presença de militares, Enélio justifica: “é por causa das datas históricas e não por alinhamento ideológico. Sou amigo dos militares”.

Ele lembra que o IHG não se curvou ao general Duque Estrada, comandante da guarnição do Exército em Natal, nos anos setenta, que tentou impedir uma conferência de Aluizio Alves sobre José da Penha. “Aluizio estava cassado e o general disse que ele não podia falar e falou. Eu convidei Aluizio, ele veio e falou. E o general não fez nada”, disse Enélio.

No seu quadro social, há dezenas de oficiais superiores das três forças armadas, sempre recebidos com pompas no instituto.

Luiz Gonzaga Cortez é jornalista e

pesquisador.
10/11/10

Relembrando Câmara Cascudo

*Luiz Gonzaga Cortez

Foi em 1957, que vi o folclorista Luís da Câmara Cascudo, o ícone do pensamento conservador do Rio Grande Norte, pela primeira vez, na residência dos meus pais, na rua Felipe Camarão, 453, Cidade Alta. Eu tinha oito anos de idade. A casa era grande, cerca de 8 quartos, sala de jantar espaçosa, alpendre e um frondoso cajueiro na frente, reformada por volta de 1960, sem luxo. De moderno, somente uma radiola que tocava discos de Amália Rodrigues e Osni Silva. A casa era grande e bastante freqüentada pelos amigos e amigas da família que, muitas vezes, chegava gente do interior, a pé, vindo da Ribeira, com malas e bagagens, pedindo quarto para alugar. Pensavam que ali era um hotel.

Então, numa noite de maio de 57, no Dia das Mães, após a minha mãe, Maria Natividade Cortez Gomes, então com 44 anos, recebeu o título de Mãe do Ano – ela tinha 17 filhos -, em solenidade realizada nos estúdios da Rádio Nordeste, muitas pessoas foram para a nossa casa. A promoção foi da jornalista Luiza Maria Dantas, cronista social, com apoio da Prefeitura e do Governo do Estado. Não sei como Luiza Maria escolheu dona Nati como a Mãe do Ano, mas soube muitas mães de famílias numerosas participaram do concurso. A mãe que obteve o segundo lugar foi a esposa do dr. Otto de Brito Guerra, dona Selda Guerra. O prefeito Djalma Maranhão e o escritor Luís da Câmara Cascudo foram participar da festa que o meu pai, Manuel Genésio, ofereceu a diversos convidados, na sua maioria familiares, parentes e amigos. O poeta Jaime Wanderley, um homem sorridente, galego, de olhos azuis, estava lá, com a sua simpática esposa, representando o Governador Dinarte de Medeiros Mariz, de quem o meu pai divergia politicamente. Minha mãe foi premiada com um estojo de louça. (O poeta Jaime dos G. Wanderley fez a entrega do prêmio no estreito estúdio da Rádio Nordeste, fato registrado pela imprensa).

Não sei porque cargas d'água, Cascudo, sentado numa cadeira espaçosa da segunda sala da casa, perguntou ao meu pai o que achava da presença do prefeito Djalma Maranhão ali. Djalma era considerado um notório comunista, ex-participante da insurreição de novembro de 1935. Manuel Genésio, ex-integralista e anti-comunista juramentado. O meu pai não contava com a presença do prefeito em sua casa. A festinha não passou da meia-noite, mas, em dado momento, Cascudo perguntou : “E aí, Manuel, como você está vendo a presença do prefeito em sua casa?”. “É, ele já está aqui, que fique”, foi a resposta de Manuel Genésio. Cascudo, que segurava um copo (não se com guaraná ou uísque), sorriu e ficou conversando amenidades, isto é, sobre aquela ruma de meninos e meninas que se encontravam ali, olhando para eles. Parte da meninada da rua Felipe Camarão estava lá. Jorge Mário bateu fotos, bebidas e tira-gostos foram servidos. Quando a festa acabou, fomos dormir nas esteiras de agave (sisal).

A segunda vez que avistei Cascudo foi no auditório da Reitoria da Universidade, em 30 de agosto de 1966, onde o ministrou um curso sobre Cultura Popular no Brasil, patrocinado pelo Serviço Cultural da Secretaria de Educação e Cultura do Estado (Ilma Melo Diniz era diretora do SC da SEC e Jarbas Bezerra o secretário de educação). O auditório estava lotado e me recordo que estavam lá Inácio Sena, o jornalista Celso da Silveira, que ria muito com a comicidade de Câmara Cascudo. Me lembro que Cascudo

falou que os originais de um livro seu, *Civilização e Cultura*, estava extraviado, “mas eu vou publicá-lo” (risos). Na verdade, uns dois ou três anos depois os originais foram achados e publicado o livro. A platéia riu muito quando ele disse que houve um movimento para tirar o general Napoleão Bonaparte, preso na Ilha de Santa Helena, e trazê-lo para a Barra de Cunhaú, em Canguaretama/RN. Outras pessoas se levantaram, rindo, e se retiraram. E não se falou mais em Napoleão.

Creio que foi em 1965 que Cascudo foi chamado de mentiroso por um homem, de paletó, quando proferia uma palestra no Instituto Histórico, na rua da Conceição. Nesse tempo, Enélio Petrovich já era o presidente do Instituto. O homem tinha voz “grossa”, meia tonitroante. Cascudo estava falando na tribuna quando o salão foi perturbado pelo grito do homem, a partir de uma janela do Instituto, no lado esquerdo da entrada. Eu tinha ido com os meus pais; estava sentado ao lado da minha mãe, quando ouvi o grito. Eu me virei para ver quem tinha gritado, mas não vi o rosto do homem. Minha mãe me disse: “foi o professor Esmeraldo”. Cascudo não se alterou, continuou falando. Ninguém deu a mínima. Na manhã do dia 18 de setembro de 2000, na entrada da Biblioteca Central do Campus, me encontrei com Juliano Siqueira, filho de Esmeraldo Siqueira e contei o episódio. Juliano disse que o fato era procedente, mas quem tinha gritado tinha sido Milton Siqueira, seu tio, e não o seu pai. Esmeraldo e Milton eram irmãos, poetas e usavam paletós.

Em 1966, na Escola Industrial de Natal - EIN, Cascudo deu uma palestra para os alunos, após receber uma comissão de alunos na sua casa, na rua Junqueira Ayres. Ele disse: amanhã eu vou lá. Se preparem”. Ele foi e fez a palestra sobre cultura e folclore, com o refeitório lotado. Foi uma zorra, no bom sentido. Todo mundo ria com Cascudo. O que falou? Não sei. E dava pra saber depois daquela risadagem toda? A partir daí, passei a “peruar” algumas aulas de Cascudo na Faculdade de Direito, na Ribeira, onde também ouvi risadagens dos acadêmicos (naquela faculdade, eu tinha uma amiga, Regina Coeli, com quem conversava muito sobre literatura).

Meus pais eram admiradores incondicionais de Luís da Câmara Cascudo. Meu pai, Manoel Genésio, militou com Cascudo, na Ação Integralista Brasileira, durante a existência do movimento verde-amarelo (1932/1937) de Plínio Salgado, um dos expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922. Minha mãe, por exemplo, colecionava os recortes da **Acta Diurna**, de **Cascudinho** publicados nos jornais **A República** e **Diário de Natal**, ao longo das décadas de 40 e 50. Cascudo, Manoel Rodrigues de Melo, Manuel Genésio, dona Nati, morreram integralistas. Quando dona Nati publicou o seu livro “Diálogo das Estrelas”, lançado na Livraria Universitária, na presença de Manoel Rodrigues de Melo, Ewerton D. Cortês, Antonio Othon Filho-Dr.Niton, Jaime Wanderley, Luiz Rabelo, Antídio Azevedo, Felipe Nery de Andrade, entre outros, Cascudo escreveu uma carta elogiosa para ela. Certa vez, no bar do sr. André Batista, em Candelária, bairro de Natal/Rn, um meu ex-professor do curso de comunicação social, perguntou-me se eu tinha alguma coisa contra Cascudo, já que tinha ouvido comentários sobre as minhas reportagens sobre o lado integralista de Cascudo. Eu respondi que não e que o meu pai era amigo e admirador do escritor. Para completar, lembrei que o prezado jornalista foi o autor da sugestão para que pesquisasse os motivos que levaram à demissão de Cascudo da Faculdade de Filosofia da Fundação José Augusto, por ato de Hélio Galvão, então presidente daquela instituição, no governo de Aluizio Alves. Não encontrei nenhum documento comprobatório sobre a saída de Luiz da Câmara Cascudo,

tendo em vista que os arquivos da FJA continuam, há muitos anos, em estado de semi-abandono.

* Luiz Gonzaga Cortez é jornalista.

